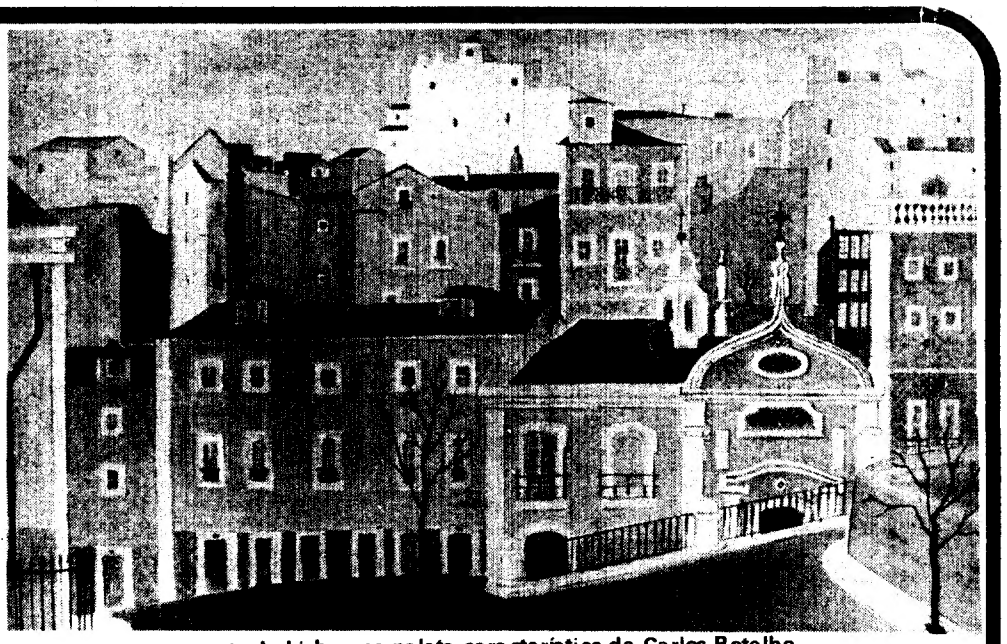
Diário de Lisboa

Janeiro 1978
Terça-feira
24
ANO 57.º
N.º 19 564
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

CARLOS BOTELHO "PINTOR DAS CIDADES"

Um óleo de 1978 na "vernissage" de logo à noite



Um recanto de Lisboa na paleta característica de Carlos Botelho

«Mais do que um pintor de Lisboa eu tenho a impressão de que sou um pintor das cidades» — disse-nos hoje Carlos Botelho a propósito da exposição individual na Galeria S. Mamede, a inaugurar esta noite.

Na «vernissage» um dos 17 óleos é já de 1978: o pintor continua a produzir no seu «atelier» dentro de uma óptica que classifica de «realista e não», porque também tem muito de «interpretação».

Em 1939 passou um mês na cidade norte-americana de San Francisco e descobriu que a metrópole californiana e a nossa Lisboa são tão parecidas que são «irmãzinhas». Havia nessa altura uma diferença

O «pintor das cidades»

sensível: San Francisco estava mais voltada para o exterior, mas de qualquer modo Lisboa, sempre segundo mestre Botelho, hoje já é «muito malandra», o que ele envolve num sorriso de malícia correspondente.

Carlos Botelho entrou paulatinamente na casa dos 70 anos pintando e desenhando. Parte significativa da produção é para a família. Mas os coleccionadores não o largam: um «Botelho» é um sinal alegre numa vida de cultura, e recentemente o gabinete de Mário Soares brindou-o com um óleo do velho e sempre novo mestre. Entretanto há «Botelhos» um pouco por toda a parte, inclusive em mãos estrangeiras.

«Estou muito feliz por continuar a pintar» — disse-nos ainda o artista. — «Se não pintasse era uma desgraça. Os dias são muito compridos!».

A sua atracção pelos aglomerados urbanos e pela vida das cidades levou-o a pintar panorâmicas de San Francisco, Nova Iorque, Veneza e Paris. Às vezes um amigo bate-lhe no ombro:

«Tu dás mesmo Nova Iorque, tu dás mesmo Paris, Botelho!».

O pintor cala-se. Apesar de tudo o que ele dá melhor é Lisboa, e para isso tem duas explicações: viveu cá a maior parte da sua vida e por outro lado Lisboa é muito fotogénica».

Os contactos de Carlucci em Lisboa excediam o âmbito diplomático (foto da direita, com Kalinine) para se imbricarem nos próprios meandros da política nacional (foto da esquerda, com Gama e Reis do PS)

Soares tenta compensar peso excessivo da direita

Mário Soares remeteu ontem para o fim desta semana quaisquer revelações sobre a constituição do Executivo PS/CDS que se propôs chefiar. As declarações do Primeiro-Ministro nomeado foram feitas à saída de uma audiência com o Presidente da República realizada para o pôr ao corrente das últimas diligências naquele sentido.

Fontes socialistas indicam que nesta altura Mário Soares estaria empenhado em contrabalançar a imagem negativa do «seu» Governo, transmitida pelo peso que nele terão as «personalidades» do CDS, com alguns nomes de socialistas com credibilidade em termos de esquerda.

O acerto quanto aos «ministeriáveis» socialistas não está ainda feito supondo-se que além de alguns nomes já em foco no anterior Governo (Cardia estaria certo) outros surgirão e poderão vir a constituir surpresa. Estas deslocações de socialistas atende também à necessidade de dar maior operacionalidade à direcção do Partido, para onde deverão transitar alguns dos ministros cessantes.

Entretanto, a «Intervenção Socialista» surgiu em cena. Jorge Sampaio, uma das suas figuras, esteve ontem na residência oficial do Primeiro-Ministro, convocado pelo próprio, encontro que se repetiu esta

Continua na pág. 20

Fala-se em Carlucci para n.º 1 da CIA

Segundo informações ontem publicadas pelo «Detroit News», e que a Casa Branca se apressou a desmentir, o ex-embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Frank Carlucci, poderia ser brevemente nomeado como substituto do almirante Stanfield Turner na direcção da Central Intelligence Agency — CIA. A notícia do «Detroit News», que um porta-voz da presidência da República afirmou não conter «nada de verdadeiro», diz que o director do Conselho de Segurança Nacional, Zbigniew Brzezinski, seria abertamente a favor da demissão de Turner e que o secretário de Estado Cyrus Vance aprovaria tacitamente a substituição, numa altura em que a Casa Branca pensa confiar ao director da CIA a supervisão do conjunto de todos os serviços de Informação norte-americanos. Caso a notícia do «Detroit News» esteja correcta, apesar do apressado desmentido, Carlucci seria, assim, o responsável pelos serviços de «segurança», informações e espionagem dos EUA, na sequência do seu trabalho em Portugal, que deixou há menos de trinta dias, e no coroamento de uma carreira diplomática que iniciou em 1956 no próprio Departamento de Estado e que depois o levou a Joanesburgo, Kinshasa, Zanzibar (de onde foi expulso), Rio de Janeiro e Lisboa.

Pelo seu lado o actual director da CIA, almirante Turner, ainda segundo o «Detroit News», exigiria ser nomeado chefe de operações navais ou presidente dos Estados-Maiores do Exército, caso seja afastado do cargo que ocupa desde a posse da Administração Carter. Turner tem sido muito criticado pela gestão que está a conduzir, nomeadamente pelo facto de ter despedido várias centenas de «especialistas de Informações».

AMARO DA COSTA AMANHÃ NO "DL"

"Não se diz na Constituição se o Socialismo é para ser cumprido em cem anos, em duzentos ou trezentos..."

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

A necessidade do comércio livre e as interferências norte-americanas, artigo de Paul Fabra é um dos temas do «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento das terças-feiras inclui ainda artigos sobre a tortura na África do Sul, a política externa do Japão com Washington e Moscovo, o surto neonazi na Alemanha Federal e a estratégia decidida pelo Partido Socialista do Chile na clandestinidade para derrubar a Junta de Pinochet.

OS BENTOS

post-scriptum

«É assim que se vai para a frente?»

Tendo como desporto favorito a caça, e porque frequentemente visito a Azambuja, tenho visto coisas que me deixam verdadeiramente perplexo. Mas o que mais me custou ver, e razão essa porque só agora me resolvi a escrever-vos, foi de um terreno, com largas dimensões, com milho que deveria ter sido apanhado há bastante tempo, o que na realidade, não aconteceu; milho esse que tanta falta nos faz. Mas o que conta não é o caso dele ter sido ou não apanhado, o que conta, é o estado lastimoso em que ele se encontra, pois está prestes a ficar todo estragado, se não se tomarem providências. As maçarocas estão a cair e a enterrarem-se na lama: é uma pena.

Agora pergunto eu: se estamos em época de austeridade e se é preciso produzir mais e mais, será assim que o País vai para a frente? Não acredito. Ou será que o País está rico a ponto de se deixar estragar aquilo que tanta falta nos faz?

José C. da Rua — LISBOA

O que se ouve nos cafés

Um tinha «O Dia», o outro a «Barricada» («Vitória de Pinochet — o povo foi claro e categórico»...). Tema de conversa: a suspensão de alunos nazi-fascistas num liceu do Porto, por provocações e violências. Um deles: — «Isto só porque puseram o retrato de Salazar e cantaram o Hino da Mocidade!». O outro: — «Estes pluralistas!...»

Dois partidários, conhecidos e confessos, do CDS. Um deles ao outro: «Se formos Governo, vamos aos ministérios e varremos os pêpêdês, um a um!...»

Apetece perguntar: Se além do CDS, o PPD também for Governo, quem será «varrido»?

Leitor devidamente identificado

RTP: basta de tanta «besteira»!

A incultura de base de jornalistas e de locutores da RTP evidencia, além do mais, os efeitos de depurações sectárias que deram lugar, é manifesto, a recrutamentos e promoções sob o signo... da «hierarquia das competências». Vê-se e ouve-se.

É, depois de Seruca, outra personagem e outro episódio já também lendários: Ribeiro Soares e as «ilhas insulares». Dizem que o locutor leu a notícia: a ser assim, à redundância grotesca, junta-se a reincidência (pena agravada!) no dislate: depois de quem o concebeu, houve quem o espalhasse — ignora ou estouvadamente — aos quatro ventos...

É, ainda, a locutora que lê Gojol (sic) por Gogol!

E finalmente aquela outra — encarnação viva da submersão da cultura «latina» sob a vaga da anglo-americanização avassaladora — que lê «foi adiado sine die...» desta maneira (oh! céus!, perdão: «by God»!) «foi adiado saine dai...»

Leitor devidamente identificado

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

A vingança de Marcelo Caetano

ALFREDO MIRANDA

Como pode o PS negar que se trata de uma coligação Quer negar o dicionário como já negou o seu programa? Pretende enganar-nos ou enganar-se?

Ao anunciar a nomeação (porque de nomeação se trata e não de verdadeira eleição) do herdeiro político de Marcelo Caetano para presidente da Assembleia da República (e logo, por inerência, substituto do Presidente da República), onde irá tirar o lugar ao velho combatente antifascista que é Vasco da Gama Fernandes, Mário Soares mostrou até onde foi a rendição dos socialistas ao cerco da direita. Autêntica rendição sem condições.

Mais uma vez, no caso de Vasco da Gama Fernandes, como noutros — v.g. Pinheiro de Azevedo (e porque não Edmundo Pedro) o PS utilizou a técnica do limão: depois de espremidos deitam-se fora.

Com o presidente do CDS como substituto do Presidente da República se este se incapacitar, resignar ou morrer, a sorte da Constituição fica nas mãos de um homem que colaborou com o fascismo, de quem se não conhece a mínima atitude democrática, que votou contra a Constituição e que não oferece garantia de a respeitar. Tratar-se-ia, se isso se verificasse, de entregar a Constituição e o regime democrático na mão dos seus inimigos.

Esta coligação representa uma violenta guinada à direita na vida política portuguesa, é a recuperação do fascismo e dos fascistas, a sua entrada pela porta grande pela mão dos socialistas. Depois deste matrimónio infausto e sacrílego (embora abençoado pela Igreja), a polarização da vida política portuguesa é inevitável. De um lado, a direita representada pelo CDS e pelo seu desmoralizado prisioneiro, do outro a esquerda representada pelo Partido Comunista, pelas organizações de trabalhadores e por grupos políticos ainda sem expressão parlamentar mas activos entre os trabalhadores. Neste pacto de direita a ausência do PPD é apenas de ocasião. Não há diferença entre o PPD e o CDS na prática política, na ideologia, na origem dos seus quadros e caciques. São ambos duas partes só aparentemente divididas da democracia cristã. Ideologicamente, no fundo, ambos vão buscar a sua inspiração (e não só), à Igreja tradicionalista, conservadora, tantos anos suporte do fascismo. Apenas por razões tácticas ainda se não formou um único partido democrata-cristão. O PPD e o CDS não estão um à esquerda e outro à direita. Estão no mesmo espaço político, ocupam a posição relativa que lhes convém no momento de acordo com a jogada. A hora da adesão do PPD à coligação já vem a caminho e a forma mais ou menos subtil e encapotada como se fará já está a ser, com toda a certeza, combinada.

É fácil de prever o que vai ser a política do próximo Governo: irá usar a repressão violenta contra os trabalhadores, manobrando com as pressões económicas e com a manipulação dos meios de comunicação. Vai ser o ataque à Reforma Agrária, às nacionalizações. A restrição das liberdades em nome da ordem. (Muito se irá nos próximos tempos invocar a ordem pública para lançar as forças públicas contra os trabalhadores. O prof. Freitas até já «proibiu» pela TV as manifestações de rua). A campanha anticomunista atingirá a histeria. As organizações de trabalhadores, em especial a CGTP não serão poupadas. A revisão da Constituição virá depois e será preparada por uma prática governamental e administrativa que fará dela letra morta. (Recordam-se do que o fascismo fez aos direitos fundamentais do Art.º 8.º da Constituição de 1933? Pois é dessa escola que vem o CDS).

A direita entrou desde logo a apresentar-se como salvadora, utilizando uma demagogia descaradíssima, mascarada de patrioteirismo. Começou com uma conversa em família (família representada na ocasião pelo Joaquim Letria) que ninguém acreditará que não foi de encomenda. Aí se fez no estilo patrioteiro de Marcelo e Salazar a apresentação do salvador da Pátria.

Ao levar deste modo ao poder os herdeiros do fascismo o PS chegou ao fim da sua função de liquidar a Revolução portuguesa. O partido do dr. Soares que foi abandonando pelo caminho como trastes velhos o seu programa, os seus militantes mais coerentes, caminha inevitavelmente para a divisão.

Depois da guerra também o Partido Socialista Italiano se aliou com a democracia-cristã italiana. Foi o seu fim como grande partido. O Partido Socialista Português também não pode fugir à sua vocação. Foi descendo de degrau em degrau, subordinou-se aos alemães e aos americanos, e agora, para se manter no poder, agarra-se aos herdeiros políticos do fascismo e do clero reaccionário.

Estes vêm desempenhar o papel de salvadores, que já andavam a ensaiar. A encenação é muito simples e nem sequer é original. Descreve a situação da Pátria em termos alarmistas e catastróficos:

. «1978 prevê-se um ano terrível»; «a situação é gravíssima»; «isto está quase a ir ao fundo»; mas tudo se vai salvar com o milagre da entrada para o Governo do CDS por obra e graça do Espírito Santo, perdão do Partido Socialista. Como para as classes da burguesia 1978 não vai ser um ano mau à custa dos trabalhadores, no fim do ano a máquina de propaganda — TV, Rádio, jornais estatizados, agora ao serviço do CDS — glorificará e cantará hossanas aos resultados obtidos graças aos salvadores.

As massas trabalhadoras, essas desertarão do partido que as atraiçoou mas isso que lhe importa se conseguirem manter por mais uns meses os seus homens de aparelho em alguns lugares?

. Em breve o PS passará a ser um mero comparsa sem influência real, fazendo o jogo que o CDS traçar. Quando este julgar necessário recorda-se de lhe imputar responsabilidades pela crise e faz cair o PS do poder.

Freitas do Amaral, o delfim de Marcelo, a quem este expressamente chamou o seu continuador, vai vingá-lo enterrando Mário Soares. Mas todos estes golpes só passarão se a dinâmica de massas ainda muito viva deixar. Este Governo, inimigo dos trabalhadores, não passará se a unidade dos trabalhadores for uma realidade. O poder não reside no Governo, reside no povo, nos trabalhadores.

420 NOVOS POSTOS DE TRABALHO

Três projectos industriais financiados pela EFTA

. Três novos projectos de financiamento a Portugal foram ontem aprovados pela Comissão Directiva do Fundo EFTA para o Desenvolvimento, somando 320 mil contos. Elevam-se, assim, a 914 milhões de escudos os financiamentos daquele Fundo em benefício de empreendimentos industriais portugueses.

Estes novos projectos contemplam a Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos, de Carcavelos, uma empresa do Norte, ligada ao fabrico de cabos eléctricos e de telefones, e a Sociedade de Construções Electromecânicas, de Leça do Balio. Prevê-se que estes financiamentos propiciem a criação de 420 novos postos de trabalho.

A reunião da EFTA efectuou-se em Genebra, na Suíça, e nela participaram representantes do Departamento de Planeamento do Ministério das Finanças, de Portugal, Ohen Gonçalves, e do Conselho de Gestão do Banco de Fomento, que é, simultaneamente, a Comissão Executiva do Fundo EFTA em Portugal, João Salgueiro.

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no «Diário da República», 1.ª série:

Conselho da Revolução: Declaração: De ter sido rectificado o mapa n.º 3.º anexo ao Decreto-Lei n.º 505.77, de 12 de Dezembro.

Presidência do Conselho de Ministros: Declaração: De ter sido rectificado o Decreto Regulamentar n.º 84/77, publicado no Diário da República, 1.ª série, n.º 289, de 16 de Dezembro de 1977.

Ministério das Finanças: Despacho Normativo n.º 20/78: Determina as disposições sobre a competência do Instituto Nacional de Seguros no desempenho das funções do Gabinete Português do Certificado Internacional de Seguro de Automóveis.

Ministério dos Negócios Estrangeiros: Aviso: Torna público ter o Governo do Chade depositado o instrumento de adesão à Convenção sobre Relações Diplomáticas.

Ministérios da Agricultura e Pescas e dos Transportes e Comunicações: Despacho Normativo n.º 21/78: Determina que os inscritos marítimos podem exercer eventualmente a sua actividade, ainda que à sua categoria corresponda outro género de navegação. Despacho Normativo n.º 22/78: Determina o critério em que devem ser passadas cartas dos termos dos exames relativos a categorias de marítimos.

Ministério da Indústria e Tecnologia: Portaria n.º 48/78: Aprova como norma definitiva o estudo E-1993 com o n.º NP-1538.

Região Autónoma dos Açores: Governo Regional: Decreto Regulamentar Regional n.º 2/78/A: Autoriza o Governo Regional a adquirir mobiliário para as habitações pertencentes à Região ou por ela arrendadas destinadas à finalidade prevista no artigo 6.º do Decreto Regional n.º 2/77/A, de 17 de Maio.

NÃO FUME
EM RECINTOS DESPORTIVOS FECHADOS

ponto a ponto

O general Ramalho Eanes, que desde 1976 ocupa a Presidência da República, completa amanhã 43 anos de idade. Parte do dia será preenchido pelo general Eanes com a reunião semanal do Conselho da Revolução.

Mota Pinto, ministro cessante do Comércio e Turismo, foi nomeado professor catedrático de Ciências Jurídias da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, de acordo com um despacho daquela universidade, hoje inserto no jornal oficial.

Kaúlza de Arriaga, o «chefe» do MIRN, encontra-se em Madrid, de onde regressa depois de amanhã. Um comunicado daquela organização de extrema-direita diz que Arriaga participa na capital espanhola, «com outros políticos europeus, em importante reunião». Como se sabe Madrid continua a ser sede de diversas organizações de extrema-direita internacionais, integradas na «internacional fascista».

A actriz Sónia Braga, mais conhecida em Portugal pelo desempenho do papel de «Gabriela» na fotonovela da Televisão, concluiu, ontem, os seus contactos com o público no nosso país com uma sessão de autógrafos em Grândola.

Durante a sua estada em Portugal, feita a convite de uma empresa comercial que colaborou na sua deslocação a várias cidades e vilas do Norte, Centro e Sul do País, a actriz brasileira participou em espectáculos e, sobretudo, em diversas sessões de autógrafos.

CONVENÇÃO DA ESQUERDA SOCIALISTA E DEMOCRÁTICA

UMA EXPLICAÇÃO

César Oliveira

1. Em artigo publicado no «DL» numa das semanas deste mês procurámos abordar um «fenómeno» que ocorre na sociedade portuguesa com particular relevância desde o discurso do Presidente da República a 15 de Outubro passado: **a recomposição política e a reestruturação social das organizações partidárias actuantes na sociedade portuguesa.**

Dissemos, no artigo aludido, que a «crise da Revolução» — **a impossibilidade de ao nível do poder político tanto o «campo» das forças populares como o «campo» das forças capitalistas poderem, no quadro relativamente institucionalizado desta democracia, propor e manter alternativas de governo e de poder estáveis** — parece estar a provocar dois fenómenos convergentes; um, o de uma redefinição e de uma reidentificação dos partidos, ante a opinião pública e o eleitorado nomeadamente no que respeita às suas práticas e aos seus projectos políticos reais; outro, de mais difícil análise, referente às implicações desse complexo processo de recomposição na reestruturação das bases sociais de apoio às diferentes expressões partidárias. Deixemos, por ora, a análise das incidências dos «fenómenos» referidos nas forças da direita (a parlamentar e a extraparlamentar) para nos determos no que está a passar-se num importante sector da esquerda portuguesa.

2. Durante o período que decorreu entre 25 de Abril de 74 e 25 de Novembro de 75 — período das «roturas revolucionárias» que conduziram às transformações estruturais da sociedade portuguesa, à destruição (transitória ?) do capital monopolista, à desarticulação do sistema capitalista e a uma descolonização radical não houve possibilidade de dotar o movimento de massas e, sobretudo, boa parte das suas componentes sociais de uma direcção política que assegurasse não apenas a estratégia e as mediações tácticas de um projecto socialista como também a necessária adequação entre esse projecto político e a especificidade da sociedade portuguesa, saída do fascismo e do colonialismo numa posição bem determinada no plano geopolítico. Por outro lado, boa parte — senão mesmo a parte socialmente mais significativa — do bloco social de apoio a uma transição para o socialismo foi aglutinada em torno de um programa e de um projecto político (o P.S.) que não encontrou na sua direcção o instrumento de execução adequado, antes essa mesma direcção — como é agora claramente visível — o subverteu e imolou a uma prática que, em muitos aspectos, nem chega a ser social-democrata.

A um outro plano, às inflexões tácticas do PCP ao longo destes quase quatro anos (desde o período do Verão de 74 à FUR, às manifestações sectárias contra o PS em 19 de Julho de 75, às moderações recentes) não correspondeu a clareza de um projecto político que para a sociedade portuguesa definisse um modelo autónomo de democracia socialista face aos modelos em vigor no Leste Europeu. Daqui decorre que, sendo o PCP um elemento indispensável num processo de transição para o socialismo e sendo de facto uma importante força dos trabalhadores e do movimento operário, existem na sociedade portuguesa largas camadas da população — que se não reconhecem no PCP.

Por outro lado, todo o processo político vivido em Portugal, decorrendo em condições que há largas dezenas de anos se não verificavam na Europa Ocidental, demonstrou «verdades» que conduziram ao fracasso, e à completa perda de relevância daqueles sectores políticos que ou adeptos da construção de um «verdadeiro partido da classe operária» ou defensores da viabilidade de uma insurreição popular (armada ou baseada em «contrapoderes» organizados), tiveram alguma expressão no corpo social do país.

Pode assim afirmar-se que estes quase quatro anos são o resumo concentrado do fracasso de estratégias políticas que mais não fizeram do que tentar reproduzir na sociedade portuguesa esquemas que resultam ou da aplicação mecanicista de modelos que a realidade portuguesa não comporta (a social-democracia ou os modelos de socialismo do Leste Europeu) ou da tentativa de reproduzir num país da Europa Ocidental mecanismos revolucionários que pertencem a situações concretas que pouco ou nada têm a ver com uma formação social que, como a portuguesa, se insere num contexto que não é o da Rússia Czarista, o da China, o da Albânia de 45, o de Cuba de 56, etc.

Mas o fracasso mais importante na perspectiva a que nos referimos no início deste artigo — o da recomposição das forças político-sociais da esquerda portuguesa — é o do PS como organização alternativa à social-democracia e aos modelos do Leste Europeu; mesmo como a social-democracia organizada o Partido Socialista fracassou como o demonstra a prática política do I.º Governo Constitucional que parece ter conduzido a uma coligação PS/CDS, disfarçada sob o nome «subtil» de base

PS + Personalidades, como o demonstra também a falência do Documento Gonelha e o desaparecimento, quase completo, do PS do movimento sindical. E o fracasso do PS como organização social-democrata — fracasso porque impossibilidade da hegemonia da social-democracia na sociedade portuguesa — se é contínuo, no tempo, ao fracasso do PS como alternativa à social-democracia e aos estalinismos, resulta também de condições concretas e objectivas da própria sociedade portuguesa. Na verdade, a social-democracia (a sua prática partidária e os seus governos) corresponde aos países da Europa Ocidental que constituíram o centro de arranque e desenvolvimento do capitalismo e onde burguesias nacionais poderosas se podiam permitir o «luxo» de uma repartição de riquezas que, condicionando o movimento operário, impedia sobretudo que este pusesse em causa a sua base de sustenção, a propriedade privada dos principais meios de produção e a hegemonia dos interesses dessas mesmas burguesias à escala planetária e, particularmente, na Europa Mediterrânica. Não há em Portugal essa burguesia nacional poderosa não apenas por razões estruturais resultantes do modo de implantação e desenvolvimento do capitalismo em Portugal como também pela subalternidade e dependência históricas (e «crónicas») da própria burguesia portuguesa, no quadro do capitalismo europeu e mundial.

3. É neste quadro para cuja caracterização político-social procurámos carrear elementos de compreensão que surge a **Convenção Nacional da Esquerda Socialista e Democrática.** Ela surge para criar um movimento que corresponde à existência de um **vazio político** que resulta, simultaneamente, da conjugação de três factores:

a) da realidade estrutural e política da sociedade portuguesa onde assumem particular relevância sejam os estra-

Continua na pág. 4

política de A a Z

OPOSIÇÃO SELECTIVA

O professor António Sousa Franco, entrevistado por Joaquim Letria, dissertou sobre as virtudes do PSD, os males nacionais, a incoerência do «casamento de conveniência» entre o PS e o CDS. E ao Governo que aí vem — finalmente! — após demorados, lentos, difíceis, trabalhos de parto, em nome dos «sociais-democratas» do PSD (ex-PPD), prometeu uma «oposição selectiva».

A «oposição sistemática» não seria de aconselhar. Não está excluído, à partida, que o governante «ex-convergente» se mantenha fiel ao entendimento que teve com o PSD, nem será impossível que alguns ministros originários do PS, ou no PS oportunamente filiados, se mantenham abertos à inspiração estival de Nafarros: «**designadamente** o PSD».

Anunciando uma atitude de «oposição selectiva», como sempre tem sucedido nas suas declarações, o professor Sousa Franco mostra-se um interlocutor político, determinado nas suas opiniões, ortodoxo no seu «social-democratismo» a resvalar para um neocapitalismo socialmente preocupado, mas mais responsável, mais sereno, mais lúcido, que o irrequieto e ambicioso «chefe» do PSD.

Registe-se que, uma vez mais, nas vésperas do Congresso do PSD, se fala de uma doença do dr. Francisco Sá Carneiro e que uma explicação ligada ao seu estado de saúde corre para justificar a eventualidade de uma retirada, possivelmente táctica, que converteria o «chefe» para todos em «reserva do partido», para alguns em «reserva da República».

Flutua, na prática, o prestígio de Francisco Sá Carneiro, teoricamente apoiado pelas legiões nortenhas, pelos caciques tradicionais; ascende, efectivamente, o prestígio de António Sousa Franco, homem da primeira fila da inteligência do partido, dirigente no qual se reconhecem os tecnocratas neocapitalistas, tantos deles recrutas do desenvolvimentismo marcelista, e reconhecem-se em Sousa Franco forças de tradição e do conservantismo social. Consequentemente, e porque não deveremos confundir um certo «conservadorismo» com o totalitarismo fascista ou fascizante», Sousa Franco prega os bons costumes e o rigor administrativo; consequentemente apresenta-se ao vasto público da RTP como um homem de ordem e de compreensão; consequentemente preconiza em relação ao Governo — a essa rebelde mistura de azeite e de vinagre que o gosto português não dispensa em certos pratos — uma atitude de «oposição selectiva».

UM GOVERNO DE COMPOSIÇÃO COMPLEXA

Claro que quando o professor Sousa Franco, presidente em exercício do PSD, fala de «oposição selectiva», está a exprimir, da sua parte e da parte dos «sociais-democratas», a esperança de que nalguns pontos, em relação a algumas concretas medidas administrativas e legislativas, a governação corresponda a opiniões que o PSD partilhe ou possa subscrever. Essa é a razão, no fundo, que leva Sousa Franco a prever a possibilidade de uma «oposição» que não seja constante, sistemática, frontal.

Mas a atitude do PSD exige que dela a «esquerda» (democrática e socialista, incluindo a esquerda do PS) tenha uma interpretação adequada: o PSD não perdeu a esperança de se reconhecer nalgumas das orientações, das decisões, das medidas concretas que virão a ser adoptadas pelo «Governo de base PS com personalidades CDS». E aqui teremos que distinguir: as intenções de alguns governantes e a orientação que serão obrigados a adoptar por uma correlação de forças que se vai modificar, pelo movimento interno nas bases dos partidos da «coligação» (que não é «coligação») e pela movimentação reivindicativa social (e política) de largas camadas populacionais (e não só da classe operária). Mais: não estará, igualmente, excluída a possibilidade de um CDS, deslocado da «direita» para o «centro», entrar em competição «populista» com os «socialistas» do Governo. Não estará, excluído que, perdida a liderança da «direita», assumindo o papel «centrista» que a Igreja gostará de ver reservado aos «democratas-cristãos», os governantes CDS se empenhem num «desafio reformista» ao Partido Socialista.

A previsão desta possibilidade concorrencial explica, talvez, a firmeza com que o Partido Socialista recusou ao CDS certas posições-chave relativas à «ordem interna». Explica, também, a promoção de valores socialistas mais considerados pela fidelidade ao PS do que pela projecção política nacional.

UM PARTIDO ÓRFÃO?

Aspecto negativo, e triste, da realidade política portuguesa será o de os «partidos políticos» considerarem necessário prevalecerem-se de apoios internacionais, directos ou indirectos. Neste «casamento de conveniência» que ainda não deixou de nos surpreender, nem de inspirar remoques de procedência diversa e de convergente azedume, houve já quem denotasse a situação análoga dos «noivos»: o PS apadrinhado pela Internacional Socialista, o CDS apadrinhado pela União Europeia das Democracias Cristãs. Daí concluir-se que os bons «padrinhos» terão contribuído para a boda e prometido generoso dote. Não se esqueça a confiança do professor Freitas do Amaral, o modo confiante como, ajeitando os punhos, falava de «arregaçar as mangas». Os «padrinhos» velam. A Europa sorri, maternal, compreensiva, indulgente, mas firme nas suas condições a que filialmente nos deveremos submeter.

Mas porque CDS e PS são interlocutores de «uma Europa» e para a Europa, nestas andanças de «cerco» e de «movimento ofensivo», de «moção de desconfiança» e de «confiante reencontro», de «desgoverno» e de «governo», o orgulhoso e polémico PSD, apesar das internacionais aberturas, fez a triste figura de «órfão». Nem Sá Carneiro, nem Kaúlza, nem Pinheiro de Azevedo, têm apoios europeus e internacionais que compensem o peso, e a generosidade, dos «padrinhos» do PS e do CDS.

Esta é, também, uma lição a reter de uma crise que não está ultrapassada.

Pub

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

Comunica-se a todos os sócios dos Concelhos de :

— **SOBRAL DE MONTE AGRAÇO;**
— **MAFRA;**
— **ARRUDA DOS VINHOS;**
— **CADAVAL;**
— **LOURINHÃ;**
— **ALENQUER;**
— **AZAMBUJA;**

que, embora tenham recebido o postal para votarem no Pavilhão dos Desportos, podem fazê-lo em :

— **TORRES VEDRAS**
ou
— **ALHANDRA.**

Se assim fôr, o voto será recebido pela respectiva Mesa em envelope fechado.

Lisboa, 23-1-78

pela **Mesa da Comissão Eleitoral**
(Assinatura ilegível)

Pub

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

Todos à Concentração dia 25 (quarta-feira) S. Bento às 19.30 horas

Para entregar ao Presidente da Assembleia da República e ao Primeiro-Ministro o abaixo-assinado à população, de apoio à luta dos professores, exigindo a abertura de negociações com os sindicatos.

NA UNIDADE A NOSSA FORÇA!
NÃO AO DESEMPREGO, ENSINO PARA TODOS!
PROFESSORES TÊM RAZÃO; EXIGEM NEGOCIAÇÃO!

(a) A DIRECÇÃO

Pub

SINDICATO LIVRE DO NORTE DOS TRABALHADORES DE ARMAZÉM
CCT-IMPORTADORES/ARMAZENISTAS DE PRODUTOS QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS

PLENÁRIO

DIA 25 DE JANEIRO ÀS 21.30 HORAS

Convocam-se todos os trabalhadores de Armazém deste sector, e Delegados Sindicais, para um Plenário a realizar na sede do Sindicato à Rua de Camões n.º 219 – 6.º andar, com a seguite

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Análise e discussão do anteprojecto da proposta de revisão do CCT.

A DIRECÇÃO

CESD: UMA EXPLICAÇÃO

Continuação da pág. 3

tos democráticos da pequena burguesia assalariada e proprietária sejam sectores do operariado que se não reconhecem na prática social-democrática do PS e não são mobilizáveis pelo PCP.

b) Do fracasso do Partido Socialista como alternativa à social-democracia e ao projecto do PCP.

c) Da maturidade e da acumulação consciente de uma experiência adquirida por sectores políticos e sociais politamente mais esclarecidos que resulta dos erros e dos fracassos a que conduziram tentativas organizativas que assentavam em pressupostos teóricos inadequados à sociedade portuguesa, eivados de um mecanicismo que a própria prática política e a reflexão sobre o passado recente comprovaram.

Não é, assim, por acaso ou voluntarismo ou «birra» pessoal que muitas largas centenas de militantes meteram ombros à realização da **Convenção da Esquerda Socialista e Democrática** para criarem um movimento político capaz de constituir uma alternativa organizada e mobilizadora para as camadas da população portuguesa que, interessadas na consolidação e aprofundamento do projecto constitucional, se não reconhecem nos partidos que integram à esquerda o leque partidário. O novo movimento político, a criar em 28 e 29 de Janeiro na Convenção corresponde, de facto, a uma necessidade objectiva que, de resto, a prática sindical da Fraternidade Operária — prática autónoma e diferenciada da de outras forças — tem claramente comprovado.

O novo movimento assenta, simultaneamente, numa série de recusas e numa série de afirmações claras. A mais importante das recusas é não apenas fruto de posições ideológicas como também o resultado desta experiência acumulada e consciente destes quase quatro anos post-25 de Abril: recusam-se como projecto para a sociedade portuguesa e no quadro supranacional da Europa Mediterrânica, a social-democracia, os modelos do Leste Europeu, as concepções que procuram tudo fazer depender da existência de um «verdadeiro partido da classe operária» ou da aplicação das teses bochevistas da tomada do poder assim como também das várias expressões políticas que podem assumir as teses insurreccionais. E estas recusas não são fruto de um qualquer voluntarismo: elas **foram práticas e projectos com realidades e implantações quantitativamente diversas mas reais ao longo do processo desencadeado pela Revolução de Abril.**

Por outro lado, o projecto político que, depois de aprovado na Convenção, balizará a actuação política do novo movimento, gira, no essencial, em torno dos seguintes pontos:

a) entende-se o marxismo como uma metodologia de análise e intervenção política criativas, o que significa potencializá-lo para elaborar, a cada instante e em cada fase da luta pelo socialismo democrático, a estratégia e as mediações tácticas que decorrem, não de uma visão cristalizada, monolítica e manualística do marxismo, mas das incidências reais da luta de classes na especificidade da sociedade portuguesa e das condições particulares que nela obrigam a pensar um modelo alternativo e autónomo de uma democracia socialista;

b) considera-se que o bloco social de apoio a um processo de transição para o socialismo se exprime, politicamente, através de várias organizações, o que significa «cortar» com as concepções leninistas que levam **ao partido único e, simultaneamente, afirmar a necessidade de definir o quadro de uma luta unitária que, salvaguardando a autonomia ideológica e organizativa dessa pluralidade de expressões, implica um esforço para unificar as correntes político-ideológicas com implantação nas fracções que integram o bloco social de apoio à luta pela democracia socialista;**

c) Entende-se que não poderá haver transição para o socialismo num quadro que exclua a democracia política e, esta, entende-se não apenas como a democracia representativa baseada no sufrágio universal como a democracia de base ao nível do local de trabalho, do local de habitação e das autarquias locais, de cuja harmonização resultará a correcção das formas esclerosadas do parlamentarismo.

d) considera-se que a propriedade social dos principais meios de produção (respeitando-se a propriedade camponesa e a propriedade privada das unidades produtivas e comerciais de pequena dimensão) a planificação democrática da economia (o que pressupõe a transformação do aparelho de estado) e a autogestão são as pedras angulares da democracia socialista e do poder democrático dos trabalhadores organizados.

4. Posto isto interessa afirmar que o novo movimento — como julgo ter mostrado — se insere, exactamente, na perspectiva do projecto constitucional procurando, pela sua prática, reforçar ao nível social a aliança, entre diversas fracções da população que a consolidação e o aprofundamento daquele projecto, exige. Prática política que trará, pelas razões atrás expostas, o reforço da esquerda. Reforço da esquerda que decorre não apenas de fazer corresponder aos estratos da população que hoje se não reconhecem no PS e que o PCP também não pode mobilizar, uma organização política dotada de um projecto político e de um programa autónomos mas claramente diferenciados de outros com incidência relevante na sociedade portuguesa, reforço da esquerda porque se pensa que a luta pela democracia e pelo socialismo exige o entendimento e o acordo entre as forças de esquerda em vez da guerra entre elas ou das práticas sectárias daqueles que pensam e agem em nome de todo um bloco social que não podem jamais, e por si só, representar. Reforço da esquerda porque o crescimento e implantação do novo movimento não pressupõem a destruição de qualquer força.

Haverá, por certo, sectores de reduzida expressão política e social que, pertencendo à área política onde se situa o novo movimento, não participam na **Convenção** nem virão a integrar, nos tempos mais próximos, o novo movimento político. Esperanças que cada dia menos se confirmam de uma reconversão do PS a uma prática consentânea com o projecto constitucional, medo de assumir riscos que a responsabilidade de organizar e construir um movimento que é já e à partida uma força sindical importante, isolacionismo ou divergências de análise da actual fase da luta pelo socialismo, são outros tantos factores que explicam algumas ausências, pouco significativas de resto, nos trabalhos preparatórios da Convenção que se realiza em 28 e 29 deste mês. Qual a alternativa porém a esta, a de meter ombros à organização de um novo movimento político? Esperar que um milagre reconvertesse as forças políticas em presença, desmobilizando ainda mais sectores da população indispensáveis à luta pelo socialismo? Mero atentismo ante a ofensiva da direita? Se esta perspectiva tivesse sido concretizada qual seria, hoje, a situação do movimento sindical? Certamente outra bem diferente da que permitiu derrotar de forma completa a «estratégia Gonelha»...

Por outro lado, algumas vozes tendem a situar os riscos que o novo movimento comporta seja nos perigos de vir «dividir a esquerda» seja nos riscos do «esquerdismo». Faz-se aqui, apenas e tão-só, um processo de intenções que a prática não tem provado, antes bem pelo contrário se pode afirmar que um e outro dos perigos aludidos que se atribuem ao novo movimento têm sido bem claramente desmentidos pela FO que foi o «motor» principal da dinâmica que conduziu à realização da Convenção. Riscos, have-los-á, certamente, mas, sobretudo, resultantes das dificuldades materiais de quem não hipoteca a sua completa independência e do esforço de mobilizar e organizar sectores da população numa fase de defensiva do movimento popular. O êxito da preparação da Convenção, as adesões sucessivas de conhecidos intelectuais, dirigentes sindicais e militantes em todo o território nacional, a correcção comprovada da prática política e sindical da FO, o êxito crescente de dezenas e dezenas de sessões realizadas nos mais diversos pontos de Portugal e a coerência de um projecto político que corresponde aos anseios e aspirações de largos sectores da população garantem, isso sim, que se riscos existem eles não são os decorrentes da inexistência de condições políticas e de «espaço social» ou de divisionismo da esquerda ou de práticas esquerdistas e irresponsáveis.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Conselho de Imprensa escolhe o director de "O Dia" para elaborar relatório europeu

O Conselho de Imprensa, indicou o director do diário da manhã «O Dia» para integrar a Comissão «ad hoc» da SECS encarregada de elaborar um relatório sobre a estrutura e situação dos «mass media» portugueses, a pedido do Conselho da Europa.

Esta decisão, foi tomada na reunião de ontem do Conselho de Imprensa, onde foi também apreciado o projecto de lei do PSD sobre o CI, publicado no suplemento ao número 106 do Diário da Assembleia da República. O CI não tornou pública a sua opinião sobre aquele projecto de diploma legislativo.

Foi ainda apreciada uma queixa do deputado do PSD Nandim de Carvalho, contra o deputado PS João Gomes, na sua qualidade de director do «Diário de Notícias». Razão: recusa da publicação de resposta a uma notícia subordinada ao título «Comício em Vila Franca de Xira-PSD pretende recuperar democratas do PS e CDS», publicada naquele jornal em 18 de Junho de 1977. O Conselho de Imprensa, deliberou considerar a queixa improcedente não deixando de observar que, nos termos do n.º 7 do Art.º 16, da Lei de Imprensa, o «Diário de Notícias» deveria ter recusado a publicação de uma segunda resposta, como havia já feito com um primeiro pedido de resposta do queixoso.

Responsáveis da "Newsweek" reunidos no Algarve

Estão reunidos no Algarve os responsáveis pela edição internacional da revista norte-americana «Newsweek», encontrando-se entre os visitantes o vice-presidente da revista, Mark Edmiston, e o director de vendas, Michael Bryant.

A Newsweek foi fundada em 1933 e vende-se actualmente em 160 países. A sua tiragem nos Estados Unidos é de quase três milhões de exemplares; a edição internacional vende 430 mil, mais de metade dos quais na Europa, África e Médio-Oriente.

A edição internacional deste semanário norte-americano aumentou, nos últimos quatro anos, em 81 por cento a receita de publicidade e em 61 por cento a receita das vendas.

A reunião do Algarve visa fazer o ponto da situação comercial da edição internacional, nomeadamente a manutenção favorável da taxa de lucros, sentidos a partir da reorganização em 1973.

Bolsas da Europa para licenciados em Direito

Licenciados em direito, que se dediquem a investigação criminológica, podem apresentar no gabinete do Ministro da Justiça, até 5 de Fevereiro, candidaturas para bolsas que o Conselho da Europa concede, em cada ano, para frequência de estágios no estrangeiro.

Os estágios visam o estudo dos objectivos e métodos adoptados nos países membros do C.E., em matéria de investigação criminológica e a participação em projectos de investigação de interesse europeu.

Candidaturas de licenciados em Direito para bolsas de estudo, também do C.E., para investigação de Direito Europeu e Direito de estados membros numa perspectiva de Direito Comparado, podem ser apresentadas até ao dia 15 de Fevereiro.

SOUSA FRANCO NA TELEVISÃO:

"Boa sorte ao Governo" e "vamos esperar para ver"

«Vamos esperar para ver», «desejamos boa sorte ao Governo» e se este falhar, «não esfregaremos as mãos, mas colocar-nos-emos à disposição para encontrar uma nova alternativa» — afirmou o presidente interino do PSD, Sousa Franco, ontem à noite na Televisão. O actual líder do Partido Social-Democrata anunciou e entre outras coisas ainda que, «faremos oposição selectiva, não destrutiva» ao Governo que sair do acordo PS-CDS.

A entrevista (feita pelo jornalista Joaquim Letria) prosseguiu uma série delas com as primeiras figuras dos quatros principais partidos políticos portugueses (já tinham sido entrevistados Freitas do Amaral, do CDS, e Álvaro Cunhal do PCP) e versou alguns dos problemas que se levantam na actual situação. Para lembrarmos uma expressão do próprio Sousa Franco aqui há duas semanas aos jornalistas em Belém, poderá dizer-se que a posição do sucessor temporário (?) de Sá Carneiro na liderança do PSD se mostrou de um «pessimismo moderado» em relação à situação, à solução encontrada para o problema do Governo e às perspectivas que se abrem ao elenco governativo que Mário Soares dentro de dias vai anunciar.

Constante das declarações de Sousa Franco: para o dirigente social-democrata é ao PS que cabem as maiores responsabilidades no não encontro duma plataforma de um mais amplo entendimento interpartidário. Sousa Franco pôs em questão também o CDS, acusando-o, entre outras coisas, de ter rompido o pacto de consultas mútuas em tempos firmado e de que resultou a chamada «convergência democrática».

«Não somos meninos birrentos — disse o primeiro nome do PSD. — Se o Governo encontrar meios para resolver os principais problemas dos portugueses, evidentemente que não nos iremos opor. Mas à partida, tenho dúvidas sobre a coerência e eficácia deste projecto, que é um compromisso vago, que representa um novo esquema de ocupação do Poder, mas não uma nova política».

Para Sousa Franco, o PS e o CDS poderão elaborar um programa com muitos dos nossos «não», mas não, concerteza com todos os nossos «sins», como já se viu pelo acordo assinado». Quanto a este, não é claro aí — disse — um compromisso fundamental, e o PS oscila entre aquilo a que chamou «medidas liberais» e «disposições colectivistas do tipo marxista». A solução ideal, para o PSD, continuaria a ser uma coligação apoiada num acordo entre os três partidos — de parte o PCP. Sousa Franco lembrou um momento em que este acordo pareceu possível: quando se anunciou (o PS anunciou) a inviabilidade de acordo entre socialistas e comunistas. O líder do PSD evocou o período de negociações, pondo em questão a tática seguida sobretudo pela equipa negociadora dos socialistas. Segundo Sousa Franco, só o PSD, evidente, foi coerente e íntegro no decurso das negociações.

E daí, talvez não: o actual líder do PSD não o disse, mas tê-lo-á deixado subentender quando aludiu à alternativa que se põe aos portugueses quanto aos programas políticos: «ou só o PS e o CDS se terão servido de recursos pouco coerentes para participarem nas negociações. Sousa Franco não citou o PCP, mas citou o programa deste: «ou o programa do Partido Comunista, ou o nosso» — disse. Haverá ainda uma terceira alternativa, esta uma ditadura de direita — muito remota ainda e por enquanto, mas que Sousa Franco desde logo repudiou. Segundo o dirigente social-democrata, a social-democracia (a proposta social-democrata para o futuro político do País) está no PSD, e do acordo programático (possível, com coerência e coesão?) entre o PSD e o CDS não saem direcções políticas classificáveis como tal: «O novo Governo não poderá nunca seguir uma orientação social-democrata» — sentenciou.

SÁ CARNEIRO

No final da entrevista, Sousa Franco, foi posto perante os problemas internos do seu partido. O PSD — disse, instado — está a crescer, mercê da sua coerência e de consequentes, afluências quer da direita (CDS) quer da esquerda (PS). Verifica-se «um afluxo de apoio conjunto ao nível dos quadros e das classes populares» — acrescentou.

Falou-se do próximo Congresso e de Sá Carneiro, inevitavelmente. Aqui Sousa Franco, esquivou-se a considerações directas acerca do que poderá vir a acontecer atalhando desde logo que da reunião do próximo domingo no Porto vai resultar uma unidade interna maior no PSD. Quanto a Sá Carneiro, Sousa Franco declarou-se amigo pessoal dele e desejou que este «verdadeiro social-democrata» «dê ao seu partido o «contributo imprescindível» que o seu partido espera dele.

Por todos os pontos do País trabalhadores e democratas repudiam acesso do CDS ao Poder

A coligação do PS com o CDS para a formação do II Governo Constitucional continua a desencadear uma onda de repúdio nas classes trabalhadoras, significativa de que, se o futuro Governo poderá utilizar a repressão para governar, como de resto já foi amplamente demonstrado pelo governo cessante, nomeadamente na zona da Reforma Agrária, a mobilização dos trabalhadores para as tarefas da construção de um País novo não se apresentam viáveis a uma tal coligação. Cada vez mais firmemente os trabalhadores fazem sentir aos órgãos institucionalizado que estão dispostas a assumir a tarefa da recuperação económica na perspectiva que a Constituição aponta, mas não a reconstrução dos grandes monopólios, como a direita pretende.

Para o **Sindicato dos Ferroviários do Centro** «a hipótese da formação de um Governo PS/CDS que se desenha, não pode deixar de ter «o mais vivo repúdio de todos os trabalhadores portugueses». Afirmam que uma aliança entre o PS «e um partido abertamente reaccionário, representante dos interesses dos agrários e capitalistas, acompanhado de uma coligação a nível governamental, ao invés de criar um clima propício à recuperação económica, será um factor de desestabilização da situação política e social, por não corresponder à situação real e ao querer do Povo português». Salientam ainda que o CDS no Governo «é a certeza de que a Constituição não será aplicada, as conquistas dos trabalhadores serão atacadas mais ferozmente, as liberdades serão restringidas, a recuperação capitalista continuará e os trabalhadores verão diminuido ainda mais o seu nível de vida».

A **secção Regional do Sul do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira** em moção aprovada em assembleia geral por maioria apenas com uma abstenção, decidiram «repudiar as tentativas de formação de um Governo com a participação de forças que votaram contra a Constituição da República Portuguesa» e «apelar a todos os trabalhadores que reforcem a sua unidade e organização e vigilância, e erguer o seu mais vivo repúdio pela participação no Governo de forças reaccionárias e fascistas».

A **Comissão Sindical da Covina** decidiu «repudiar a formação de um Governo com a participação do CDS» e afirma tudo fazer para mobilizar os trabalhadores para a recuperação da Economia Nacional, mas numa perspectiva de uma sociedade mais justa rumo ao socialismo e nunca para encher os bolsos àqueles que durante 48 anos foram os nossos opressores e exploradores».

A **Comissão de Trabalhadores da Empresa de Petroquímica e Gás, EP** manifesta-se disposta a lutar «para que se mantenham inalienáveis os direitos da classe trabalhadora, na defesa intransigente da Constituição que o CDS combate, contra a qual não hesitou em votar na Assembleia da República».

Por sua vez os militantes da **Base-FUT**, durante o plenário que realizaram no Porto, no último fim-de-semana, consideraram que «o acordo PS/CDS e o novo Governo são um atentado à Constituição, à existência de Portugal como País livre e soberano e à própria democracia e liberdade» e que «ficou demonstrado o que é a democracia burguesa e até que ponto pode ir a delegação de poderes». Afirmam ainda que o «PS rasgou o seu programa e adoptou uma política burguesa capitalista» e que o acordo com o CDS mostra à evidência o que é o PS e qual o seu papel de ponta de lança dos interesses sobretudo da RFA e a garantia da estratégia imperialista dos Estados Unidos para a Europa».

Os trabalhadores da Sorefame, reunidos ontem em plenário, manifestaram o seu mais vivo repúdio à entrada de um partido reaccionário para o Governo, partido esse que votou contra a Constituição e que tem por objectivo supremo a sua destruição» e decidiram manifestar ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução e à Assembleia da República a sua justa apreensão pela formação de um Governo que não dá nenhumas garantias de realizar o projecto democrático consignado na Constituição».

Além destas, são de tal modo numerosas as tomadas de posição de trabalhadores, organizações populares e simples democratas de todos os pontos do País que tornam impossível a referência a todos.

PARA ENTRAR NO GOVERNO

CDS reúne Secretariado

Anunciada para ontem, foi entretanto adiada para hoje a reunião do Secretariado do CDS, convocada para análise da situação política actual. Um informador do partido centrista disse que o encontro deverá dar lugar à discussão de problemas relacionados com a formação do novo Governo, onde o Partido do Centro vai participar.

O mesmo informador declarou ainda (à ANOP) que «não surgiram quaisquer dificuldades de última hora». Outro informador — ou o mesmo: Ribeiro e Castro — diz ao «Diário de Notícias» na sua edição de hoje que «a existirem dificuldades, elas não comprometem o acordo existente entre os dois partidos», o CDS e o PS.

PSD da Madeira no Congresso do Porto

Os sociais-democratas das ilhas estarão em força no próximo Congresso do PSD no Porto, que se realiza no próximo fim-de-semana.

Por toda esta semana devem chegar o presidente da Assembleia Regional da Madeira, Emanuel Rodrigues, o presidente do Governo Regional Ornelas Camacho e vários secretários regionais.

Para além dos membros dos principais órgãos partidários madeirenses, deverão ainda vir da Madeira os deputados à Assembleia da República e à Assembleia Regional e ainda uma delegação da organização local da Juventude Social-Democrata e os presidentes da câmara eleitos por aquele Partido.

Na GOLEGÃ o «DL» é vendido por CUNHA E DUARTE, LD. — Larg. 5 de Outubro, 23

AÇORES

Monjardino não quer ser ministro da República

HORTA, 24 (ANOP) — Numa entrevista ao Emissor Regional da Radiodifusão o presidente da Assembleia Regional Álvaro Monjardino, sublinhou que não aceitaria um convite para vir a ser ministro da República nos Açores. «É hipótese a pôr de parte definitivamente» — disse.

Na Imprensa local alguns articulistas tinham alvitrado que Monjardino poderia ser pessoa indicada para ocupar o cargo a deixar eventualmente em aberto pelo general Galvão de Figueiredo.

Entretanto no próximo dia 13 de Fevereiro reúne na Horta a assembleia regional a fim de apreciar uma proposta de lei sobre a entrada em vigor no arquipélago dos diplomas emanados dos órgãos de soberania e uma proposta de decreto regional sobre bonificação das taxas de juro, além de outros documentos.

Uma proposta de decreto sobre a criação de um Fundo Regional de Abastecimentos e uma proposta sobre a orgânica do planeamento regional são outros dos documentos a apreciar na sessão extraordinária de Fevereiro.

Os trabalhos regulares da assembleia referentes a 1978 principiam em meados de Março, de igual modo na cidade da Horta (Faial), sede habitual deste órgão próprio da região.

"Mayor" de Joanesburgo visita a Madeira a convite

FUNCHAL, 24 (ANOP/DL) — O «mayor» de Joanesburgo, sr. Martin J. Powell, que se encontra de visita à Madeira, apresentou ontem cumprimentos ao ministro da República e ao presidente da Assembleia Regional. Este último encontrava-se acompanhado pelo vice-presidente do mesmo órgão legislativo.

O sr. Powell, que visita o Funchal a convite do Governo Regional da Madeira, não foi há dias recebido pela Câmara Municipal de Lisboa, mediante prévia votação da edilidade (votos contra do PS e FEPU).

resto de colecções
SALDOS
ITALOS
alta sapataria
rua garrett, 98 · lisboa

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMISSÃO ELEITORAL

Para conhecimento de todos os associados do nosso Sindicato a seguir se dá nota da distribuição das mesas de voto sancionadas por esta Comissão, bem como do horário e normas de funcionamento das mesmas.

Informa-se que têm direito a voto, embora não tendo recebido o postal-convocatória, os sócios que se encontrem nas seguintes condições:

- __ Desemprego;
- __ Cumprimento de serviço militar;
- __ Doente;
- __ Os trabalhadores de empresas em situação económica difícil e que por tal motivo tenham a quotização em atraso.

Estas situações necessitam, no entanto, de ser devidamente comprovadas.

Horários e normas de funcionamento para as Mesas de Voto a vigorar em 26.1.78 aprovadas pela Comissão Eleitoral em:

PAVILHÃO DOS DESPORTOS	CONCELHOS PERIFÉRICOS		URNAS DE EMPRESA
Mesas de 1 a 17 e 17-A	Mesa 18	Mesas de 19 a 25	Mesas de 26 a 107
Abertura 8 horas Encerramento às 24 horas	20 horas 24 horas	8 horas 24 horas	10 horas 18.30 horas

Escrutínio e elaboração de expediente da Mesa e envio urgente à Comissão Fiscalizadora Eleitoral, acompanhado do respectivo caderno, no Pavilhão dos Desportos, devendo ser passado recibo de recepção.

1 __ Eleitores que trabalham em Lisboa e estão dados a outro local de voto ou vice-versa:

a) O trabalhador vota num envelope em branco;

b) A Mesa que aceita o voto fecha o envelope em branco na presença do trabalhador;

c) Este envelope e a declaração feita pelo trabalhador são introduzidos num envelope, maior, onde constará o número o nome do sócio e o nome da empresa. (No Pavilhão dos Desportos esta votação faz-se nas mesas 16 e 17);

d) Posteriormente estes envelopes serão entregues à Comissão Fiscalizadora, em reunião plenária no Pavilhão dos Desportos, pelo Presidente da Mesa de Voto, anexos à acta;

e) A Comissão Fiscalizadora Eleitoral dará descarga desses votos nos Cadernos Eleitorais respectivos, destruindo os envelopes identificativos, conservando as respectivas declarações feitas pelos sócios;

f) Finalmente serão contados os votos que serão em igual número às declarações identificativas.

2 __ Os trabalhadores que constem dos mapas de quotização a apresentar na altura, e a verificar se o local de votação for o Pavilhão dos Desportos e não estejam nos Cadernos Eleitorais nem a listagem alfabética votam:

2 __ 1 __ No Pavilhão dos Desportos:

a) Nas mesas 16 e 17;

b) As declarações ficam na posse da Mesa

c) Cada Mesa elaborará um caderno eleitoral com base nas declarações mencionadas no número anterior, que será anexo à acta dessa mesa de voto;

d) A mesa fará o controlo da declaração pela listagem alfabética;

2 __ 2 __ Noutros locais (reservando-se as mesas de empresa só para trabalhadores respeitantes às respectivas empresas):

a) Observar as instruções em 1.

3 __ Os trabalhadores que deviam votar em Lisboa e vão votar noutro local de voto, seguirão o processo decidido em 1. Este é por exemplo o caso dos elementos que compõem as Mesas de Voto e dos elementos da Comissão Fiscalizadora destacados para esses locais.

4 __ Que os desempregados, ao votarem, votem em envelopes fechados, devidamente referenciado com nome e número de sócio, se se tiver conhecimento deste, seguindo-se para a votação o prescrito no ponto 1, excepto para a abertura dos envelopes, a qual só se verificará depois de conferido todo o processo.

5 __ Os votos terão de ser contados antes de se iniciar a votação.

6 __ Os resultados só serão divulgados conjuntamente pela Comissão Fiscalizadora Eleitoral.

EMPRESAS COM MESA DE VOTO

EMPRESA	LOCAL DE VOTO	N.º DE MESA
Caixa Nacional de Pensões	Av. da República, 102	26
Serviços Médico Sociais e Postos	Av. Estados Unidos da América, 77	27
Serviços Médico Sociais Dist. Lisboa	Av. Estados Unidos da América, 77	27
Telefones Lisboa e Porto	Rua Andrade Corvo, 14	28
Cx. Prev. Abono Família Ind. Lisboa	Av. João XXI, Lote 1-2	29
Cx Prev. Abono Fam. Comércio Lisboa	Al. D. Afonso Henriques, 82	30
Companhia União Fabril	Av. Infante Santo, 2	31
Cx Prev. Abono Fam. Serviços Lisboa	Av. Estados Unidos da América, 39	32
Comp. Reunidas Gás e Electricidade	Rua Camilo Castelo Branco, 43	33
Companhia Carris de Ferro Lisboa	Rua 1.º de Maio, 101 __ 103	34
Petrogal __ Petróleos de Portugal	Praça Marquês de Pombal, 12	35
Petrogal __ Petróleos de Portugal	Rua das Flores, 7	36
Sorefame __ Soc. Reun. Fab. Metálicas	Rua Vice A.P. Coutinho, 8 _ Amadora	37
Petrogal __ Petróleos de Portugal	Rua Tomás Ribeiro, 97	38
UTIC	Av. da Liberdade, 136-1.º	39
UTIC	Av. Infante D. Henrique _ C. Ruivo	40
Plessey Automática Elect. Portuguesa	Av. Infante D. Henrique, 333	41
Rádio Televisão Portuguesa	Rua de S. Domingos à Lapa, 26-r/c	42
Rádio Televisão Portuguesa	Alameda das Linhas de Torres	43
Cx Prev. Pessoal da Cuf Emp. Associadas	Rua Francisco Manuel de Melo, 3	44
EPAL-Emp. Púb. Águas de Lisboa	Av. da Liberdade, 24	45
Shell Portuguesa	Av. da Liberdade, 249	46
CPE-Estabelecimento Central	Av. Infante Santo, 15	47
Fundação Calouste Gulbenkian	Av. de Berna, 45-A	48
Phillips Portuguesa	Av. Eng.º Duarte Pacheco, 6	49
Livraria Bertrand	Rua João de Deus __ Venda Nova	50
Standar Eléctrica	S. Gabriel __ Cascais	51
Francisco Baptista Russo e Irmão	Av. Infante D. Henrique, 11	52
Processa __ Centro Proc. Dados	Av. Estado da Índia, 8	53
Cx Central Trabalhadores Migrantes	Rua da Junqueira, 112	54
Sociedade Est. Desp. Norma	Rua Marquês da Fronteira	55
Tabaqueira Emp. Ind. Tabacos	Rua Alexandre Herculano, 51-6	56
Inatel	Calçada de Santana, 180	57
Imprimarte	Praça de Alvalade, 9	58
Ind. Lever Portuguesa	Largo Monterroio Mascarenhas, 1	59
Fima __ Fab. Imp. Margarina	Largo Monterroio Mascarenhas, 1	59
Cx. Prev. Abono Família Pesca	Largo Princesa, 2	60
Soc. Central de Cervejas	Av. Almirante Reis, 115	61
General Motors Portugal	Av. Marechal Gomes da Costa, 33	62
Ford Lusitana	Rua Rosa Araújo, 2-3.º	63
Cx. Prev. Emp. Assistência	Rua Gonçalves Crespo, 21	64
Mobil Oil Portuguesa	Rua Castilho	65
Círculo de Leitores	Rua Tomás de Figueiredo, 10	66
CEL-CAT	Rua Fontaínhas __ Venda Nova	67
Construções Metalo Mec. __ Mague	Alverca	68
Comp. Portuguesa de Petróleos BP	Praça Marquês de Pombal, 13	69
Sindicatos Bancários do Sul e Ilhas	Rua de S. José, 139	70
Automóvel Club de Portugal	Rua Rosa Araújo, 24-26	71
Fábrica de Portugal	Sabugo-Oeste	72
Fiat Portuguesa	Av. Eng.º Duarte Pacheco, 15	73
J. Pimenta	Av. António Enes, 25 __ Queluz	74
Eminco	Av. da Liberdade, 35-1.º	75
C. Santos	Av. da Liberdade, 35-1.º	75
Indústrias Lusitanas Renault	Av. Marechal Gomes da Costa, 21	76
Metropolitano de Lisboa	Av. Fontes Pereira de Melo, 28	77
Soc. Portuguesa Petroquímica	Av. Marechal Gomes da Costa	78
Siderurgia Nacional	Rua Braamcamp, 7	79
Cx Prev. Pessoal Conservas de Peixe	Rua Rosa Araújo, 43	80
Petrogal __ Petróleos de Portugal	Av. Infante D. Henrique	81
Cometna __ Comp. Met. Nacional	Rua Academia de Ciências, 5	82
Cx. Sindical Prev. Ind. Lanifícios	Av. João Crisóstomo, 67	83
Martins Rebelo	Av. Ant. Augusto de Aguiar, 163-2.º	84
Sindicato Trabalhadores Escritório	Rua Braamcamp, 9-1.º	85
Emp. Fab. Maq. Eléctricas	Rua Rodrigo da Fonseca, 76	86
Construções Técnicas	Av. 24 de Julho, 24	87
Profabril	Praça de Alvalade, 6	88
Eurofil	Folha Caniços __ Póvoa de St.ª Iria	89
Soc. Nacional de Sabões	Rua de Marvila, 151	90
Cx Prev. Abono Família Ferroviários	Av. Visconde Valmor, 48	91
Emp. Viação Eduardo Jorge	Rua Consiglieri Pedroso-Queluz Baixo	92
Fábrica de Tintas de Sacavém	Rua Cidade Goa, 26 __ Sacavém	93
ENI __ Elect. Naval Industrial	Rua D. Luís I, 19-1	94
Cx Sind. Prev. Tipógrafos Litógrafos	Rua D. Pedro V	95
Soc Portuguesa Autores	Av. Duque de Loulé, 31-1	96
Comp. Portuguesa Trefilaria	Lezíria Saldanha __ Sacavém	97
Cx. Nacional Seguros Doenças Profis.	Av. da República, 25-3. E	98
Gel Mar	Trav. Saúde, 2 __ Bom Sucesso	99
Cx. Sind. Prévid. Prof. Seguros	Largo do Intendente Pina Manique, 35	100
Soc. Com. Guérin	Av. da Liberdade	101
Comp. Ind. Portugal e Colónias	Rua Jardim do Tabaco, 74	102
Fed. Cx. Prev. Abono Família Lisboa	Av. Manuel da Maia, 58-2.º	103
Robialac Portuguesa	Vale de Lide-S. João da Talha-Sacavém	104
Cx. Prev. Marinha Mercante	Rua da Boavista, 81-3.º	105
ICESA	Salgados da Póvoa-Póvoa de St.ª Iria	106
Rodoviária Nacional	Av. do Brasil, 45	107

LOCAIS DE VOTO

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

MESAS N.º 1 a 15 __ Caderno Eleitoral Normal;
MESAS N.º 16 a 17 __ Dúvidas;
MESAS N.º 17-A __ Desempregados e Eleitores não confirmados;
MESAS N.º 18 __ Trabalhadores de Empresas com urna de voto (para votação após as 20 horas).

MESAS CONCELHIAS

Concelho de Vila Franca de Xira
MESA N.º 19 __ Alhandra __ Salão do Mercado __ Praça 7 de Março.

Freguesia de Amadora
MESA N.º 20 __ Amadora __ Soc. Filarmónica Recreio Artístico __ R. Elias Garcia, 142.

Concelho de Cascais
MESA N.º 21 __ Cascais __ Hall do Teatro Gil Vicente.

Concelho de Sintra
MESA N.º 22 __ Mem Martins __ Mem Martins Sport Club __ Rua da Fonte, n.º 6.

Concelho de Loures
MESA N.º 23 __ Odivelas __ Instalações de João Francisco Gonçalves __ R. Filipe de Lencastre, 4 A/B (Freguesias não incluídas na mesa 24).
MESA N.º 24 __ Sacavém __ «A Sacavenense» Cooperativa de Consumo __ Rua António Ricardo Rodrigues (Freguesias de St.ª Iria de Azóia, S. João da Talha, Moscavide, Sacavém, Camarate e Apelação).

Concelhos de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço, Mafra, Arruda dos Vinhos, Cadaval, Lourinhã e Alenquer.
MESA N.º 25 __ Torres Vedras __ **Delegação do Sindicato** __ Av. 5 de Outubro, 27 - 3.º Dt.º.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1978

Pela MESA DA COMISSÃO ELEITORAL

SAÚDE E ASSISTÊNCIA

"Work-Shop" sobre droga programado para Junho

Efectuou-se ontem uma reunião no Gabinete Coordenador do Combate à Droga em que participaram o sr. Eyvind Hytten, chefe da Divisão de Assuntos Sociais das Nações Unidas, e representantes do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, Centro de Investigação e Controlo da Droga, Procuradoria-Geral da República, Ministério dos Assuntos Sociais e Fundação Gulbenkian.

Nessa reunião foram tratados os diversos aspectos do programa de auxílio das Nações Unidas a Portugal (Julho de 77 a Junho de 78), nomeadamente os que se referem a tratamento e reabilitação, educação, prevenção e informação, legislação e bolsas de estudo para aplicação da lei, que envolvem deslocações de técnicos portugueses ao estrangeiro e consultores das Nações Unidas a Portugal.

Tratou-se igualmente da realização em Portugal dum «Work-Shop», em Junho próximo, em que se fará a avaliação dos resultados do referido programa de auxílio e bem assim do Seminário do Mediterrâneo, em Setembro próximo, com a participação de especialistas gregos, jugoslavos, italianos, franceses, espanhóis e portugueses, e das Nações Unidas.

O sr. Hytten, que foi recebido de seguida, pelo ministro da Justiça, visitou ainda o Centro de Investigação e Controlo da Droga, o Centro de Acolhimento e o Centro de Internamento (este em fase de acabamento) do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, em Lisboa.

Urgência Hospitalar em Santo António

PORTO, 24 — Estão em vias de conclusão as obras de beneficiação presentemente em curso no Hospital de Santo António, nesta cidade. Designadamente, está a ser construída uma sala de ressuscitação, que proporcionará a recuperação de doentes com paralisação respiratória. Por outro lado, as obras de restauração da ala norte, desvastada por um incêndio que se reflectiu nas disponibilidades de camas e, portanto, na capacidade daquele estabelecimento hospitalar, no que respeita a internamentos, leva também ao estudo de nova distribuição das áreas reservadas a doentes internos.

Estes e outros aspectos foram salientados na sessão de abertura da Semana de Urgência Hospitalar, que principiou ontem e se prolongará até sábado, semana que é uma iniciativa da equipa de urgência, chefiada pelo professor Castro Lopes, e tem a colaboração de diversos médicos.

Intervieram na sessão inaugural os médicos Serrano Júnior, Luís de Carvalho, Azevedo Oliveira, Albino Aroso e Rocha da Silva, que desenvolveram diferentes temas, tais como: a história do serviço de urgência do Hospital de Santo António; as instalações actuais e o modo de funcionamento; o movimento actual e as principais patologias; a articulação do internamento com o serviço de urgência; e o serviço nacional de ambulâncias.

A sessão encerrou com uma mesa-redonda sobre a concepção do serviço de urgência do futuro, em que o dr. Paulo Mendo participou como moderador e intervieram nos debates os drs. Eva Xavier, Rocha da Silva, Luís de Carvalho e Albino Aroso.

Dadores de sangue já têm sede

A Associação dos Dadores de Sangue recebeu ontem, das mãos do ministro em exercício Armando Bacelar, a chave da sua nova sede, situada à Rua Tomaz Ribeiro, 46-r/c, em Lisboa. Esta associação pretende, segundo ontem mesmo declarou o seu presidente, eng. Moreira Luzia, pôr cobro à comercalização do sangue, o que já estará a ser conseguido nalguns hospitais portugueses.

Com a sede oferecida pelo Ministério dos Assuntos Sociais os dadores de sangue passam a dispor de um local para desenvolverem o seu trabalho, totalmente voluntário e gracioso. Neste momento há 47 associações e grupos de dadores de sangue.

Sanatório marítimo doado ao Estado

PORTO, 24 Foi doado ao Estado o Sanatório Marítimo do Norte que passará, em breve, a chamar-se Hospital Ortopédico Joaquim Ferreira Alves em Homenagem ao médico fundador. A decisão foi tomada na última assembleia geral da associação do sanatório, mediante a aprovação de uma proposta formulada há cerca de dois anos.

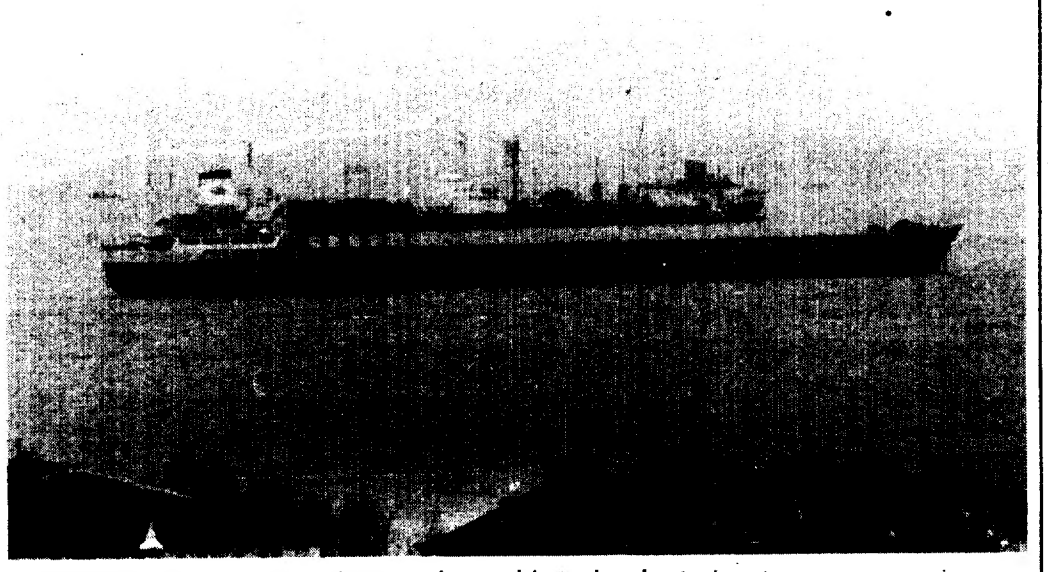
Fundado em 1917, o Sanatório Marítimo recebeu milhares de doentes afectados pela tuberculose, tendo a percentagem de cura sido idêntica aos sanatórios congéneres existentes no estrangeiro.

Situado em Valadares, aquele estabelecimento de saúde deverá ser integrado no Centro Hospitalar de Gaia.

Médicos à periferia até 1 de Março

O início do próximo serviço de médicos à periferia foi marcado para o dia 1 de Março, por despacho do Ministério dos Assuntos Sociais, arrastando assim o conflito entre os médicos policlínicos e o MAS, cuja solução caberá agora ao próximo Governo.

Os policlínicos, que deveriam regressar no fim deste mês, terão que continuar nos seus postos durante mais um mês para evitar rupturas no apoio às populações.



Parece ultrapassado o problema dos abastecimentos

MARINHA MERCANTE EM DIFICULDADES

Demitida comissão administrativa da Companhia Nacional de Navegação

● Petrogal mantém abastecimentos

Enquanto a Secretaria de Estado da Marinha Mercante demite a Comissão Administrativa e a Comissão de Trabalhadores do Sector do Mar da Companhia Nacional de Navegação para prevenir novas acções abusivas que possam vir a deteriorar a imagem da Marinha Mercante portuguesa e afectar a sua capacidade negocial», Mário Soares, através de um despacho exarado ontem à tarde, removeu os entraves que existiam sobre a concessão àquela companhia estatizada pelo Ministério das Finanças do subsídio relativo ao 4.º trimestre de 1977.

Recorde-se que, devido a existência de pagamentos em atraso, a Petrogal ameaçara cortar a partir de hoje o fornecimento de, combustível, aos navios da marinha mercante, facto que a breve prazo iria provocar graves crises de abastecimento ao País. A paralisação iria afectar os navios que asseguram o fornecimento de mantimentos à Guiné e Cabo Verde, os barcos das carreiras de Angola e Moçambique e os estrangeiros fretados pela CNN que procedem ao carregamento de soja e milho.

Referindo-se à nota da Secretaria de Estado da Marinha Mercante como «pura demagogia», a Comissão de Trabalhadores do sector do Mar considera a sua demissão, «apresentada sob o estranho palliativo de «sustenção», como um grave atentado aos direitos dos trabalhadores consignados na Constituição da República Portuguesa contrariando igualmente a Convenção 135 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), já consignada em decreto-lei.

Quanto à Comissão Administrativa, afirmou ter ficado surpreendida pela sua demissão, não tendo, porém, até ao momento, uma ideia precisa da situação».

Nota oficiosa

A Secretaria de Estado da Marinha Mercante tornou pública a seguinte nota oficiosa sob o tema «Estruturação da Marinha Mercante nacionalizada»:

«1. É do conhecimento público a situação de crise que vem afectando as empresas de navegação, situação comum à quase totalidade dos armadores dos países de tradição marítima, mas agravada no caso português pela existência de factores específicos, nomeadamente as dificuldades decorrentes da descolonização e a reacção menos responsável de certos grupos profissionais a qualquer tipo de mudança, pelas implicações que daí poderiam resultar para um estatuto que não se pode deixar de considerar privilegiado por referência ao que é usual entre nós.

2. Presumindo-se a persistência de alguns dos factores de crise, conjuntamente com a adopção de medidas de reestruturação e de protecção à bandeira nacional, foram inscritos no Orçamento Geral do Estado para 1977 subsídios à exploração no montante de 1 025 000 contos, a favor das empresas CNN — Companhia Nacional de Navegação, E.P., e CTM — Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, E.P., dos quais foram pagos até à data cerca de 769 000 contos.

3. De acordo com o regime orçamental para 1977, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 334-A/77, de 12 de Agosto, foi bloqueada a distribuição dos restantes 256 000 contos, uma vez que não foram dados por cumpridos certos condicionalismos decorrentes daquele diploma que, apontando para a celebração de um acordo de saneamento económico e financeiro, implicariam, obrigatoriamente uma reconversão da frota de comércio e do seu regime de exploração, com repercussões profundas na estrutura empresarial existente.

4. Pelo Decreto-Lei n.º 484/77, de 16 de Novembro, foram aprovadas as directivas relacionadas com a estruturação empresarial da Marinha Mercante nacionalizada, tendo sido iniciadas diligências para a nomeação dos corpos gerentes definitivos, únicas entidades que poderiam validamente assumir os compromissos inerentes a um acordo de saneamento económico e financeiro a médio prazo.

Tal nomeação não se pôde concretizar por força da queda do Governo, mas não se deixaram de avançar as orientações necessárias à realização das tarefas preparatórias daquele acordo.

5. A situação estava, contudo, perfeitamente esclarecida, nunca se tendo interrompido as diligências entre os Ministérios das Finanças e dos Transportes e Comunicações para a resolução do problema, apesar das dificuldades resultantes da exoneração do Governo.

Consequentemente não se compreende a especulação desenvolvida em torno de um problema interno das empresas e, em especial, o seu empolamento no exterior.

Com efeito, ainda que o bloqueamento dos subsídios pudesse originar algumas dificuldades de tesouraria, susceptíveis de minimização através de actos de gestão corrente, é manifestamente exagerada a referência a uma eventual paralisação da frota.

Manipulados ou não, o certo é que determinados elementos da Companhia Nacional de Navegação foram levados a desencadear uma acção irresponsável em torno do assunto, a que de forma exploratória foram agregando questões de natureza secundária, com vista à contestação dos órgãos de gestão e de tutela e para a criação de um clima propício ao bloqueamento das decisões que o sector exige.

6. De acordo com a orientação do sr. Primeiro-Ministro, por despacho conjunto dos ministros das Finanças e dos Transportes e Comunicações, foi já desbloqueada a distribuição do remanescente dos subsídios orçamentados, despacho esse em que também foram regulamentadas as condições da sua utilização com vista a assegurar a cobertura das despesas consideradas estratégicas.

7. Na sequência destas medidas foi também decidido desligar das suas funções os membros da Comissão Administrativa da CNN/CTM, órgão extinto pelo Decreto-Lei n.º 484/77, de 16 de Novembro, e conter a actuação da comissão de trabalhadores do Sector Mar da Companhia Nacional de Navegação, por forma a prevenir novas acções abusivas que possam virar deteriorar a imagem da Marinha Mercante portuguesa e afectar a capacidade negocial deste sector empresarial do Estado.»

SEGUNDO O MINISTÉRIO DAS OBRAS PUBLICAS

A ponte sobre o Guadiana inicia-se este ano para ficar pronta em 1980

Foi concluído o projecto da ponte internacional sobre o Rio Guadiana, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte devendo as obras de construção iniciar-se ainda este ano. A conclusão da ponte está prevista para 1980.

O projecto foi entregue na Junta Autónoma de Estradas e a sua aprovação far-se-á após apreciação pela Comissão Técnica Mista Luso-Espanhola cuja reunião já foi solicitada pela parte portuguesa. Uma cópia do projecto, da autoria do prof. Eduardo Cardoso, será também entregue na Direccion General de Carreteras, em Espanha.

Todas estas informações constam de uma nota do Ministério das Obras Públicas, ontem divulgada, e segundo a qual as alternativas construtivas que o projecto abarca estão orçadas entre 296 e 320 mil contos.

As obras que correm a cargo dos Governos de Portugal e da Espanha, compreendem, além da ponte propriamente dita, um viaduto que na parte portuguesa terá cerca de 500 metros, e uma via rápida de seis quilómetros, que entroncando na ponte, vai ligar à estrada que percorre o litoral algarvio.

LNEC vende tecnologia portuguesa

Nove técnicos portugueses do Laboratório Nacional de Engenharia Civil vão trabalhar durante dois meses na Formosa, em ensaios de mecânica de rochas relacionados com a construção de uma central hidroeléctrica. Será utilizado equipamento português, desenvolvido pelo Laboratório, e o contrato foi assinado pelo eng.º Nuno Grosseman, que para o efeito se deslocou àquela ilha do Extremo-Oriente.

O LNEC tem também, em curso noutros países estudos de análoga revelância, designadamente no Brasil, os relativos à Barragem de Itaipu, na fronteira daquele país com o Paraguai. Lá se encontram dois técnicos do LNEC a executar variados ensaios de formabilidade em diversas galerias sob o leito no rio Paraná. Trata-se da terceira fase da colaboração do Laboratório naquela importante obra, da qual resultará um dos mais importantes aproveitamentos hidroeléctricos do mundo.

Ainda na fronteira do Paraguai mas com a Argentina, permanecem dois técnicos do LNEC fazendo estudos de análise do terreno de fundação da futura barragem da Yacireta, no rio Paraná.

A actividade do Laboratório Nacional de Engenharia Civil estende-se, ainda à Turquia, para onde na passada semana partiram quatro técnicos que vão efectuar ensaios de corte de rocha e de deslizamento, colaborando assim, nos trabalhos da barragem Aslantas, a construir naquele país.

Comércio Portugal-RDA continua a aumentar

O comércio entre Portugal e a RDA continua a aumentar tendo as trocas entre os dois países atingido nos primeiros onze meses de 1977 mais 250 mil e 176 contos do que em idêntico período do ano anterior. O saldo desses onze meses de comércio é desfavorável a Portugal em 210 mil contos, resultante de 311 mil de importações e 101 de exportações.

Segundo informação do Instituto Nacional de Estatística, o comércio entre Portugal e a República Democrática Alemã tem vindo a aumentar sucessivamente desde que se estabeleceram relações diplomáticas, após o 25 de Abril, passando de 56 milhões e 840 mil escudos em 1974, para 143 milhões e 382 mil escudos em 1975, para 199 milhões e 668 mil escudos em 1976 e para 413 milhões e 217 mil escudos nos primeiros onze meses de 1977.

Em 1974, o comércio entre Portugal e a RDA foi desfavorável à balança comercial portuguesa em 4,7 milhões de escudos, mas em 1975 e 1976 foi-lhe favorável em 46,7 e 44,3 milhões de escudos, respectivamente, para voltar a ser negativo, no montante de 210,1 milhões de escudos, no período de Janeiro a Novembro do ano transacto.

Na GUARDA o «DL» é vendido por MANUEL VINHAS, SUC. Rua Sacadura Cabral, 3

S. R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral do Saneamento Básico

SECRETARIA DE ESTADO DOS RECURSOS HÍDRICOS E DO SANEAMENTO BÁSICO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE REDE DE ESGOTOS E ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE RANHADOS, NO CONCELHO DE VISEU

Preço base ..... Esc. 12 000 000$00
Caução provisória ..... Esc. 300 000$00

Alvarás exigidos: V Categoria ou 3.ª e 4.ª Subcategorias da V Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas: Direcção-Geral do Saneamento Básico, Rua Antero de Quental, 44, Lisboa, até às 17 horas do dia 6 de Março de 1978.

Local, dia e hora do acto público do concurso: Direcção-Geral do Saneamento Básico, Rua Antero de Quental, 44, Lisboa-1, no dia 8 de Março de 1978, pelas 15 horas.

Local e horário para exame do processo: Direcção-Geral do Saneamento Básico, Rua Antero de Quental, 44, Lisboa-1, todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente.

Direcção-Geral do Saneamento Básico, Janeiro de 1978

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Armando Costa Gomes Pinto

S. R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral do Saneamento Básico

SECRETARIA DE ESTADO DOS RECURSOS HÍDRICOS E DO SANEAMENTO BÁSICO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO DAS ESTAÇÕES DE TRATAMENTO DE ESGOTOS DE ALIJÓ, FAVAIOS, SANFINS DO DOURO E PINHÃO»

Os alvarás exigidos para admissão a este concurso não são os que, por lapso, se mencionaram no concurso de abertura, mas sim os seguintes:

3.ª e 6.ª Subcategorias da I Categoria; ou

3.ª Subcategoria da I Categoria + 5.ª Subcategoria da IV Categoria; ou

3.ª Subcategoria da I Categoria + 5.ª Subcategoria da V Categoria; ou

3.ª Subcategoria da I Categoria + 8.ª Subcategoria da VI Categoria.

Direcção-Geral do Saneamento Básico, Janeiro de 1978

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Armando Costa Gomes Pinto

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ANÚNCIO

Concurso n.º 3-392/78

Fornecimento de Carvão de pedra para o Armazém de Penso e Consumo do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 20 de Fevereiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 16 de Janeiro de 1978.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

ALOJAMENTOS PARA RETORNADOS

Cinco milhões

Presidente da Comissão explica ao "DL" os atrasos na montagem de 11 700 casas pré-fabricadas

Dezembro de 77 era o prazo fixado pelo Ministério da Habitação e Urbanismo para conclusão do seu Programa de Habitação e Urbanismo para conclusão do seu Programa de Habitação Extraordinário, lançado em Março de 76, e que previa a implantação de 11.700 casas pré-fabricadas em quase todos os concelhos do País. Foi-lhe atribuida a verba de quatro milhões e 700 mil contos e legisladas certas facilidades para a utilização de terrenos adequados. Criou-se também a Comissão de Alojamento de Retornados com autonomia orgânica e financeira para a execução técnica do Programa.

Ultrapassada a data fixada pelo MHU, em que situação se encontra o Programa de Habitação Extraordinário?

Pergunta feita ao Presidente da CAR, eng. Bernardo Moreira, recebemos como resposta:

«Neste momento há um grau de realização da ordem dos 60 por cento, na globalidade do Programa, considerando nós que temos um atraso de quatro a cinco meses em relação ao que seria possível. Em Abril/Maio, se novos atrasos não se verificarem, devemos ter concluído 80 por cento o que, pelo inicialmente previsto, deveria acontecer em Outubro de 77. A última casa deverá ser entregue em Outubro deste ano admitindo-se que, por razões de terrenos e infraestruturas, haja uns quatro a cinco por cento de atraso neste limite de tempo que neste momento nos impomos».

Em Novembro, uma informação do Comissariado para os Desalojados dava como postas a concurso 2.037 habitações do Programa CAR. Prontas para entrega estariam segundo o Presidente da Comissão, umas 900, havendo 1.800 dependentes de infraestruturas, como água e luz, da responsabilidade das Câmaras. O Programa é muito disperso abrange frentes de trabalho em praticamente todos os concelhos do continente. Os responsáveis do Programa denotam certas dificuldades em conhecer com exactidão, sem prévia e actualizada recolha de dados, as casas prontas em cada dia.

CRÍTICAS NUMEROSAS E CONTUNDENTES

Mas à medida que o tempo avança e as casas tardam a aparecer nos locais previstos, as críticas ao Programa de Habitação Extraordinário da Comissão de Alojamento de Retornados não cessam de aparecer nos mais diversos órgãos de Informação.

Muitas delas, aliás, eram previsíveis, seja pelo ineditismo deste programa em pré-fabricado, seja pelas verbas excepcionais para o nosso meio postas à disposição da CAR, seja ainda pelas facilidades legais, que são de aplaudir, mas que para outros projectos habitacionais jamais foram tão generosas.

Localização errada (em terrenos por vezes inadequados) defeitos no material utilizado, não homologação de certas técnicas de fabrico e processos de montagem, são acusações correntes. Da parte da CAR ouvimos justificação para erros, nomeadamente a localização das casas em terenos postos à disposição do programa pelas câmaras. Muitas vezes, os terrenos não são os mais adequados mas sim os que existem e estão disponíveis.

A maior parte dessas críticas já o «DL» as levantara em artigo publicado na nossa edição de 29 de Junho do ano passado com o Programa em fase adiantada de execução, gastos os quase cinco milhões de contos na adjudicação de casas às trinta e tal empresas pré-fabricadoras, as perguntas fundamentais que ora se justificam, são outras:

1) Sabidos os atrasos em relação ao prazo previsto para a construção dos 11.700 fogos, terá, ainda assim, valido a pena o programa CAR?

2) O preço final justificará um programa de pré-fabricado, que na opinião de muitos técnicos é de durabilidade bastante inferior à construção tradicional?

O Presidente da Comissão assegurou ao «Diário de Lisboa» que ambas estas questões justificam respostas afirmativas. Isto é: seria impossível disseminar todas estas casas pelos concelhos do País, no espaço de um ano e pouco meses. Quanto ao preço final, assegurou-nos o eng. Bernardo Moreira que deve situar-se entre os cinco e os seis mil escudos por metro quadrado, depois das actualizações, pois as previsões iniciais apontavam para quatro contos. «O metro quadrado na construção tradicional situa-se entre os oito e os nove mil escudos», disse.

É ainda o Presidente da CAR que nos afirma:

«Um programa tão disperso como este, em praticamente todos os concelhos do Continente, levaria vários anos a concretizar. Só a superfície coberta — um milhão e meio de metros quadrados — corresponde à produção em telha de mais de dois anos de todas as fábricas portuguesas. O máximo que se conseguiu construir em Portugal, num ano, foram 40 mil fogos em 1972/73, no auge de especulação e com muitas urbanizações concentradas. Ora nós não atrapalhámos o processo contrutivo tradicional: a iniciativa privada e o Estado continuaram a construir e vamos implantar mais 11.700 fogos espalhados por todo este País. Julgamos que isto é importante.

O eng. Bernardo Moreira insistiu noutro ponto que é o de a pré-fabricação não ter grande importância para as concentrações urbanas como Lisboa e Porto. Aí, disse-nos, é relativamente fácil construir milhares de habitações em pouco tempo e a capacidade das Câmaras, os programas do Fundo de Fomento da Habitação, as cooperativas e a iniciativa privada podem responder às pressões imediatas da procura de habitações. «Não vejo vantagens tão: Estivemos, por isso, em dois concelhos, Beja e Ferreira do Alentejo, onde há projectos CAR em curso.

«A Câmara é alheia a este processo, o que já achamos mal», afirmou-nos o Presidente da Câmara de Beja, João Carlos Reis Colaço. «Mas eu estou convencido que, com a mesma verba, teríamos feito casas definitivas com rendas mais acessíveis para os moradores. Bastava utilizar um dos programas que nos foi oferecido pelo Fundo de Fomento de Habitação. Acontece que a nossa alternativa era aceitar estas ou nenhumas, não tinhamos outra opção. E de qualquer modo, tudo o que vier para Beja aceita-se».

Em Beja a pressão das necessidade não era esagerada mas nas aldeias limítrofes, isso, sim, o problema preocupa a edilidade que pensa construir em todo o concelho entre 78 a 80 algo como 1.400 fogos.

Em Ferreira do Alentejo, o Presidente, José Luis Casanova Ameixa, não anda longe das opiniões do responsável principal da Câmara de Beja, garantindo-nos, nomeadamente, que as 25 habitações prometidas deverão ficar por uns mil contos cada o que permitiria construir habitações tradicionais.

«Estas vão durar 25 anos? Não acredito» — comentou. «Nós temos um problema particular: é que a firma adjudicatária procura todos os pretextos para adiar os trabalhos. Mais: as terraplanagens ficaram-nos por 160 contos, que já pagámos e ainda não recebemos».

Um elemento exterior ao mundo da contrução civil — como é o caso do jornalista, apesar de tentar recolher o máximo de dados sobre a matéria — não deixa de notar uma certa reação da construção civil ao pré-fabricado que poderá subverter certas práticas no sector. Outras pessoas empenhadas profissional e politicamente em contribuir para que haja cada vez menos carência de habitações decentes em Portugal, surpreendem-se com os meios e as facilidades abertas ao Programa CAR e com a sua não extensão à habitação social, na sua globalidade.

No interior da Comissão, a impressão colhida é que investir a fundo no prefabricado não colide com os demais programas, nem prejudica a habitação tradicional. Os «deficits» de habitações seriam de tal ordem, que todo o esforço não é de mais para construir o máximo no mínimo espaço de tempo.

«Não se tratou sequer de um capricho» disse ao «DL» o eng. Bernardo Moreira, da CAR. Nem foi um programa experimental. Fomos forçados a arrancar, por pressão dos acon-

Apesar dos meios postos à disposição do Programa CAR, os clandestinos continuam a construir e a ritmo bem mais acelerado

Daniel Reis

de contos em jogo

tecimentos, para retirar os retornados dos hotéis. A evolução posterior do Programa abriu-nos novas perspectivas e hoje sentimos que muito do trabalho feito, até dos erros cometidos, será aproveitado no futuro. Todos os países ditos evoluídos gastam rios de dinheiro em programas experimentais. Este programa não foi experimental mas se o fosse, eu acho que os resultados nacionais obtidos seriam positivos. Pode ter sido o arranque para outros programas e eu não duvido que cerca de metade das empresas que participaram no programa CAR, talvez umas 18 a 20, produzirão em 1979 muito mais do que hoje lhes é possível. Algumas delas estão já a trabalhar para exportação e penso que isso se deve, em grande parte à pressão da CAR sob e a produção nacional de prefabricado».

Explica-se também que com este Programa foram criadas algumas empresas e outras ajudadas a aumentar a sua capacidade produtiva. «Até hoje não nos arrependemos disso», acentuou o presidente da CAR. As 11.700 casas do Programa foram calculadas a partir de informações sobre a capacidade máxima das fábricas existentes. Se mais cassa prefabricadas houvesse, mais seriam dispersas pelo País

2.700 HECTARES DE TERRENOS EXPROPRIADOS

Desta conversa pareceu-nos ressaltar um dado em que o MHU insiste para falar das suas perspectivas futuras: teriam sido comprados ou expropriados em cerca de 20 meses, nos anos de 76 e 77, dois mil e 700 hectares de terrenos urbanizados, muitos deles para o Programa CAR.

«Esses terrenos constituem reservas urbanas à disposição das câmaras que poderão facilitar o arranque para a construção de milhares de habitações por todo o País», comentou o eng. Bernardo Moreira.

Se olharmos aqueles números — 2.700 hectares de terrenos aptos e disponíveis — e considerarmos que podem ser instaladas umas 50 casas por hectare, vemos que Portugal poderá ser dotado, a prazo relativamente curto, com umas 140 mil novas habitações. A confirmar-se isso, seria efectivamente um grande passo para a solução da crise habitacional.

Eng.º Bernardo Moreira quando falava ao «DL»

Há a anotar também que, enquanto a crise não for ata ada na sua base, os clandestinos continuarão a construir. E não custa acreditar que deste Outubro de 76 se tenham construído clandestinamente mais moradias do que as montadas pela CAR. Este problema dos terrenos e o dimensionamento insuficiente das empresas de construção foi a morte de muito projecto interessado de Governos posteriores ao 25 de Abril. Dos esforços correctivos introduzidos paulatinamente no sector já beneficiou a política de habitação actual e virá a beneficiar, ainda mais no futuro. Sobretudo com estes 2.700 hectares comprados ou expropriados.

No sector da prefabricação, o eng. Bernardo Moreira apontou que algumas empresas não poderão continuar com as ambições de hoje devendo voltar-se para a fabricação de componentes; outras em contrapartida, justificam ajudas do Estado para redimensionamento, melhoria de equipamento e aumento de capacidade produtiva.

O eng. Bernardo Moreira conclui estas informações ao «Diário de Lisboa» explicando com um pouco mais de pormenor as suas razões para os atrasos verificados na execução do programa. Mas antes frisou o facto de até hoje se ter recusado a falar sobre o programa fosse para que órgão de Comunicação Social fosse.

Excepção aberta para o «DL», disse sobre a execução no tempo do Programa de Habitação Extraordinário da Comissão de Alojamento de Retornados:

«Primeiro foram as dificuldades para expropriar terrenos; havia pouca prática da utilização do prefabricado, especialmente à escala nacional; depois os problemas surgidos no lançamento das infraestruturas. Estas questões explicam o primeiro atraso de três a quatro meses no arranque do Programa. Chegados ao Verão, faltaram materiais como aço, cimento, canalizações, fibrocimento. Esta quebra, por ser totalmente imprevista, ainda retardou mais o processo até porque o cálculo estava feito para a utilização máxima das capacidades produtivas nacionais. Também deve dizer-se que o Programa só principiou verdadeiramente em Outubro de 76, pois de Março até então outras soluções estiveram a ser encaradas para alojar os retornados que enchiam os hotéis, conventos, quartéis, colégios e outras instalações colectivas».

«Hoje, podemos considerar que o prefabricado está definitivamente instalado em Portugal, sem contundir com a construção civil tradicional e até complementando-a. E apesar das dificuldades e dos erros porventura cometidos, isso deve-se bastante ao Programa de Habitação Extraordinário da CAR», concluiu o eng. Bernardo Moreira.

Prémio Vale-Flor de 1977 para jovem madeirense

FUNCHAL, 24 — Por ter salvo a vida de uma criança de 2 anos, no desastre aéreo ocorrido no aeroporto desta cidade, o dia 19 de Novembro do ano passado, o jovem madeirense Emanuel Torres foi agora distinguido com o Prémio Vale-Flor, no valor material de 25 mil escudos.

Emanuel Torres, de 17 anos, que transportava o pequeno Daniel ao colo ao aperceber-se que a tragédia estava iminente abraçou a criança contra si, só a largando quando foi projectado para o mar. Apesar de ferido no terrível desastre em que morreria sua mãe, o jovem distinguido com o Prémio Vale-Flor logo que se conseguiu libertar do cinto de segurança foi a nado procurar o pequeno Daniel, conseguindo encontrá-lo a boiar. Nadou depois até terra, onde ministrou respiração boca a boca à criança até notar que ele já respirava e expulsava a água que tinha ingerido.

O Governo Regional da Madeira louvou, entretanto, a tripulação da lancha de pilotos do Funchal «pela corajosa e eficiente acção» desenvolvida durante o acidente ocorrido, nas proximidades desta cidade, em pleno mar, com um avião da companhia suiça SATA.

ALJUSTREL E SERTÃ

Verbas para escolas estradas e bairros sociais

Atinge a verba de 71.377 contos o orçamento para este ano da Câmara Municipal de Aljustrel.

De acordo com o plano de actividades, também para o ano corrente, o Município de Aljustrel construirá um novo edifício para os Paços do Concelho, um infantário, três parques infantis, várias vias de comunicação e redes de abastecimento de água às freguesias do concelho.

A edilidade daquela vila alentejana construirá, ainda, um bairro de vinte moradias e um novo hospital, além de proceder à ampliação das instalações da Escola Preparatória.

Por sua vez, atinge o montante de 208.856 contos a verba a despender este ano pela Câmara Municipal da Sertã, na construção de vias de comunicação, de acordo com o respectivo plano de actividades. Novecentos e cinquenta contos serão gastos na construção de um bairro social — e mil contos na edificação de um mercado municipal.

Assembleia Distrital do Porto

PORTO, 24 — O governador civil do Porto presidiu ontem, no salão da extinta Junta Distrital, ao acto de instalação da primeira Assembleia Distrital do Porto, de que fazem parte os presidentes de todas as câmaras municipais do distrito, membros das Assembleias Municipais e mais um presidente de Junta de Freguesia, eleito para cada uma das assembleias distritais.

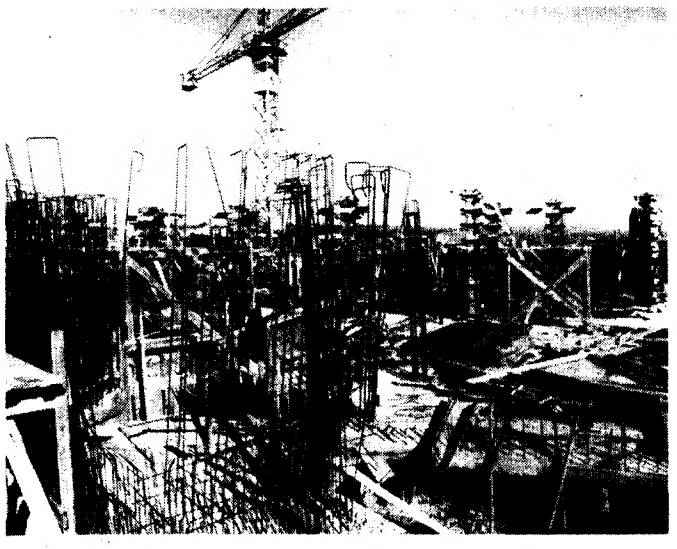
Entretanto, foram dados poderes ao governador civil para administrar a autarquia distrital até Março, altura em que a Assembleia Distrital reunirá ordinariamente. Por outro lado, o regimento da Assembleia vai ser elaborado pelos membros da mesa, para depois ser submetido a aprovação.

Em MEM MARTINS o «DL» é vendido por Hermínia Garcia S. Pereira, Largo da Estação, 12 — CAFÉ CENTRAL

Refinaria de Sines em fase experimental

Depois de despejar a sua carga de 136 mil toneladas de petróleo bruto, largou do terminal de Sines, de novo com destino ao golfo Pérsico, para reabastecimento, o navio tanque «Ortins Bettencourt», da Soponata. Entretanto, chegou a Sines o «Marofa», também da Soponata, com um carregamento de 130 toneladas de ramas.

Nos primeiros meses deste ano, a nova refinaria portuguesa, que terá uma capacidade de refinação máxima de 10 milhões de toneladas será sujeita a ensaios do equipamento e arranque sucessivo das suas unidades. A entrada em funcionamento normal está prevista para Julho próximo.



Um grande porto oceânico, já em adiantada fase de construção, é um dos componentes mais importantes de todo o conjunto industrial e urbano que se está a desenvolver numa área de 40 mil hectares, circunvizinha à antiga vila piscatória de Sines. As indústrias definidas para integrarem o complexo impuseram desde logo condicionalismos determinantes no estabelecimento do projecto portuário, de forma a que fossem acauteladas as possibilidades de fixação das várias unidades (siderurgia, adubos, metalomecânica, refinaria, petroquímica), sem comprometer as possibilidades de expansão do porto.

O PORTO DE SINES

O projecto portuário pode considerar-se divido em duas zonas distintas, destinando-se a primeira aos sectores petroleiro e petroquímico e a segunda ao sector mineraleiro. De entre as indústrias de base já em vias de conclusão e que estão dependentes das estruturas portuárias figuram o complexo petroquímico e a refinaria da Petrogal, que recebeu as primeiras ramas no dia 28 de Dezembro passado e que, com as duas descargas posteriores, num total de cerca de 400 mil toneladas, fica apta a iniciar toda a série de experiências de verificação de circuitos e sistemas.

As três primeiras operações de descarga foram efectuadas de forma não definitiva, dado que o porto não está ainda completamente montado, faltando ainda nesta fase, os sistemas automáticos de operação de controlo, não só de acostagem dos navios, como também das de descarga, carga e transfega. Conta-se, porém, que, no final próximo mês de Junho todos estes sistemas estarão já completamente montados.

A partir de então, espera-se que, pela dimensão e localização do porto de Sines na Europa e na rota das suas importações de petróleo, ele venha a ser demandado em condições preferenciais por petroleiros e graneleiros gigantes, agora limitados nos seus acessos.

Pub

C.C.T.V. PARA OS TRABALHADORES DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

MOÇÃO

Os Sindicatos, Comissões de Trabalhadores e Comissões Sindicais, reunidos em Plenário Nacional a 21 de Janeiro de 1978, mandatados pelos trabalhadores, rejeitam a Portaria emanada da Secretaria de Estado da Segurança Social, por ser inconstitucional, divisionista e atentar contra os direitos adquiridos pelos trabalhadores e reafirmam a sua firme disposição de continuar a lutar pela revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical.

Moção aprovada no Plenário Nacional de Sindicatos, Comissões de Trabalhadores e Comissões Sindicais, realizado no dia 21-1-78, em Lisboa

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

A QUESTÃO DAS ARMAS E DO CONTRABANDO

"Apoio das Forças Armadas e outras entidades" revelado pelo Comando da Guarda Fiscal

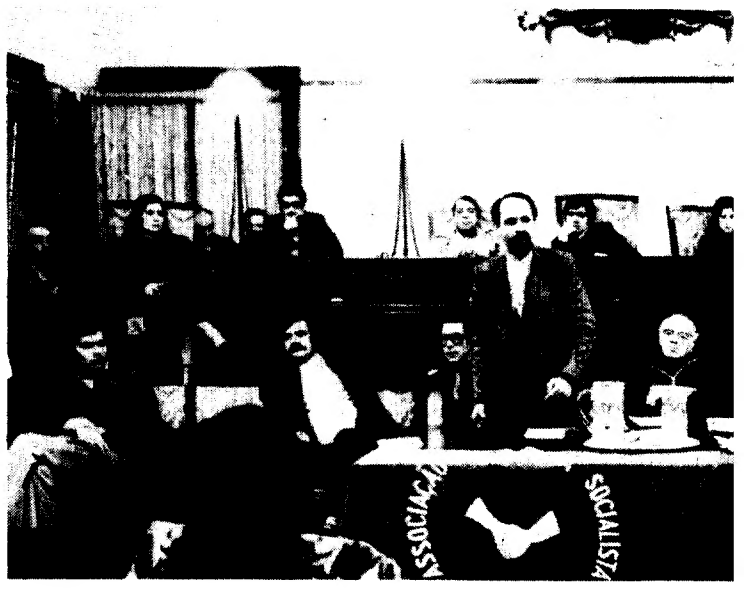
«Resultados positivos no sector de electrodomésticos e a detecção acidental de armas» é o balanço feito pela Guarda Fiscal da já famosa operação que levantaria um dos maiores escândalos políticos e levaria à prisão do presidente do Conselho de Administração da RTP, o dirigente socialista Edmundo Pedro.

O referido balanço consta do comunicado da Guarda Fiscal, ontem, finalmente, tornado público, e onde se assegura que a operação foi desencadeada a nível nacional, «especificamente para combate às infracções fiscais, no âmbito do comércio de electrodomésticos».

Sublinha-se no comunicado em apreço «a colaboração técnica» da Direcção-Geral das Alfândegas e da Direcção de Fiscalização de Actividades Económicas e «o meticuloso planeamento e eficiente execução». É destacado o apoio recebido «não só dos órgãos hierárquicos de quem depende, Ministério das Finanças e Forças Armadas», mas também «de outras entidades públicas e privadas» (não se revela quais).

Para além da «detecção acidental de armas» (as 36 «G-3» e as cinco pistolas de marcas diversas e calibres 7,65, que levariam Edmundo Pedro à prisão) o comunicado fala da apreensão de 10 mil unidades de aparelhos electrodomésticos, no valor estimado de 20 mil contos, onde se destacam 4732 rádios e 1762 gravadores.

Finalmente, a Guarda Fiscal justifica-se do atraso na publicação do comunicado por haver, ao que afirma, «necessidade de garantir o segredo operacional» e, ainda, «o propósito de apresentação de resultados globais e concretos — dentro da prática seguida e superiormente sancionada para os anteriores comunicados». São estes os factores «que impediram o oportuno esclarecimento público, compreensivelmente pretendido pelos órgãos de informação», diz a Guarda Fiscal.



O líder da UESD durante uma sessão de esclarecimento da F

16 anos de prisão maior para ladrão de bancos

Foi condenado a 16 anos de prisão maior um dos participantes nos assaltos às agências do Banco Totta e Açores na Avenida da República, em Lisboa e em Mira d'Aire. A sentença do 1.º Juízo Criminal de Lisboa obriga ainda o assaltante, João Celestino Rodarte de Almeida, a pagar 2830 contos de indemnização ao Banco e três contos ao proprietário de um automóvel baleado pelo João Celestino, durante a fuga.

Os assaltos ocorreram respectivamente em Maio de 1976 e em Outubro de 1975 e renderam à quadrilha, constituída por um outro indivíduo já condenado e por uma mulher, 1293 contos o primeiro e 1536 contos o segundo.

Patologia mental da grande cidade

PORTO, 24 — A patologia mental da grande cidade», é o tema da conferência que o dr. H. Gomes de Araújo profere esta noite, pelas 21 e 30, no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses.

Esta conferência integra-se num ciclo de palestras sobre a «comunidade — sua influência no doente mental» iniciativa da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Fiscalização apreende uma tonelada de pão

A fiscalização apreendeu uma tonelada de pão, fabricado e vendido ao domingo, nas zonas de Aveiro e norte do Douro, sendo necessário nalguns casos recorrer a brigadas de PSP e da GNR para vencer a resistência dos transgressores.

Jovem morre em cave de café

PORTO, 24 — O consumo de droga parece estar na origem da morte de um jovem de 17 anos, cujo corpo foi encontrado caído e sem sinais de vida na cave do Café do Marquês do Pombal», sito na praça do mesmo nome, ontem cerca das 21 horas. Junto dele encontrava-se uma seringa que, tudo indica, serviria para o mesmo se injectar com forte dose que lhe provocaria a morte. O corpo foi ainda transportado numa ambulância do «115» para o Hospital de S. João onde os médicos verificaram o óbito.

O jovem presumivelmente vitimado pela droga era o estudante André Correia de Araújo Mendes de Almeida, que residia na Rua de Carlos Malheiro Dias, 46-3.º, Dt.º, nesta cidade.

Segundo a PJ o falecido era já conhecido naquela Polícia, onde presentemente corria um processo contra ele precisamente por consumo de droga.

CONTRA AS VIOLAÇÕES

Mulheres espanholas criam comandos

MADRID, 24 — A Associação das Mães Solteiras de Madrid estuda a possibilidade de formar comandos para investigar a crescente vaga de violações que se regista nesta capital.

Este agrupamento de mães solteiras reuniu-se para fazer um chamamento à opinião pública, a fim de conseguir que se estudem possíveis métodos para acabar com esta vaga de acontecimentos.

O ensino de exercícios de autodefesa é uma das propostas formuladas pela associação, que também pede a formação de comandos femininos que investiguem os casos já acontecidos, a busca imediata de todos os delinquentes, e o seu julgamento sem atenuantes.

A escalada de abusos preocupa as jovens espanholas.

Nalguns bairros mais afectados por esta vaga, as jovens andam prevenidas com meios de defesa, como os «sprays».

Também em Portugal, nomeadamente nos grandes centros urbanos, se tem verificado um aumento assustador de violações. Em pleno dia, mulheres são obrigadas a entrar para dentro de automóveis e violadas. Recentemente fizemos aqui um trabalho sobre esse problema.

No entanto, trata-se de um crime que a sociedade continua a esconder e de certo modo a perdoar. As vítimas escondem-no como se tivessem sido culpadas. Trata-se, aliás, quanto a nós do único crime em que o autor não se sente culpado. E as autoridades não têm tomado medidas adequadas ao combate à criminalidade. Perguntávamos e perguntamos se as mulheres terão de ir para casa ao anoitecer ou andar armadas. Em Madrid, um grupo de mulheres mostra a sua preocupação pelo mesmo problema e anda com «sprays». Uma solução?

CONSELHO DA EUROPA A FAVOR DAS MULHERES

ESTRASBURGO, 24 — O Conselho da Europa acaba de publicar um folheto expondo o «longo combate», que levou a cabo «para assegurar às mulheres a igualdade com os homens».

O Conselho lembra as várias resoluções a favor da mulher, que adoptou desde a sua criação em 1949. Cita nomeadamente as suas recomendações para uma maior participação das mulheres nos parlamentos, sobre a eliminação da discriminação no emprego, sobre a situação jurídica da mulher casada e da mãe-solteira e sobre o regime de segurança social da mulher desempregada.

LOPES CARDOSO À ANOP

"Em Portugal não capitalismo para ge

Um Governo que pretenda gerir em Portugal o capitalismo, de uma forma mais ou menos inteligente, encontra-se perante uma situação completamente diferente da dos partidos sociais-democratas noutros países da Europa, porque não tem capitalismo para gerir» — afirmou o deputado Lopes Cardoso numa entrevista concedida à Agência Anop.

O ex-ministro da Agricultura do I Governo Constitucional e agora impulsionador da novel União da Esquerda Socialista e Democrática (UESD) entende, com efeito, que tendo presente os condicionalismos do País, internos e externos, não há em Portugal capitalismo para gerir.

Por outro lado, e não se detendo «no carácter retrógrado do capitalismo português antes do 25 de Abril, que também foi, em grande parte, destruído e abalado», aquele deputado independente considera «que ou se faz uma política de recuperação prévia do capitalismo e depois se verá como pode ser gerido, ou tem de se prosseguir com uma Revolução sujeita, naturalmente, a ritmos mais ou menos acelerados».

É com base nesta opção que Lopes Cardoso, no decorrer da entrevista, salientou: «Não é possível, em Portugal, uma política de meias-tintas, tanto mais que estamos num país que ficou a meio da revolução». Assim, e segundo Lopes Cardoso, «há que escolher entre as antigas estruturas, um edifício cheio de falhas, ou construí-las de novo, rejeitando tapar buracos».

Para o ex-dirigente do PS, a ausência desta opção foi o grande defeito do I Governo Constitucional, que não foi capaz de fazer uma escolha quanto ao projecto de fundo, procurando resolver problemas do dia a dia, sem nenhum enquadramento».

A propósito da União da Esquerda Socialista e Democrática, cuja Convenção Nacional está programada para os próximos dias 28 e 29, no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, Lopes Cardoso enquadrou-a no sentido de «retomar o projecto da democracia socialista, que em grande parte estava consubstanciado no programa do Partido Socialista e que foi abandonado».

Esse vazio político», na opinião do dirigente da asso-

Gestores públicos solidários com M

Enquanto nos meios ligados ao trabalho se torna evidente o desagrado de militantes e simpatizantes do PS ante a fórmula acordada por este partido com o CDS, cerca de 60 gestores públicos socialistas,

PUBLIREGRA

OBJECTIVO: TRANSPORTAR.
Com eficiência e segurança.

Diariamente, centenas de milhar de pessoas e bens* utilizam a frota da Rodoviária Nacional e a dinâmica dos seus serviços. Com a RN, eficiência e segurança percorrem dia e noite as estradas do País.
Transportando e aproximando. Sem esquecer o seu papel decisivo no êxito do nosso Turismo interno e externo.

*(e o Diário de Lisboa)

RN RODOVIÁRIA NACIONAL
nasceu com o País Novo para aproximar os portugueses

da Fraternidade Operária.

o há gerir"

ciação Fraternidade Operária», desmobilizou um número importante de militantes socialistas e deixou sem possibilicade de escolha um largo sector do eleitorado», situação que considerou extremamente perigosa no quadro da transformação da sociedade e da esquerda portuguesas».

Na sua opinião, o abandono do projecto socialista concretizou-se na prática do I Governo Constitucional, criando-se um fosso entre as metas do próprio programa do Governo e o discurso do PS».

Referindo-se ainda à União Esquerda Socialista e Democrática, Lopes Cardoso reconheceu que, tendo em conta que a conjuntura hoje em Portugal («muito diferente da que existia a seguir ao 25 de Abril»), o trabalho que a Convenção Nacional da UESD se propõe levar a cabo, «é muito mais difícil».

cos socialistas Mário Soares

reunidos no seu primeiro encontro, reafirmaram ao Secretariado Nacional do partido e, em particular, a Mário Soares a sua solidariedade e «a esperança firme no êxito da sua acção à frente do segundo Governo constitucional».

Durante a reunião foram debatidos problemas relacionados com a situação e as perspectivas das empresas públicas e nacionalizadas, bem como as condições do exercício da actividade dos gestores públicos. Na sessão de encerramento, presidida por Mário Soares, foi anunciada a criação, no âmbito do Gabinete de Estudos do PS, de grupos de trabalho especializados, que terão a incumbência de assegurar o prosseguimento do programa de acção aprovado.

CR reúne amanhã

Reúne amanhã o Conselho da Revolução, no edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao Restelo.

Da agenda da reunião constam somente dois pontos — a análise da situação política e da situação militar e assuntos de âmbito militar.

Pensa-se, no entanto, que o Conselho se venha a debruçar sobre os esforços actualmente em curso para a formação do II Governo Constitucional.

MARCELINO OREJA NO CONSELHO DA EUROPA

Madrid vai priorizar relações entre Portugal e a Espanha

O Governo espanhol é pela dissolução dos blocos militares e no que se refere à entrada de Espanha para a NATO, tanto o Partido Socialista Operário como o Partido Comunista opõem-se à adesão — afirmou o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Marcelino Oreja, ontem, em Estrasburgo, numa reunião do Conselho da Europa e respondendo a uma pergunta do deputado comunista português, Carlos Carvalhas. Queria este saber do chefe da diplomacia espanhola se o Governo de Madrid pensa pedir a sua adesão à NATO e qual a sua posição quanto à bomba de neutrões. A respeito deste último ponto, Oreja disse que o Governo está a estudar o assunto, pelo que não tem ainda posição definida.

Antes de responder ao deputado comunista português Carlos Carvalhas, Marcelino Oreja respondera ao deputado centrista português Lucas Pires, que quis saber da forma de aproximação entre a Espanha e Portugal: concretamente, se esta aproximação deveria fazer-se (segundo Oreja) de forma directa ou por intermédio das instituições europeias, e

ainda se existe, de facto, a chamada «realidade ibérica». O chefe da diplomacia espanhola respondeu que as relações entre os dois países constituem uma prioridade dentro da política externa espanhola, sublinhando a necessidade de um reforço da cooperação bilateral, nomeadamente no plano comercial.

Antes do período de perguntas e respostas em que intervieram os dois representantes da Assembleia da República Portuguesa, Oreja usou da palavra — e foi a primeira vez que um ministro espanhol usou da palavra — perante a Assembleia do Conselho da Europa, fazendo um resumo da actual situação política em Espanha desde a subida de Juan Carlos ao trono, passando pela progressiva democratização da vida pública do país. A propósito, afirmou que a monarquia permite às massas definirem um modelo de coexistência política, livre e democrático, baseado na tolerância, na justiça social, na reconciliação nacional. Tal modelo deve ter em conta a diversidade dos povos que integram Espanha — acrescentou Oreja. Lembrou ainda o desejo de a Espanha aderir à CEE e afirmou que o alargamento da Comunidade é uma necessidade política e que grande parte das dificuldades que se lhe levantam têm a sua raíz em problemas que o Euromercado até hoje ainda não soube resolver.

A notícia, da ANOP e desde Estrasburgo, relativa à sessão de ontem, diz ainda que usou da palavra o presidente da Assembleia, Carl Czernetz, afirmando, entre outras coisas, ser necessário recusar as propostas de modificação dos estatutos da organização, apresentadas por países de Leste europeu no sentido de se alargar o Conselho: «O CE não são as Nações Unidas», disse.

TAP vai voar para Buenos Aires

Está para breve a inauguração da linha aérea directa da TAP entre Lisboa e Buenos Aires, na Argentina, ao mesmo tempo que a transportadora aérea nacional estuda a possibilidade de expansão dos seus serviços no Brasil nomeadamente através de uma nova carreira semanal Lisboa-Salvador-Rio de Janeiro.

Estas decisões foram tomadas por dois directores da TAP em recente deslocação à Argentina e ao Brasil, tendo, então, o presidente da TAP, Monteiro da Silva, e o responsável pelos serviços comerciais, Hélder Torres, decidido abrir imediatamente um escritório em Buenos Aires.

Segundo a ANOP, a abertura do escritório da TAP visa preparar a inauguração da nova carreira directa entre as capitais portuguesa e argentina.

Melo Antunes esteve em Cuba em missão da Presidência

A Presidência da República confirmou ontem ter encarregado o major Melo Antunes de uma missão relacionada com os interesses nacionais», durante a sua estadia em Cuba.

A Presidência não esclareceu qual o teor preciso da missão de Melo Antunes, afirmando alguns jornais que nela se tratou das relações luso-angolanas.

O major Melo Antunes, actualmente membro do Conselho da Revolução e presidente da Comissão Constitucional esteve cinco dias em Havana a convite do Presidente da Assembleia Nacional Popular daquele país, tendo mantido contactos com Fidel Castro e outros dirigentes cubanos.

Segundo a Presidência da República informou à ANOP, aproveitando a oportunidade da deslocação do major Melo Antunes a Cuba, o Presidente da República encarregou-o de uma missão relacionada com os interesses nacionais».

Na NAZARÉ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

ENSINO

Despacho regulamentar do MEIC contestado pelos professores

A publicação do Decreto regulamentador n.º 89/77, emitido pelo Ministério da Educação, que considera como trabalho docente nocturno o prestado para além das 20 horas e introduz alterações no cálculo das remunerações de horas extraordinárias, mereceu um comunicado de violento protesto por parte do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Este Sindicato afirma no seu comunicado, ontem tornado público, que o MEIC prova uma vez mais, com o Decreto regulamentador «a sua total incapacidade de legislar em devido tempo e o desconhecimento cada vez mais nítido de que existem Sindicatos que deve consultar».

O decreto em causa coloca, a meio do anolectivo, milhares de professores com horário incompleto, ao mesmo tempo que reduz, retroactivamente a remuneração do trabalho extraordinário.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa explica a situação:

«Fixando o trabalho nocturno a partir das 20 horas, o MEIC volta a lançar a confusão nas escolas, uma vez que os horários estão feitos, desde Outubro na maioria das escolas, a partir das 19 horas, tal como em anos anteriores.»

«Os docentes que ensinam nos cursos nocturnos são obrigatoriamente professores de cursos diurnos em dois períodos completamente distintos, sendo o horário de trabalho resultante da acumulação das partes diurna e nocturna (cada hora nocturna corresponde a uma hora e meia de trabalho diurno).»

«A publicação deste Decreto deixa com horário incompleto a maioria dos docentes que ensinam nos cursos da noite, com resultados imediatos na contagem do tempo de serviço (com implicações futuras — Fases, diuturnidades, concursos e aposentação), além da correspondente redução do vencimento.»

«Também a fórmula contida no ponto 1 do art.º 5 do mesmo decreto regulamentador reduz o preço da hora de trabalho, uma vez que considera os meses com cinco semanas. Os acréscimos indicados no ponto dois do mesmo artigo são os atribuídos, em percentagem, aos restantes trabalhadores da Função Pública. O Decreto tem aplicação retroactiva para os anos 1975, 1976 e 1977.»

SERVIÇO TELEFÓNICO AUTOMÁTICO EM VAIAMONTE

A partir das 14.00 horas do dia 25 do corrente mês é automatizada a rede de Vaiamonte do Grupo de Redes de Portalegre.
Poderão estabelecer comunicações telefónicas automáticas com aquela localidade os assinantes integrados nos seguintes Grupos de Redes:
Abrantes, Aveiro, Arganil, Braga, Castelo Branco, Caldas da Rainha, Coimbra, Covilhã, Évora, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Funchal, Guarda, Idanha-a-Nova, Leiria, Lisboa TLP, Mealhada, Odemira, Penafiel, Pombal, Portimão, Porto TLP, Ponte de Sôr, Santarém, S. Joao da Madeira, Santiago do Cacém, Seia, Setúbal, Torres Novas, Torres Vedras, Tavira, Valença, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Famalicão, Viseu, cujos telefones tenham acesso ao Serviço Telefónico Interurbano Automático, marcando os indicativos abaixo designados seguidos do número do posto desejado

DE LISBOA E PORTO TLP 0045
DOS RESTANTES GRUPOS DE REDES 045

Portalegre – Vista panorâmica

CTT TLP

Serviço telefónico automático

Recorte e guarde este anúncio na sua lista telefónica.

LISTA B DOS ESCRITÓRIOS

Unidade pela defesa de direitos ameaçados

Para a lista B candidata nas eleições do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, que se realizam na quinta-feira, a **unidade** é algo mais que uma palavra de ordem susceptível de encontrar vasta receptividade entre o eleitorado: ela traduz uma aspiração de há muito sentida entre a classe, e tem raízes profundas no modo de constituição da candidatura e na sua composição.

Ficou claro ao longo da campanha eleitoral que a lista B, pela sua composição, garante a defesa contra o sectarismo e a partidarização da actividade sindical, na base de um programa que aponta basicamente para a defesa dos interesses concretos dos trabalhadores. Dela fazem parte activistas sindicais com posições ideológicas diferenciadas, onde nenhuma corrente tem o predomínio, englobando ainda trabalhadores sem partido. Assinale-se também a presença de elementos dos actuais corpos gerentes, marginalizados pela linha neles dominante por se terem recusado a trabalhar de acordo com um esquema que contrariava frontalmente o programa na base do qual foram eleitos (estão neste caso José Luís Gaspar, Zita Braga, Branca da Cruz e Melo Pereira).

Estas e outras questões foram abordadas por alguns representantes da lista unitária, no decurso de uma breve conversa que mantiveram com o

Elementos da lista B falam para os nossos leitores

«DL». Presentes Zita Braga (35 anos, tradutora da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, activista sindical, dirigente da USL), Caiano Pereira (41 anos, subchefe de serviços da Nitratos de Portugal, ex-dirigente sindical, delegado sindical), Magalhães Ferreira (40 anos, 1.º escriturário na Petrogal, activista sindical) e Graça Dias (30 anos, escriturário na Caixa Nacional de Pensões, activista sindical).

«A nossa lista resultou da necessidade de unir os sindicalistas conscientes perante a ofensiva do patronato e dos inimigos dos trabalhadores», explicam-nos. «Por outro lado, facilmente se compreende que só uma lista unitária tem condições para despartidarizar o Sindicato».

Despartidarizar o Sindicato: os candidatos da lista B invocam a prática da actual direcção do seu Sindicato para denunciarem a sua íntima ligação ao poder político durante o mandato prestes a findar. Passividade perante as leis de trabalho mais contestadas, desinteresse pelos conflitos de trabalho, desrespeito pelas decisões dos sócios, recusa em assumir posições conjuntas com o Movimento Sindical, incompetência e abandono na contratação colectiva, sectarismo partidário — eis algumas razões de queixa a que a lista B dá corpo.

É por não reconhecer qualquer legitimidade aos actuais corpos gerentes para falar em nome dos trabalhadores que a lista unitária se sente na necessidade de denunciar a actual lista «A», que eles apoiam, e que resulta de uma aliança com os sectores mais divisionistas do grupo da «Carta Aberta», conotados aliás com toda a direita.

O programa da lista A é «diluído e conciliatório» — afirma a candidatura unitária. «Não se compromete no que respeita às preocupações centrais dos trabalhadores, contempla apenas aspectos secundários, avança propostas que iriam agravar a situação de divisão na classe, furtam-se à partida às decisões que venham a ser tomadas democraticamente em assembleias gerais, acentuam e sua vinculação à «Carta Aberta» cujo projecto cisionista os trabalhadores têm vindo a rejeitar nas eleições ultimamente realizadas».

A perspectiva crítica da lista B abrange outros projectos da candidatura social-democrata: tentativa de criação de uma estrutura vertical, que «a ser concretizada mais não seria do que o perpetuar das estruturas corporativas», e de uma Federação Nacional de Serviços «com que se pretende formalizar a sua ligação à CISL, através da filiação na Fietta». A lista unitária censura ainda a «linguagem de guerra fria» utilizada em alguns comunicados divulgados durante a campanha eleitoral, que hoje termina.

Na apreciação que faz da campanha e das alternativas de voto, a lista B, por outro lado, conclui que voto na lista C (conotada com a UDP/PCP(R) é perdê-lo a favor da lista A, pois será subtraí-lo à única lista que a pode derrotar»: a unitária.

PRIORIDADE À CONTRATAÇÃO

A luta por melhores condições de vida e a prioridade à contratação são os aspectos mais salientes do programa da lista unitária. Estão em causa aspectos como o desemprego, os despedimentos, o regime temporário de trabalho, a segurança social, a saúde, a medicina do trabalho, higiene e segurança, a juventude, os reformados, etc.

Quanto à contratação colectiva, «trata-se de uma tarefa prioritária para muitos milhares de trabalhadores, pois é o único meio de que eles dispõem para verem corrigidos os seus orçamentos, gravemente afectados por uma política que deliberadamente tem vindo a reduzir de uma maneira drástica os seus salários reais, que estão ao nível de Janeiro de 72». O programa é também aqui bastante claro, e aponta para a publicação de novos contratos e aplicação dos que já se encontram em vigor.

Analisando o seu programa a lista B conclui, em síntese, que ele «corresponde aos reais interesses dos trabalhadores de escritório: afirma a prioridade à contratação colectiva, à luta contra o aumento do custo de vida, contra o desemprego, contra as arbitrariedades do patronato, pelas conquistas do 25 de Abril consagradas na Constituição. É um programa e são sindicalistas para pôr o wsindicato a trabalhar, para pôr fim a confrontos, para unir os trabalhadores de escritório, para defender os seus interesses».

Factos

1. Independentíssima, a RDP. Pela mão de António Sala (quem lhe encomendou o recado?), Vítor Hugo — actual dirigente dos Escritórios, chefe de fila da «Carta Aberta», candidato da lista A — póde esta manhã propagandear o seu programa durante vinte minutos num órgão de comunicação pago por milhões de portugueses. Das outras três listas nem sombra. Pluralismo? Que ideia!.

2. Há alguns dias demos conta da apreensão de alguns leitores, sócios do Sindicato dos Escritórios, quanto à proveniência das avultadas verbas que estavam a ser gastas pela lista A na campanha publicitária. Insistem agora outros leitores, referindo-nos a multidão de anúncios publicados nos jornais diários. Quem os não viu durante os últimos dias? Detámos contas por alto: são dezenas de contos de réis, pagos por 77 anúncios publicados em órgãos como o **Diário de Notícias** ou o oficioso da CIP.

3. Há coincidências do diabo: tanto o diário da manhã **O Dia** como o insuspeitíssimo **Diário de Notícias** informam hoje da assinatura de uma portaria de regulamentação do trabalho para os empregados de escritório ainda não abrangidos por qualquer convenção colectiva. No dizer do «DN», isso deve-se aos «denodados esforços» da actual direcção, que naturalmente, apoia a lista A — ligação que os dois jornais estabelecem. O ministério de Gonelha dá uma ajuda...

E.L.

Polícia no Hotel Baía para apoiar o regresso do patrão

POR DECISÃO DO TRIBUNAL DE CASCAIS

Edifício do Hotel Baía devolvido ao ex-patrão

Os trabalhadores do Hotel Baía, em Cascais, vão recorrer da decisão do tribunal local, ontem tomada e aplicada, nos termos da qual é restituída a posse do edifício à antiga entidade patronal.

Esta decisão dos trabalhadores foi tomada tendo em conta que o tribunal não considerou a legislação vigente aplicável neste caso, uma vez que o hotel se encontra em autogestão desde que o patrão o abandonou, em Junho de 1975.

Em aplicação da decisão judicial, o ex-patrão voltou ontem às instalações do Hotel, pretendendo retomar a gestão. Apoiado pela PSP, a antiga entidade patronal aproveitou a ausência da quase totalidade dos elementos da Comissão de Trabalhadores.

Aproveitando a decisão judicial e o facto de lhe terem sido devolvidas as chaves do prédio, João Soares, o antigo patrão, apresentou-se dizendo, juntamente com o seu advogado, que «a decisão do tribunal abrange igualmente a gestão do hotel».

Recorde-se que, após o abandono do hotel, a empresa foi não só recuperada como ainda foram criados 35 novos postos de trabalho. Foi face aos êxitos obtidos desde então que o ex-patrão tentou por diversas vezes voltar.

DURANTE A PARALISAÇÃO DE ONTEM

Plenário da Sorefame decide lutar contra as suspensões

A totalidade dos trabalhadores das oficianas da Sorefame aderiu, ontem, a uma paralisação efectuada entre as 15 e as 17 horas, durante a qual foi realizado um plenário que decidiu impugnar as suspensões de cinco operários ordenadas pela administração, o que esteve na origem desta forma de luta.

Idêntica paralisação se efectuou, durante o mesmo período, na Construtora Moderna, onde também se realizou um plenário que aprovou uma moção de repúdio pela decisão administrativa e pela entrada do CDS no Governo.

Como já relatámos, a suspensão dos cinco trabalhadores da Sorefame ficou a dever-se ao facto de, devidamente mandatados, terem transmitido à chefia das oficinas a recusa de todos os seus elementos em permitirem o arrancamento de cartazes ali afixados, referentes às eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos recentemente realizadas.

Na moção ontem aprovada na Sorefame, foi decidido mandatar a Comissão Intersindical de Trabalhadores para que «prossiga a reparação desta prepotência da administração pela via legal, que vá informando os trabalhadores do seu andamento e, caso seja necessário, avance com novas formas de luta, nomeadamente a impugnação jurídica».

No mesmo documento apela-se a todos os democratas e antifascistas no sentido do reforço da unidade, para se fazer face «às ameaças que perigosamente pesam sobre a democracia e o regime democrático».

Foi ainda manifestado ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Assembleia da República, «a justa apreensão pela formação de um Governo que não dá nenhumas garantias de realizar o projecto democrático consignado na Constituição».

Durante o plenário foram recebidas manifestações de solidariedade dos trabalhadores das duas empresas que se encontram na zona de Sines e paralisaram à mesma hora; de trabalhadores do «self-service» que não puderam, justificadamente, ter o mesmo procedimento; de trabalhadores dos escritórios da Sorefame que repudiaram a atitude da direcção do seu sindicato; e um telegrama de solidariedade do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa.

ALGOT

Solução arrasta-se

Não se concretizou ainda e não se sabe se virá a concretizar-se, dizem-nos dirigentes sindicais do sector, a anunciada venda da «Algot Portuguesa» a uma multinacional holandesa com interesses americanos que, conforme noticiámos, admitiria uma parte dos 1200 trabalhadores da empresa.

Entretanto, uma outra firma sueca, a «Melka» possuidora de unidades do ramo em Portugal, também estaria interessada na compra daquela fábrica de vestuário das Fontainhas (Póvoa de Varzim), onde os 1200 trabalhadores, com salários em atraso, continuam sem saber como serão assegurados, os seus direitos.

Por outro lado, continua em Portugal o empresário sueco Nilson, ligado à Algot, não se sabendo concretamente das diligências que tem vindo a efectuar sobre este problema.

A situação dos trabalhadores tem vindo a ser estudada pelos sindicatos interessados, nomeadamente o do Vestuário do Porto, em reuniões com representantes da Secretaria de Estado do Emprego, com vista à obtenção de subsídios para pagamento dos salários a título de desemprego.

Os sindicatos referem-nos, mais uma vez, o seu desapontamento pela ineficácia com que o Ministério dos Negócios Estrangeiros tem encarado este caso que se arrasta desde meados do ano passado.

QUIMIGAL (BARREIRO)

Químicos denunciam divisionistas

«É frequente, sempre que a reacção sente terreno favorável para tentar o assalto ao poder político, sugirem grupos políticos a arvorar-se em revolucionários e defensores da classe operária, prometendo-nos o socialismo numa bandeja, enquanto aproveitam para caluniar membros de comissões de trabalhadores e dirigentes sindicais, sobretudo nas grandes empresas onde a organização dos trabalhadores é mais forte e coesa, demonstrando assim a verdadeira face do seu jogo aliado de facto ao capitalismo e ao imperialismo».

A afirmação parte da direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, e é feita num comunicado onde se esclarecem os factos que rodearam o despedimento e posterior readmissão de um trabalhador do centro fabril do Barreiro da Quimigal (ex-CUF). O Sindicato reage por este meio a panfletos sobre o assunto, divulgados por grupos de trabalhadores afectos ao MRPP e à UDP/PCP (R), nos quais se acusa os dirigentes sindicais de traição, «procurando estabelecer a divisão e confundir os trabalhadores».

De acordo com este comunicado, a readmissão do trabalhador irregularmente despedido deve-se exclusivamente à solidariedade e unidade dos seus colegas de trabalho, e à actuação do Sindicato dos Químicos, apesar do tardio conhecimento que este teve do problema. Aliás — revela-se no comunicado — a responsabilidade por este facto cabe a um delegado sindical afecto à própria UDP, atitude que leva o Sindicato a perguntar se ele não pretenderia apenas «colher frutos político-partidários, mesmo correndo o risco de sacrificar um trabalhador ao desemprego».

NEGOCIAÇÕES GATT

EUA prometem reduzir tarifas em cerca de 40 por cento

Na reunião ministerial do GATT (Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas Aduaneiras) que ontem se iniciou em Genebra, no prosseguimento do «Tokyo Round», os EUA prometeram aos restantes 97 países participantes que iriam reduzir as suas barreiras alfandegárias em cerca de 40 por cento. Esta proposta norte-americana segue-se a ofertas semelhantes apresentadas na semana passada pelo Japão e pelos nove países membros do Marcado Comum Europeu.

Discursando ontem na reunião, os três principais negociadores (EUA, Japão e CEE) prometeram envidar todos os seus esforços para que em meados deste ano (mais propriamente em Julho), estejam concluídas as conversações tendentes a libertar o comércio internacional e a estabelecer as regras de jogo válidas nesse campo para a década de 80.

Se os três «grandes» estão de acordo quanto à chamada «fórmula suiça» de redução (isto é, diminuição das tarifas na ordem dos 40 por cento) subsistem, contudo, problemas delicados, nomeadamente no tocante aos produtos agrícolas.

Segundo Françoise Rey, da AFP, o que podemos concluir da primeira sessão das conversações de Genebra (onde tomaram a palavra 24 oradores) é que todos parecem cheios de boas intenções, dispostos à grandiloquência e às belas promessas. Porém, certos problemas nem sequer foram aflorados (caso da instabilidade monetária, ao qual só o Japão e a Suíça se referiram) e outros foram deliberadamente menosprezados (os problemas já referidos dos produtos agrícolas e o dos impedimentos não pautais).

Nos meios diplomáticos pensa-se que a questão da instabilidade monetária foi abordada oficiosamente nos corredores, constando que a CEE tem a intenção de voltar atrás nas suas concessões, caso a baixa do dólar continue a perturbar as relações internacionais. Por outro lado, o facto de não se abordarem os problemas mais delicados — é interpretado como o desejo de os países participantes chegarem a um acordo realista, seguindo aquele velho ditado que diz ser o óptimo inimigo do bom.

Saliente-se ainda que embora haja a participação de 98 países nestas negociações, o resultado destas depende fundamentalmente dos «grandes». Na verdade, o Terceiro Mundo, sem força no comércio internacional, pouco mais poderá fazer que figura de corpo presente.

Enquanto os norte-americanos protestavam as suas boas intenções em Genebra, o dólar voltava a descer assustadoramente nas praças europeias. Em Zurique a divisa americana desceu a «barreira psicológica» dos dois francos suíços. O Banco Nacional Suíço interveio para o proteger, mas as suas compras não foram suficientes para travar a descida.

Em Francoforte (RFA) encerrou a 2.1117 marcos. Razões desta descida, que se acentuou na tarde de ontem: as reacções negativas às previsões económicas contidas no orçamento americano. Na verdade, o programa económico de Carter não apresenta uma reactivação da política energética dos EUA. Ora, a queda do dólar deve-se ao gigantesco défice comercial norte-americano, o qual, por seu lado, decorre sobretudo dos enormes custos das suas importações petrolíferas.

Enquanto isto, a libra e o franco francês registaram boas subidas.

TELEX TELEX TELEX

«DEZ DE WILMINGTON» — Os «Dez de Wilmington», cuja libertação é um dos objectivos da Amnistia Internacional, viram ontem a sua pena reduzida pelo governador da Carolina do Norte (EUA). Oito dos presos (que são considerados pelos democratas de todo o mundo vítimas de sanções políticas e discriminação racial) poderão sair este ano. O reverendo Chavis poderá sair em 1980.

NICARÁGUA — A oposição deste país latino-americano anunciou que hoje se realizaria uma greve geral no país inteiro como protesto contra a morte do jornalista e dirigente oposicionista Joaquim Chamorro.

ETIÓPIA — Voltou a registar-se luta na frente de combate do deserto de Ogaden, onde forças somalis afirmam ter repelido uma contra-ofensiva etíope. Rádio Mogadiscio informou que se trava renhida batalha nas ruas da estratégica cidade de Harar. Contudo, observadores citados pela Reuter, mostram-se cépticos quanto a estas notícias, que do lado etíope não mereceram ainda qualquer comentário.

CHILE — Terminou em Florença a conferência internacional organizada pelo Comité Itália-Chile, com a presença de representantes municipais europeus, latino-americanos e de vários países do Terceiro Mundo. Uma vez mais o regime chileno foi condenado, tendo sido proposto um apoio activo à resolução da ONU e o boicote á exportação de produtos alimentares para o Chile. Nos dias 28 e 29 reunir-se-á em Argel a comissão internacional de inquérito aos crimes da Junta chilena.

ITÁLIA — Luciano Lama, dirigente do PCI e secretário-geral da Confederação Italiana do Trabalho declarou ao jornal «La República» que, seja qual for o resultado da crise governamental, a linha sindical está definida: os trabalhadores sacrificarão as exigências salariais se forem criados mais empregos para os cerca de 1,6 milhões de italianos sem trabalho.

MIGRANTES — A revista mensal da OIT, no seu número de Janeiro, escreve que, apesar da recessão, do desemprego e das indústrias arruinadas, a Europa Ocidental necessita ainda dos trabalhadores estrangeiros.

SALYUT-6 — Notícias não confirmadas oficialmente referem que a próxima tripulação a juntar-se à estação orbital soviética Salyut-6 poderá ser constituída por uma equipa mista soviético-checoslovaca, o que, a confirmar-se, faria entrar os checoslovacos no clube dos cosmonautas, onde até agora só existem soviéticos e norte-americanos.

OUTRO CASO SCHLEYER?

Barão-magnata raptado em Paris

Um grupo maoista francês, o clandestino «Nucleos Armados para a Autonomia Popular, reivindicou ontem, através de um telefonema para a RTL-Rádio Luxemburgo, o rapto do barão Edouard Jean Empain, industrial e milionário belga de 40 anos, principal dirigente de um dos mais poderosos grupos económicos da Europa, que controla mais de 500 companhias em todo o mundo. O rapto, efectuado ontem, diante da residência do barão, na aristocrática e cosmopolita avenida Foch, em Paris, leva a imprensa francesa de hoje a recordar o sequestro de Hans Martin Schleyer, o «patrão dos patrões» da RFA, de autoria do Baader-Meinhoff.

No telefonema à RTL, o porta-voz dos «NAPAP» comunicou que o barão seria morto, caso os seus militantes do grupo que estão presos não fossem libertados até amanhã dia 25 ao meio-dia, ao mesmo tempo em que ameaçava:« Outros patrões se seguirão».

O Governo francês está a tratar do caso como «um assunto de Estado» e o presidente Valery Giscard D'Estaing deu instruções para ser informado hora a hora a respeito do desenvolvimento das investigações. A Polícia, completamente mobilizada, efectua incessantes buscas, mas, aparentemente, sem resultados até agora. Círculos policiais recordaram que, anteriormente, os NAPAP reivindicaram várias outras acções que mais tarde, conforme foi descoberto, se ficou a saber serem de responsabilidades de outros grupos.

Quanto ao barão Edouard-Jean Empain, nasceu em Budapeste em 1937, é o presidente do grupo Schneider, que tem interesses no aço em equipamentos industriais, construção e engenharia civil, artigos eléctricos e numa grande empresa bancária. O grupo emprega 245.000 pessoas e no ano passado teve uma receita superior a 22,1 mil milhões de francos. Figura destacada da chamada «alta sociedade» parisiense, o barão é casado, tem três filhos e muitos cavalos de corrida. Entre as companhias do seu «império» estão a Creusot-Loire, que fabrica tipos especiais de aço, incluindo fornecimentos para a indústria nuclear, a qual é uma das principais firmas que os partidos de esquerda concordam em nacionalizar, caso vençam as eleições de Março. O «network» do barão engoloba também a Jeumont-Schneider (engenharia geral e eléctrica), a Spie-Batignolles, uma das maiores firmas francesas de construção, o banco L'Union Europeenne, com sede em Paris e o Banco Belga para a Indústria. Para além da França e Bélgica, o grupo tem interesses em vários países da Europa, Canadá, América do Sul, Zaire e Burundi. O barão é membro executivo da associação do patronato francês.

Entretanto, segundo notícias chegadas a meio da manhã, além dos seus camaradas dos «NAPAP», os raptores exigem ainda a libertação de Irmgaard Moeller, e Rolf Pohl, do Baader Meinhoff, presos na RFA.

SOWETO

Jornalistas não podem informar

A Associação de Correspondentes Estrangeiros na África do Sul («ACE») manifestou a sua preocupação pelo tratamento dado pela Polícia a cinco dos seus membros, detidos ontem no Soweto.

Numa mensagem para o Departamento de Informação e para o Comissariado da Polícia a «ACE» afirma que os correspondentes (France Presse, Associated Press, United Press International Television News e «Voz da América») tinham passes especiais para permanecerem naquela cidade e ali fazerem a cobertura de um encontro do Comité de Acção do Soweto. Os cinco jornalistas foram libertados horas depois, após identificação.

Os jornalistas recebem credenciais para trabalhar no Soweto, área controlada pela Polícia, e a Associação pergunta, perante esse facto, que validade terão as autorizações «se os correspondentes são embaraçados e impedidos de trabalhar pela Polícia, mesmo tendo autorizações válidas para operarem no Soweto».

Entretanto, os estudantes do Soweto deliberaram prosseguir o boicote às aulas até à satisfação das suas reivindicações, cujo ponto principal é a supressão do sistema de instrução discriminatório. Em vigor desde 1953, este sistema apenas fornece aos africanos o mínimo de conhecimentos necessários a um operário não qualificado. O Governo de Vorster gasta com os estudos de cada aluno africano 15 vezes menos do que com cada aluno branco.

Última: um dirigente nacionalista negro que fugiu da África do Sul há 15 anos ficou gravemente ferido na explosão de uma carta-bomba que lhe foi enviada para Manzini (Suazilandia). A explosão abriu um buraco na parede dos Correios onde o dirigente abriu a missiva armadilhada. O refugiado, A. B. Duma, era membro do banido Congresso Nacional Africano, organização nacionalista sul-africana.

Países árabes radicais reúnem-se em Argel

Seguno o jornal libanês de esquerda «Al Safir», a próxima «Cimeira da Firmeza», agrupando os países árabes hostis às iniciativas de paz do presidente egípcio Anwar Sadat ssrá realizada em Argel, de 29 de Janeiro a 2 de Fevereiro, com a presença da Líbia, Iraque, Síria, Iemen do Sul, OLP, além da anfitriã Argélia. O jornal acrescenta que a reunião poderá iniciar-se com um encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, preparando para o dia seguinte a cimeira dos chefes de Estado. Assunto central da reunião: discussão e aplicação das resoluções da cimeira de Tripoli.

A nota mais importante é a presença do Iraque que, em princípio, será representado pelo vice-presidente do Conselho de Comando Revolucionário Governamental, Saddam Hussein, considerado a figura mais poderosa de Bagdad. A sua presença pode indicar que o Iraque está disposto a participar na frente árabe radical criada no mês passado em Tripoli, quando a representação deste país abandonou a sessão final por classificar as resoluções tomadas como «muito moderadas». A seguir, numerosos esforços foram feitos para trazer o Iraque de volta à frente, nomeadamente pelos presidentes líbio e argelino, Muammar Kadhaffi e Houari Boumedienne. O Iraque com os seus grandes exército e riqueza em petróleo, aumenta decisivamente o poderio militar, político e económico da aliança.

Pelo seu lado, a Síria, com quem o Iraque mantém um diferendo agora relegado para segundo plano, afirma estar a reforçar as suas forças armadas «para alcançar um equilíbrio com o inimigo sionista após a capitulação do Egipto». A Síria está a aguardar um grande fornecimento de armas provenientes da União Soviética, no que inclui uma dúzia de caças Mig-23, mísseis SAM aperfeiçoados e desconhecidos no Médio Oriente e uma quantidade desconhecida dos poderosos tanques T-62. Fontes diplomáticas dizem que o fornecimento está a ser financiado pela Líbia.

No «campo diplomático», enquanto Carter pede ao Egipto e a Israel para terminarem com os ataques verbais que recrudesceram nos últimos dias, e para reiniciarem as negociações que estavam em curso, o primeiro-ministro sionista Menahen Begin disse que Israel continuaria a rejeitar as exigência egípcias para uma total retirada dos territórios ocupados e para a criação de um Estado palestiniano livre e soberano na margem esquerda do rio Jordão e na faixa de Gaza. Isso demonstra que, na realidade, pouco ou nada mais há a fazer ou a esperar dessas negociações. Israel demonstra apenas aceitar uma paz baseada nas suas condições e o Egipto, isolado, além de não ter um interlocutor bem intencionado deixou definitivamente de ser encarado pelos demais países árabes como «irmão». Qual será o fim de Sadat?

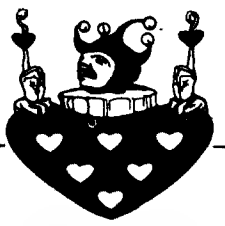
"A hora de Smith passou"

«A hora de Ian Smith passou definitivamente», declarou em Bona Hans Dietrich Genscher, ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal. Esta declaração, feita por um dirigente de uma das potências que sempre mostrou «simpatia» para com os regimes retrógrados da África Austral, reveste-se de especial importância: é a constatação de que a movimentação da maioria negra acabará por derrubar Ian Smith. Além disso, sob o Governo minoritário branco encontram-se em causa os direitos humanos de Carter... Genscher fez aquela declaração durante uma entrevista com o seu homólogo gabonês, Martin Bongo, que acompanha o presidente Omar Bongo numa visita oficial à RFA. Genscher acrescentou ainda que a África do Sul devia habituar-se à ideia de que já não lhe é possível considerar a Namíbia «como um território ocupado».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

MOBÍLIAS USADAS
COMPRO
VENDO
Av. Almirante Reis, 35
(Aos Anjos) T. 83 21 61

NOVOS HORÁRIOS
CapriTur
PARTIDAS
LISBOA / PORTO 8-19 horas
PORTO / LISBOA 8-19 horas
LISBOA / ALGARVE 15 horas
ALGARVE / LISBOA 7 horas
Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.
Av Duque de Loulé, 47 A LISBOA
R St.ª Catarina, 500 PORTO
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

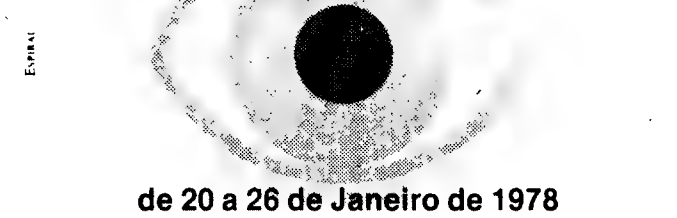

CARNAVAL na NEVE
CANDANCHÚ
(Pirinéus)
ou ainda
TORREMOLINOS
AÇOTEIAS
MONTEGORDO
Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé, 47 A LISBOA
R. St.ª Catarina, 500 PORTO
ou o seu Agente de Viagens

• TRINDADE •
– INATEL –
APRESENTA
QUARTA-FEIRA, 25
às 21.30
(para uma curta série de representações)
UM GRANDE ÊXITO DO BRASIL
ZUMBI
de augusto boal
g. f. guarnieri
edu lobo
encenação:
augusto boal
dir. musical:
zé batista
elenco:
cecília thumin
fernando loureiro
francisco fanhais
márcia fiani
rui frati
seme lutfi
vera keel
joão lagarto
músicos:
jan galley
robertinho
zé batista
Os sócios do Inatel, dos ceds, cpts. e Sindicatos beneficiam de 50 % de desconto em todas as categorias de lugares.
BILHETES À VENDA
(M. 13 anos)

TEATRO ABERTO
P de ESPANHA metro PALHAVÃ
telef 77 09 69
grupo 4
APRESENTA
A SÁTIRA MUSICAL
OS MACACÕES
de ARY DOS SANTOS AUGUSTO SOBRAL FERNANDO TORDO PAULO DE CARVALHO e PEDRO OSÓRIO
encenação de MORAIS E CASTRO
Subsídio da S E C
13 anos
Com: PAULO • TORDO
HENRIQUETA • IRENE
RUI • LUISA • OSÓRIO
GOMES • CAVACO
3.as, 4.as, 5.as
e 6.as FEIRAS
às 21.45
SÁBADOS: 20.30 e 22.45
DOMINGOS: 15.30 e 21.45
ÚLTIMO MÊS
UM DOS MELHORES ESPECTÁCULOS DE 77

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 - 875626
Diariamente às 21.30 h
Sábado matinée às 16 h
Descanso às 2.as-feiras
2.º MÊS
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
UMA ABELHA NA CHUVA
de Carlos de Oliveira
SUB SEC.

SEMANA DO CINEMA SOVIÉTICO



de 20 a 26 de Janeiro de 1978
dia 20 — O amanhecer tranquilo
Realizador • STANISLAV ROSTOTSKY
dia 21 — Dersu Uzala
Realizador • AKIRA KURASAWA
dia 22 — Ivan, o Terrível
Realizador • V. DERBENEV
dia 23 — O último assalto
Realizador • IURI BONDAREV
dia 24 — A noite sobre o Chile
Realizadores • SEBASTIAN ALARCON e ALEXANDRE KOSSAREV
dia 25 — Ascenção
Realizadora • LARISSA CHEPITKO
dia 26 — O sol branco do deserto
Realizador • VLADIMIR MOTYL
Bilhetes à venda
Organizada pela V/O «Sovexportfilm»
cinema BERNA

Em ALVERCA o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O Autocarro" de Bay Okan

FICHA:
Título original: The Bus
Realização, argumento e montagem: Bay Okan (Suiça-1976)
Fotografia: Gunes Karabuda
Música: Omar Zulfu, Pierre Favre, Leon Francioli
Interpretação: Bay Okan (**1.º homem do autocarro**), Bjorn Gedda (**o homossexual**), Tuncel Kurtiz (**2.º homem do autocarro**), Ogus Arlas (**o motorista**), Aras Oren (**3.º homem do autocarro**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo
Cinema: Terminal
Classificação: Não acons. men. 18 anos
Duração: 80 minutos

Um filme, o que é? Uma história transmutada em imagens e sons? Um estádio próximo da alucinação? Uma operação de **transfert**? Um sucedâneo da vida?

Alguém com os pés assentes na terra e com algum sentido de humor diria que um filme é película impressa, enrolada em bobinas que, passadas à velocidade de 24 fotogramas por segundo numa máquina de projecção, produzem a ilusão do movimento numa superfície branca. E se é certo que um filme é isto mesmo (e é bom lembrá-lo de quando em vez), a verdade é que o seu funcionamento portanto do espectador envia-nos sempre para terrenos menos palpáveis. Um filme lento, pesado, divertido, monótono (ou qualquer outro adjectivo comum), se deve esses seus atributos a razões físicas (planos mais ou menos longos, montagem mais ou menos rápida, diversidade cromática da imagem, número de estímulos sonoros — música, palavras por minuto, etc.), ancora porém esse tipo de sumários abributos em razões que relevam de outra ordem de materiais — os códigos de representação e nos hábitos estéticos do público.

Um filme estranho em desafio aos nossos hábitos culturais

Tudo isto a propósito de **O autocarro**, filme que o turco Bay Okan foi rodar à Suécia e à Alemanha Federal com dinheiros suíços, filme perante o qual duas reacções aparentemente contraditórias se desenham: uma adesão de tipo emocional, uma incomodidade de tipo físico (é curioso que o filme pareça muito longo quando dura menos 20 minutos que as produções **standard**). Adesão emocional que tem a ver com o uso de códigos simples: a oposição da abundância de comida com a fome dos emigrantes sequestrados no autocarro, a oposição do bucolismo natal (a imagem, repetida, das camponesas) com a ambiência gélida e feroz da grande metrópole, o racismo que os funcionários da alfândega revelam, etc. Incomodidade física que tem a ver com a rarefacção de palavras, com o bloqueamento da acção (que não evolui, enovela-se), quiçá com a própria ausência de saída para a situação que o filme põe em cena.

Seria curioso procurar saber até que ponto a Suécia se vê retratada neste obsessivo deambular pelo seu egoísmo superconsumidor, por estes personagens moles, cobardes e agressores, por esta satisfação vazia; e, ainda, saber até que ponto o emigrante do sul (siciliano, jugoslavo, turco ou português) se identifica com este medo, este espanto, esta angústia. E seria curioso porque o lugar de onde se enuncia o discurso de **O autocarro** é sempre um local exterior a esses dois pólos em confronto, um local que embora seja fonte de uma solidariedade moral, humanista, para com os emigrantes é um local que se limita a uma constatação de tipo fixista (sem alicerces nem futuro), amarga mas bloqueada. **O autocarro** não é um filme turco nem sueco, nem suíço, não é um cinema ocidental nem terceiro-mundista, mas um produto híbrido, estranho. Talvez por isso ele use algumas das convenções mais comuns do cinema comercial por entre um discurso anticomercial no seu todo, talvez por isso ele seja moralista aqui e quase entomológico acolá, talvez por isso ele seja contraditório, incómodo, como uma peça fascinante que não faz parte do **puzzle**. Entre o desejo de a guardar e a tentação de a pôr de lado, passa, assim, aquilo que introduzimos no início. A questão de saber o que é um filme, a questão de saber de que modo se analisa um filme. É que dizer que sim apenas porque nos satisfaz a boa consciência de esquerda, é pouco. É que dizer que não porque ele não encaixa em nenhum dos **puzzles** que usamos (Duras, Godard, Fuller, os Marx, Fellini, Littin, que sei eu?) é rejeitar a **diferença** porque ela perturba a paz dos nossos arquivos.

O autocarro, objecto estranho, está também estacionado no parque da nossa cidadela cultural. Em desafio.

ESPECTACULAR!
YVES MONTAND
CAROLE LAURE · MARIE DUBOIS
OS VIOLENTOS
LA MENACE

ALAIN CORNEAU
GERRY MULLIGAN
ESPECTACULAR!
BREVEMENTE

comuna
teatro de pesquisa
apresenta diariamente às 21.30
A MÃE
DE BRECHT
domingo só matinée às 18 h
2.as-feiras — descanso
praça de espanha
metro: palhavã telef. 762624
subsídio da s.e.c.

Cenas & Cenários

Glicínia Quartin em AH Q

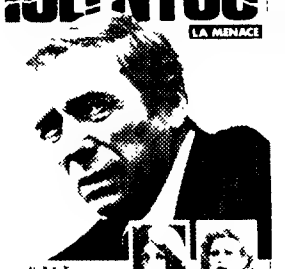
CORNUCÓPIA REPÕE AH Q

A partir da primeira semana de Fevereiro o Teatro da Cornucópia volta a apresentar no Teatro do Bairro Alto todas as noites às 21.45, e aos sábados às 16 e 30 e 21.45 e nos domingos só às 16 e 30, a tragédia chinesa baseada em Lu Sun **AH Q** de Bernard Chartroux e Jean Joardheuil.

AH Q, foi estreado em Março de 1976 na encenação de Luís Miguel Cintra, cenografia de Cristina Reis, música de Paulo Brandão e interpretação de Glicínia Quartin, Jorge Silva Melo, Rui Furtado, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Raquel Maria, Orlando Costa, Lia Gama, Carlos Nery, Jorge Nascimento, Gilberto Gonçalves e Rogério Vieira.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!
Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo
circular é viver.

ESPECTACULAR!
YVES MONTAND
CAROLE LAURE · MARIE DUBOIS
OS VIOLENTOS
LA MENACE



ALAIN CORNEAU
GERRY MULLIGAN
ESPECTACULAR!
BREVEMENTE

Ora vê lá tu!...
uma revista no CASARÃO do ADÓQUE

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

CARNAVAL NÃO DURA SEMPRE

A locutora avançou com a programação e disse que ao serão haveria a peça chamada **Arquivo**...

Não era bem assim, claro. «Arquivo» é uma espécie de secção, a RTP vai ao arquivo e escolhe de lá isto ou aquilo. Assim se mostra como a televisão aumenta o património teatral. Receita fácil: recorre-se à produção brasileira e à produção de antes do 25 de Abril.

A peça de ontem data de 1962. Movida sabe-se lá por que longínquo e dilacerante complexo de culpa, omitiu-se no início da peça tal facto. Talvez para evitar indisposições, não se apresenta nada. Toca a andar...

Outras vezes, o complexo não funciona. Assim foi que, a propósito do desvio do **Santa Maria** por Henrique Galvão, não se esqueceram de mostrar a pobre multidão a aplaudir Salazar.

Cuidadosa do passado, esta assim Televisão...

UMA DIREITA A DIREITO!

E vai, depois do **Casarão**, aconteceu o Sousa Franco, Presidente ainda interino do PSD.

Televisualmente falando, foi pobre e chato. A conversa mole, arrastada, repetitiva. Ao longo dos 35 minutos da entrevista, o chefe substituto esforçou-se por dar do seu partido uma imagem pacífica, democrática e — imaginem! — da esquerda. Pois claro, ele sim, social-democrata, partido que não segue modelos estrangeiros, até porque o PSD nem está ligado a nenhum patrocinante mundial. Evidente, piada ao CDS e ao PS. Mas não diz que, se não está, não foi à falta de se meter pelos olhos dentro como as donzelas desesperadas.

Aliás, a preocupação do Presidente do PSD consistiu em atrair simpatias dos cedeesses descontentes. Ao Centro do Prof. Freitas do Amaral caberiam todas as culpas. Foi bem claro: se o CDS tivesse contido a gula, se tivesse aguentado, hoje mais que certo haveria uma plataforma alargada e a Direita usaria tricórnio. A **traição** ficou assim denunciada. O que não deixa de ser curioso: querendo para si uma crisma de esquerda, o PSD arroga-se a alma de direitismo sem mácula, ele sim, capaz de congregar todas as forças que podem jogar com a Esquerda numa posição favorável.

Pfff...Não é tá como esses partidos que se aliam à Esquerda por um prato de lentilhas...

A FÁBULA DA CASA

Esta preocupação cómica de ser da direita mais reaccionária mas estar colocado na prateleira da Esquerda (!) ficou desmontada pelo próprio e por várias ocasiões. Isto há-de ser encarado como positivo sinal dos tempos pelas forças da Esquerda, da Esquerda real, e não daquela outra em que o trinta e um de boca se confunde com o vinte e oito de Maio. Quer dizer: a Direita confessa que, em termos de marquetingue, a própria palavra «Direita» já desfavorece o produto e que o que «dá» é o rótulo de Esquerda.

Recordemos para ilustrar o oportunismo do PSD a fábula da casa.

Disse Sousa Franco que o Governo PS-CDS não vai dar nada. Garantido. E explica porquê: Suponhamos uma casa. Uma casa só pode aguentar-se com duas vertentes paralelas. Senão, se a casa tiver uma vertente para a direita e outra vertente para a esquerda, o certo é a casa vir abaixo das canetas.

Pelos modos, tudo se resolveria se a casa tivesse três vertentes. Pelos modos, duas vertentes da «esquerda» (PS e PSD) ou duas vertentes da Direita (PSD e CDS) já equilibrariam a coisa. A menos que ele já estivesse a pensar nas três vertentes da direita...

A MENTIRA

A nota mais evidente, bastas vezes batida, consistiu na abolição de todo o carácter de agressividade. Não participa da plataforma? Encantado da vida! Vai para a oposição? Encantado da vida! Encantado da vida, fará na «oposição» uma «oposição selectiva».

Em primeiro lugar, a «oposição selectiva» representa uma falsa oposição: PSD apoiará uma política de Direita, essa é que é a verdade, porque a curto, médio ou longo prazo, a política de Direita é a que lhe convém. Repare-se de que modo vieram os partidos da Direita a tirar vantagens da política de direita do PS **apoiado por eles**...

Por outro lado, a imagem de um partido bem comportado, nada agressivo, não passa de máscara. Lembremo-nos dos sucessivos golpes contra a democracia praticados depois do 25 de Abril: em todos eles, o PSD esteve enterrado até aos gorgomilos. Lembremos como se comportam os militantes mais responsáveis daquele partido nas zonas do país onde mantém ainda a maioria. Lembremos as perturbações violentas, bombísticas e antipatrióticas dos Açores e da Madeira.

O PS não é aquele ramilhete de tulipas apresentado pelo dr. Sousa Franco. Os violentíssimos ataques de que o Presidente da República tem sido alvo por parte de máximos dirigentes daquele partido, os elogios a Sá Carneiro Vindos da boca de Kaulza ... tudo isso prova que entre o PSD real e o PSD pintado pelo dr. Sousa Franco, à brocha, não há qualquer semelhança.

Aliás, naquele rosto, as máscaras não duram muito.

OS TRABALHADORES «AGRADECEM»

A demagogia é um dos traços desse máscara.

Eis que Sousa Franco avança com promessas ou insinuações de promessas para resolução de problemas tão graves como o cabaz de compras, o desemprego, os investimentos, a inflação, etc. Compreende-se: aí ninguém pode nada sem o PSD...Está bem. Mas quais as medidas concretas? Onde estão as avaliações, os estudos, a planificação? Assim tão rico de quadros, onde está o trabalho feito? Para opor às medidas do FMI (se é que, para além de toda a demagogia, pretendesse opor-se...) onde estão as medidas propostas pelo PSD?

E como nos quer convencer o PSD da enormidade da sua implantação nas classes trabalhadoras? Será que é tal o reflexo da lei Barreto, passada na Assembleia da República mercê do seu apoio? Será consequência da Lei do Arrendamento Rural, que destruiu as regalias dos rendeiros pobres e se tornou mais conhecida pela «Lei dos Senhorios Ricos»? Sem esquecermos que é uma lei de sua autoria, com. a benção do PS, pois, pois, amor com amor se paga...

Com a presença de Sousa Franco, o PSD quis parecer o que não é. Poucos irão no jogo. O Carnaval não é eterno para ninguém. Por que diabo ia abrir uma excepção para o PSD?

Sérgio e Margarida
CABELEIREIROS
Av. da República, 5
(Metro Saldanha) Telf. 572401

Oferecem novos postos de trabalho aos jovens que querem melhorar a sua formação e condição profissional c/ novos e melhores horários de trabalho, para lhes ser possível frequentar de dia a nossa secção de treino e animação e precisamos também de cabeleireiro praticante e um bom tintureiro.

SALDOS
CONTINUAM
NA **CASA ESTRELA**, EM **CACILHAS**
R. Cândido dos Reis, 60-A e B — T. 275 17 22

Hoje

Baretta

I PROGRAMA

18.05 Abertura e Telejornal 1.ª edição.
18.10 As Viagens de Gulliver (9.º episódio)
18.30 Jardins Zoológivos do Mundo — «S. Paulo».
19.10 O Retrato. 2.º programa: Retrato do pintor quando Jovem
19.40 Telejornal. Grandes e pequenos acontecmentos das comunidades regionais.
20.00 Telejornal 2.ª edição.
20.20 O Casarão. Novela de Lauro César Muniz. Produção Central Globo de TV.
21.00 Boletim Meteorológico
21.05 Baretta policial. «O Segredo de Terry Lake».
22.00 Tre6s Dias em Szczecin. Debate com Edmundo Baluka.
00.00 Telejornal 3.ª edição.
00.10 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA
ANO PROPEDÊUTICO

19.00 Inglês!
19.20 Filosofia
19.50 Matemática
20.15 Francês II Disciplina nuclear
20.40 Alemão
21.05 Geografia
21.30 Grego
22.00 Telejornal
22.25 Gabriela (Repetição do episódio n.º 115).
23.00 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.
DESTAQUES
I PROGRAMA
Baretta (21.05)
II PROGRAMA
Gabriela (22.25)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 09.15: Ano Propedêutico. **2.º Período**: 13.30: Ciclo Preparatório TV. **3.º Período**: 18.05: Abertura e Telejornal - 1.ª Edição. 18.10: Aventuras do urso colargol. 18.25: Corrida ao ouro, 4.º episódio. 18.50: Lamiré — Magazine de música e bailado. 19.20: Vamos jogar no Totobola. 19.40: Telejornal regional **2.00** Telejornal — 2.ª edição. 20.25: O Casarão 21.00: Boletim Meteorológico. 21.05: Os Marretas. 21.35: Dentro da cidade 22.05: Viagem série realizada pela «Arca-filme». 23.00: Telejornal — 3.ª edição. 23.15. Fecho

II PROGRAMA

22.00: Telejornal. 22.25: A História da Família Rius — 13.º episódio. 23.15 Fecho.

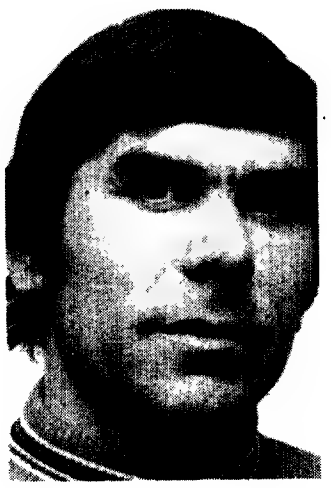
PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 9

"Vuelta": mais de 3000 km

Os organizadores da 33/A edição da «Volta à Espanha» em bicicleta divulgaram o itinerário provável da corrida. A «Vuelta» começa em Gijon (a 25 de Abril) e termina em San Sebastian (14 de Maio). A distância total é de 3176 quilómetros. Para o «prémio da montanha», estão previstas 11 contagens de 1.ª categoria, 8 de 2.ª e 15 de 3.ª.

O calendário da «Volta a Espanha» é o seguinte: 25 de Abril — prólogo: contra-relógio individual, no velódromo de Gijon, 8 kms; 26, 1.ª etapa: Gijon-Gijon, 4 km; 27, 2.ª etapa: Gijon-Cangas de Onis, 94 kms; 28, 3.ª etapa: Cangas de Onis-Leon, 187 kms; 29, 4.ª etapa: Leon-Vallodolid, 205 km; 30, 5.ª etapa: Vallodolid-Ávila, 136 km; 1 de Maio, 6.ª etapa: Ávila-Torrejon de Ardoz, 187 km; 2, 7.ª etapa: Cuenca-Benicasim, 246 km; 4, 9.ª etapa: Benicasim-Tortosa, 147 km; 5, 10.ª etapa: Tortosa-Callafell, 209 km; 6, 11.ª etapa: Calafell-Barcelona (2 troços), 86 km; 7, 12.ª etapa: Barcelona-Tossa de Monbui, 189 km; 8, 13.ª etapa: Tossa de Monbui-Jaca, 238 km; 9, 14.ª etapa: Jaca-Logroño, 156 km; 10, 15.ª etapa: Logroño-Burgos, 165 km; 11, 16.ª etapa: Burgos-Ampuero, 187 km; 12, 17.ª etapa: Ampuero-Bibau, 131 km; 13, 18.ª etapa: Biubau-Amurrio, 136 km; 14, 19.ª etapa: Amurrio-San Sebastian (2 troços), 156 km.

O itinerário da «Vuelta» é ainda provisório, porque os organizadores aguardam que se chegue a um acordo definitivo com a televisão espanhola, de molde a fazer face aos elevados encargos financeiros. A «Volta à Espanha», é uma «clássica» do ciclismo e está incluída no calendário da Federação Internacional de Ciclismo.



Agostinho: nova etapa da carreira, agora ao serviço dos belgas da Flandria

RALLY MONTE CARLO

Dois "R 5 Alpine" no comando

• Munari abandonou por avaria mecânica

O francês Guy Frequelin, em «Renault 5 Alpine», comandava o Rally Monte Carlo, à partida para a segunda fase da prova iniciada esta manhã. O segundo lugar pertencia a outro Renault 5 Alpine, tripulado por Jean Ragnotti.

Sandro Munari, que procurava alcançar a sua quinta vitória na prova, desistiu durante a quarta prova classificativa, disputada em Jabron-Chateauvieux. O abandono de Munari foi provocado por uma avaria no acelerador, que ficou blocado, e a problemas de embalagem que vinham já do troço anterior disputado em St. Geniez.

Entretanto o primeiro «leader» da prova havia sido o italiano Fulvio Bachelli, em Lancia Stratos, que vencera duas das três primeiras provas de classificação, ficando com uma ligeira vantagem sobre o alemão Ealter Rohrl, em Fiat 131 Abarth, vencedor da segunda classificativa.

As difíceis condições das estradas, com muita neve e gelo, permitiram que os pequenos Renaults pudesse impor-se aos Stratos, muito mais potentes, mas relativamente impossibilitados de tirar partido dessa maior potência.

Os concorrentes iniciaram as provas classificativas pouco depois das 8 horas de ontem, partindo de GAP, onde terminou o percurso de concentração, que tinha cerca de 2300 quilómetros.

Esta manhã iniciou-se a segunda etapa, que terá a duração de 36 horas e engloba 13 provas classificativas. Para esta segunda fase da prova alinharão apenas um máximo de 200 carros.

A classificação geral à partida para a etapa de hoje era a seguinte: 1. Guy Frequelin (Renault 5 Alpine), França; 2. Jean Ragnotti (Renault 5 Alpine), França, e Walter Rohrl (Fiat 131), RFA, ambos a 3 segundos; 4. Verney (Opel Kadett), França, a 14 segundos; 5. Jean Pierre Nicolas (Porche Carrera), França, a 19 s; 6. Verini (Fiat 131), Itália, a 45 s; 7. Bernard Darniche (Fiat 131), França, a 1m 41s; 8. Michele Moutou (Lancia Stratos), França, a 2m 8s; 9. Jean Claude Andruet (Fiat 131), França, a 2m 16s; 10. Salbador Servia (Fiat 131), Espanha, a 2m 52s; 11. Anders Kullang (Opel Kadett), RFA, a 3m 17s.

ACIDENTE COM UMA EQUIPA DE ASSISTÊNCIA

Dois elementos de uma equipa de assistência — Georges Reinier, de 34 anos e Bernard Balmer, de 32 — morreram em consequência da colisão do veículo em que se deslocavam com um camião pertencente a uma firma de transportes. O acidente ocorreu à saída de GAP, cidade do Sul de França onde terminavam os percursos de concentração.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ANÚNCIO

Concurso n.º 3-381 78

Fornecimento de Aparelhos de Electromedicina e Microscópios para o Serviço 12 Bloco Operatório do Hospital dos Capuchos.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 24 de Fevereiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 16 de Janeiro de 1978.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

EMPRESA GRÁFICA

ADMITE :

Aprendiza de encadernação

EXIGE :

Prática do 3. ano

OFERECE :

Regalias sociais consignadas no CCTV e vencimento superior ao estabelecido.

Resposta a este Jornal ao n.º 1611

ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

FILMAR, PROJECTAR E DE SLAIDS

Filmes Kodak, Super 8, ainda a 270$00 com revelação incluída

Fazem-se Fotocópias, execução imediata

«GALERIAS ROLDÃO»

AV. ALMIRANTE REIS, 13-E — (Metro Intendente)

ONDE O DÓLAR CORRE

Pelé: lugar aberto no Cosmos

NOVA IORQUE, (por Bert Allen, da Reuter) — O futebol profissional na América do Norte enfrenta uma prova difícil em 1978, e o resultado poderá decidir o futuro do desporto.

O afastamento de Pelé (o electrizante e habilidoso brasileiro), após dois anos e meio de excitante colaboração ao Cosmos» de Nova Iorque, terá certamente um profundo efeito na Liga de Futebol da América do Norte (NASL).

A sua presença na equipa do Cosmos foi a principal responsável pela atracção de multidões recordes onde quer que o grupo jogasse, e deu origem à mais bem sucedida época do NASL em 1977. O Cosmos obteve outro grande jogador em Maio passado, ao contratar o ex-capitão alemão-ocidental, Franz Beckenbauer, mas o magnetismo de Pelé era único. Agora que se foi embora, a sobrevivência da NASL parece depender dos novos entusiastas que atraiu e de um maior padrão de jogo.

O Cosmos, que ainda há três anos se considerava feliz quando conseguia atrair 1.500 espectadores num jogo interno, atingiu o auge da sua popularidade, quando uma lotação plena de 77.691 pessoas os viu vencer os Strikers» de Fort Lauderdale, o ano passado, no seu estádio de Nova Jersey, na outra margem do rio Hudson, em frente de Nova Iorque.

A equipa atraíra anteriormente lotações de 57.191 e 62.394 espectadores, quando a febre do futebol atingiu a área metropolitana de Nova Iorque. Teve uma lotação esgotada com 77.000 pessoas quando Pelé fez a sua despedida, em 1 de Outubro, num jogo contra o Santos, o seu antigo clube brasileiro.

Pelé declarou aos seus admiradores, num emocionado discurso, pensar que sua missão (tornar o futebol tão popular na América como o é na maior parte dos outros países) havia sido cumprida. O homem que é considerado por muitos como o maior jogador na história do desporto, regressou ao Brasil. Recebera 4,75 milhões de dólares para jogar pelo Cosmos.

A NASL, que funcionou com 18 equipas em 1977, inscreveu cinco novos clubes para 1978, e transferiu três dos mais fracos para outras cidades. As novas equipas são: Filadélfia, Boston, Memphis, Detroit e Denver. Hartford vai para Oakland, Las Vegas para San Diego, e Havai para Tulsa.

O Cosmos ainda tem duas atracções-chave: Beckenbauer e Giorgio Chinaglia, da Itália. A equipa é, financeiramente, a mais sólida na liga. Tentará (provavelmente) contratar outra estrela europeia ou sul-americana antes da próxima época começar, em Abril, mas sabe que substituir Pelé é impossível.

O Futebol nos Estados Unidos tem feito os seus maiores progressos escolares e de juventude. O número de equipas e jogadores envolvidos em 1977 continuou a aumentar, como tem acontecido desde que a febre do futebol começou há cerca de 10 anos. O custo relativamente baixo dos equipamentos, comparado com outros desportos, é um factor que torna o futebol um desporto popular para jovens.

Andebol feminino: fazendo das fraquezas força, o «sete» do Liceu Maria Amália nada mais conseguiu que (cheio de brio) assistir ao crescendo das francezinhas de Bordeaux.

Modalidades em desfile

TIRO AO ARCO

Nas instalações do Sporting de Tomar, realizou-se o «Torneio Nabão» na classe de «Indoor 1» (18 metros), que contou com o patrocínio da Federação e teve a presença de 60 arqueiros. Resultados em seniores:

1.º Daniel Buco, 544 pontos (Lisboa Ginásio Clube — LGC); 2.º Manuel Reia, 537 pontos (Sporting — SPT); 3.º Carlos Vieira, 514 (SPT); 4.º José Vale, 507 (SPT); 5.º Joaquim Vale, 506 (Sporting de Tomar — Sp. To.). Por equipas triunfou o Sporting (1558 pontos.)

Juniores: 1.º Luís Martins, 536 pontos (Campanhia Nacional de Navegação — CNN); 3.º Patrício Baptista, 486 CNN); 3.º António Lopes, 471 (CNN); 4.º Fausto Ferro, 464 (LGC); 5.º Carlos Hara, 449 (LGC).

O triunfo por equipas coube à Companhia Nacional de Navegação (1493 pontos).

Aspirantes: 1.º Paulo Tuna, 489 (LGC); 2.º Armando Candeias, 471 (So To); 3.º Armando Candeias 471 (Sp To.); 3.º Pedro Pronto, 463 (LGC); 4.º Pedro Vaz, 446 (LGC); 5.º Amadeu Santos, 425 (Azambujeira).

O Lisboa Ginásio venceu por equipas (1300 pontos).

Iniciados: 1.º Fernando Silva, 440 (Spt.); 2.º Afonso Matos, 361 (Azambujeira); 3.º José Ribeiro, 347 (LGC); 4.º Henrique Silva, 244 (LGC); 5.º Carlos Castelo, 242 (Azambujeira).

Por equipas venceu o Azambujeira (783 pontos).

HÓQUEI PATINADO

Prosseguiu o Torneio de Promoção de Hóquei em Patins (jornada 8.ª) com jogos realizados no rinque do Paço de Arcos. Foram os seguintes os resultados: 1.º Escalão Oeiras, 0-CACO, 9, Física, 0-Paço de Arcos, 6; Parede, 3-Cascais, 2. Descansou a CUF 2.º Escalão Oeiras, 29-Vilanfranquense, 0; CACO, 8-CUF, 1; Sinderurgia, 3-Física, 0; Feijó, 2-Paço de Arcos, 4; Salesiana, 1-Alenquer A, 2; Alenquer B, 6-Parede A, 3; Parede B, 0-Cascais, 5; Aleverca, 6-Algés, 8. Descansou o Azeitonense. A próxima ronda realiza-se no domingo no pavilhão da Salesiana.

NA SUA AGENDA

ANDEBOL

Resultado do sorteio para a 2.ª eliminatória da segunda fase da «Taça de Portugal» em andebol, que se disputa em 2 de Abril, no que toca à Zona Norte: Vilanovense-Sanjoanense, Amarante-Maia; Argonautas-Progresso; Valega-Académica de São Mamede, Famalicense ou Ed. Física do Norte-Desportivo de Portugal, H.C. Águias do Porto-Ass. Acad. Coimbra; Gaia-Salgueiros; Académico do Porto-Desportivo da Póvoa; Infesta-Vitória do Porto; Bonfim-Portuense Desporto; Braga-Espinho, F.C. do Porto-A. Viseu; Vila condense-V. Guimarães; São Paio de Oleiros-Francisco de Holanda e Bairro Faia-São Bernardo.

Na Zona Sul: Sporting-Vilanfranquense, Sporting da Penha-Benfica Castelo Branco; Sofel-Seixal; Independente Torriense-Amadora; Vendedores de Jornais-Portimonense; Atlético-Salvaterrense; Bando Fonsecas e Burnay-CDUL; Caramão-Estefânia; Império do Cruzeiro-V. Setúbal; Belenenses-Alfeite; Boa-Hora-Passos Manuel; Encarnação-Benfica; Sesmaria-Técnico; Caixa Nacional de Pensões-Oriental; Almada-Ginásio do Sul e Elvas-Liga de Algés.

CICLISMO

Na DGD, o jornalista Homero Serpa e o técnico Alves Barbosa, falam hoje (21 e 30) de ciclismo. Amadorismo e profissionalismo na modalidade serão temas a abordar na sessão.

NOTÍCIAS «AZUIS»

Com o n.º 940, iniciou-se nova série de «Os Belenenses», órgão mensal do clube do Restelo que tem como responsáveis, principais José Agostinho Carolas, Sequeira Nunes e Manuel Inez Soares. Distribuído gratuitamente aos associados «azuis», é vendido à generalidade do público ao preço de 7$50. Longa vida, eis o que desejamos a «Os Belenenses».

Atletismo fora de pista

JAMOR

Anabela Gouveia («Ases das Avenidas», foi a vencedora do «Torneio de Abertura», em corta-mato, da Associação de Atletismo de Lisboa, que decorreu no Jamor. Resultados: SENIORES (5 atletas): 1.ª, Anabela Gouveia («Ases das Avenidas»), 17.18,00; 2.ª, Isaura Gomes (Sporting), 17.51,8; 3.ª, Maria Leonel Henriques (Benfica), 18.26,2; 4.ª, Helena Gonçalves (Benfica), 20.57,2. JUNIORES (10 atletas): 1.ª, Zaida Camalhão (V. Setúbal), 12.42,0; 2.ª, Palmira Mourão («Ases das Avenidas»), 12.47,2; 3.ª, Edite Santos («Ases das Avenidas»), 12.55,2; 4.ª, Fernanda Silva (Benfica), 13.04,2; 5.ª, Fernanda Ribeiro (Benfica), 13.40,0. JUVENIS (44 atletas): 1.ª, Elsa Lança (Sporting), 7.23,8; 2.ª, Clara Iriacio («Ases das Avenidas»), 7.36,6; 3.ª, Cristina Mendonça («Ases das Avenidas»), 7.40,0; 4.ª, Fátima Fonseca (Benfica), 7.40; 5.ª, Clara Carvalho («Ases das Avenidas», 7.48,8.

PORTO

Carlos Pereira (do ANA) e Maria Manuela Pacheco (F.C. Porto) foram os vencedores das provas de corta-mato disputadas nos terrenos anexos à antiga Seca do Bacalhau (junto à Estrada da Circunvalação), no Porto. Na prova masculina (destinada a juniores e seniores) Pereira gastou 25 minutos e 37,2 segundos nos 8000 metros do percurso.

A seguir classificaram-se: 2.º, António Henriques (Alsenense), 25.47,4; 3.º, Fernando Couto (F.C. Porto), 26.24,0; 4.º, António Moreira (F.C. Porto), 26.52,8; 5.º, Manuel Leite (Salgueiros). Na prova feminina (também para seniores e juniores, percurso de 4000 metros) a vencedora (Maria Manuela Pacheco) obteve a marca de 16 minutos e 43,8 segundos. A seguir classificaram-se: 2.ª, Eugénia Neves (Avintes), 17.10; 3.ª, Sofia Elídea (Avintes), m.t.; 4.ª, Rosa Silva (ANA), m.t.; 5.ª, Rosa Pinto (A.Pasteleira), m.t. A organização das provas esteve a cargo da Associação Portuense de Atletismo.

VALADO DE FRADES

Carlos Carmino (do Grap), foi o vencedor da prova principal do «Grande Prémio de Atletismo» de Valado de Frades. Carlos Carmin gastou 23 minutos e 27,2 segundos nos 7500 metros do percurso. Nos lugares imediatos, classificaram-se José Guilherme (Galarense) com 23.35,6, e Aníbal Carvalho (Grap) com 24.10. Em Juvenis (4500 metros) a vitória pertenceu a Joaquim Murraças (Nazarenos) que gastou 14.19,5 minutos. Manuel Santos (Patalense) triunfou em iniciados masculinos, com 9.45,4 nos 3000 metros da prova, enquanto Francisco Galvão, (Sporting de Pombal) triunfava na prova reservada a infantis masculinos, percorrendo os 1500 metros em 4.54,4 minutos. Nas provas femininas, Ana Francisco (Gafa), foi a vencedora em infantis, gastando 5.41,2 nos 1500 metros do percurso e Filomena Silva (Birre) triunfou na prova principal (3000 metros) com 10.56,5 minutos.

PEVIDÉM

Disputou-se o «I Grande Prémio de Atletismo de Pevidém», numa organização da Coelima. No escalão masculino que agrupava atletas dos 13 aos 16 anos, venceu Henrique Crisóstomo (F. C. da Foz). No escalão «B», agrupando atletas com mais de 16 anos (percurso de 6000 metros) venceu João Carvalho (do FAC). Nas provas femininas, no escalão «A» (entre os 12 e os 15 anos), numa distância de 2000 metros, venceu Inês Gonçalves (G.D. de Ronfe) e no escalão «B», para raparigas com mais de 16 anos (distância de 3000 metros) triunfou Manuela Lopes (G.D. de Bairro). A prova para populares foi ganha por Jerónimo Sampaio (Incontex).

BEJA

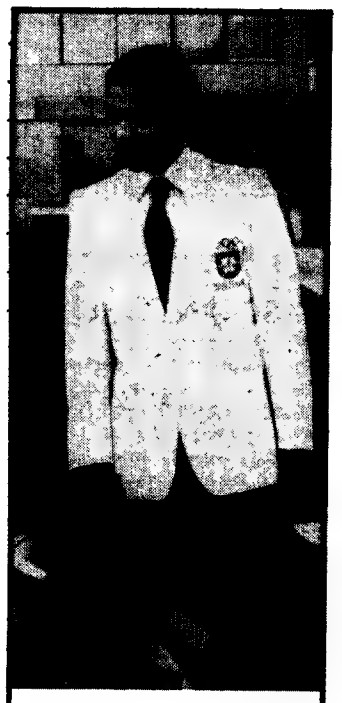
Em organização da Associação Cultural e Recreativa de Beja, vai promover-se a realização de uma estafeta Beja-Beja, que terá lugar no dia 12 de Fevereiro (pelas 10 horas) e é destinada a atletas masculinos e femininos, de clubes filiados e não filiados, a partir dos 15 anos (inclusive). A prova comporta uma distância de 16 km, constando de quatro percursos de 4 km cada. Haverá classificação individual e colectiva. As inscrições encerram no dia 10 de Fevereiro (às 23 h) na sede do clube organizador (Rua Frei Manuel do Cenáculo n.º 17 — Beja).

SPORTING

A Secção de Atletismo do Sporting leva a efeito no Estádio José Alvalade no dia 28 do corrente (pelas 15 horas) um torneio de captação, para jovens dos 14 anos em diante, disputando-se as seguintes provas: 60, 80 1000 e 2000 metros, Peso, Salto em comprimento e altura.

DAMAIA

Promovido pelo Sport Futebol Damaiense, haverá um corta-mato incluído na «Campanha Pró-Campo», para atletas amadores de qualquer escalão etário. Corridas na manhã de 29 do corrente.



RUI DE ABREU

Um golfinho em Genebra

.É para a Suíça que o capitalismo transfere o ouro. O contrário também acontece, não envolvendo capitalistas mas nadadores: há quem arrecade na Confederação Helvética o ouro que o seu país não tem (passe o que de exagerado isto possa comportar). Mesmo quando o seu peso não é forte, limitando-se a seis medalhas.

Foi o que aconteceu ao quarteto português de nadadores que, orientando por João Abrantes, actuou de sexta-feira a domingo em Genebra, superando cinco máximos nacionais e conquistando seis medalhas de ouro. Nesse particular, um jovem esteve em evidência: Rui Abreu, do Clube Académico de Coimbra, valorizando com a sua marca e o seu esforço a dedicação do clube que representa a contas com problemas financeiros (que os não tem, afinal?).

Ao lado de Rui Abreu, outros nadadores se exibiram com direito à admiração dos assistentes ao XII «Meeting» Internacional de Genebra», e, entre eles, mais três portugueses: Paulo Frischknecht e Jaime Fidalgo, do Algés, e Pedro de Sousa, do Porto. Para todos e em especial para a Federação da modalidade, os parabéns dos amantes da natação e dos desportistas em geral.

Sem mais, vejamos quais foram (e por quem foram) os recordes nacionais pulverizados:

Rui Abreu: 100 metros livres (53.70) e 100 metros costas (1.03,93); Paulo Frischknecht: 100 metros mariposa (1.01,60), na eliminatória, e na final 1.01.04. Este recorde pertencia a Vitor Fonseca, desde 1967).

Classificação dos portugueses:

100 M. LIVRES — 2.º, Rui Abreu, 53,84; 4.º, Paulo Frischknecht, 55,16.

100 M. COSTAS — 1.º, Rui Abreu, 1.03,29.

100 M. BRUÇOS — 17.º Jaime Fidalgo, 1.18,38.

4x50 M. LIVRES — 1.º, Equipa de Portugal (Abreu, Frischknecht, Fidalgo e Pedro de Sousa), 1.42,03.

4x50 M. ESTILOS — 6.º, (os mesmos nadadores), com 1.57,45.

A FAZER FÉ NO "RECORD"

Árbitro meteu o dente num dirigente dos "Gansos"

Verdadeiramente inacreditável, o relato feito por João de Lemos, delegado do Casa Pia ao jogo com o Elvas, efectuado no passado domingo (em Pina Manique) a contar para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão. Segundo o dirigente do clube dos «gansos», o árbitro da partida (de seu nome Alfredo Ribeiro) tê-lo-ia mordido numa mão, depois do encontro ter findado.

Segundo o relato vindo hoje a lume no nosso camarada «Record», eis o que declara João de Lemos:

«Depois de ter recebido os cartões dos nossos atletas, perguntei ao árbitro quais as razões por que tinha mostrado o 'amarelo' ao nosso 'capitão', já que em meu entender errou nessa atitude.

«Sem dar qualquer resposta o árbitro, sr. Alfredo Ribeiro, tentou, usando da força, tirar-me os cartões, que já se encontravam em meu poder. Como é óbvio, não deixei que tal sucedesse.

«Repare que, se o árbitro me tem pedido novamente os cartões, eu dar-lhos-ia, pois, legalmente, sou obrigado a tal. Mas como o árbitro optou pela violência não deixei que me tirasse os cartões.

«Como não conseguisse os seus objectivos, o árbitro optou por me dar uma dentada na mão, talvez com o intuito de me fazer largar a pasta dos cartões. Na altura exacta em que estava a ser mordido pelo árbitro abriram a porta da cabina.

«Claro que logo que consegui sair da cabina, chamei o chefe da força policial a quem apresentei queixa e mostrei a mão ensanguentada.»

Termina aqui a versão do caso, dada pelo dirigente casapiano João de Lemos. Resta acrescentar que, na companhia de um elemento da PSP, árbitro e queixoso dirigiram-se, de automóvel, para a esquadra do Bairro da Boavista. Quando a viatura estacou, mesmo à porta do posto policial, o árbitro debandou em grande corrida: e ninguém mais lhe colocou a vista em cima... Daí porque, mau grado várias tentativas para o localizar, tenha sido completamente impossível, ainda esta manhã, encontrar Alfredo Ribeiro e proporcionar aos leitores a sua versão de um caso que, para além de insólito, é autenticamente de pasmar.

PROTESTO

O Vitória Clube de Lisboa protesta o jogo que realizou com o Oriental, em Marvila, para o Nacional da 3.ª Divisão, alegando erros de arbitragem, fundamentalmente a anulação de um golo vitorioso obtido no dealbar da partida. Segundo o ponto de vista dos reclamantes, a bola teria entrado na rede contrária por um buraco, mas o árbitro não legalizou o tento nem foi ver o «rombo» nas malhas.

ANTECIPAÇÕES

Foram antecipados para o próximo sábado os seguintes jogos da 1.ª Divisão: Benfica-Riopele e Boavista-Guimarães, ambos às 15.30, da 2.ª Divisão: Famalicão-Vila Real e Sanjoanense-Chaves, ambos às 15 horas.

BENFICA VIAJA

Duas equipas de futebol do Benfica deslocam-se no fim do mês à Arábia Saudita, onde efectuam três jogos de carácter particular. A equipa principal joga a 1 de Fevereiro com a selecção «A» daquele país. Por seu turno, as «reservas» disputam dois jogos, a 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro, com a selecção «B» da Arábia Saudita. A partida está marcada para o dia 29 do corrente, e o regresso previsto para 3 de Fevereiro.

MAIS ESPERANÇAS

O Anderlecht, próximo adversário do Futebol Clube do Porto nos quartos-de-final da «Taça dos Vencedores de Taças», empatou em casa, com o RWD Molenbeek (por 1-1) na jornada do campeonato belga de futebol.

Por seu lado, o Liverpool, contrário do Benfica nos quartos-de-final da «Taça dos Campeões Europeus», foi derrotado, em «casa», pelo Birmingham, (por 2-3) em jogo da liga inglesa de futebol.

Como vai o "Mundial" futebolístico

HUNGRIA: SURPRESA?

O ex-internacional italiano Mário Corso advertiu que a França, a Itália e a Argentina **não devem cair no erro de subestimar a Hungria no próximo «mundial»**. O ex-jogador, na qualidade de aluno do curso de directores técnicos de Coverciano, viveu durante dois meses em Budapeste e teve ocasião de estudar atentamente o esquema de funcionamento da jovem selecção húngara:

Os húngaros têm vários jogadores de grande nível, marcam bem à zona e possuem dois avançados (Kovacs e Varadi) que dão dores de cabeça a qualquer defesa — afirmou Corso. Indicou, ainda, que o técnico Boszik tem **um trunfo na manga:** o centro-campista Njilasi, que esteve lesionado mas que regressa agora nas melhores condições.

Entre os defeitos da equipa, Corso apontou a **fragilidade da defesa no jogo por alto e a presença de alguns jogadores que não estão ao nível dos melhores.**

HOLANDA: PROBLEMAS

A «deserção» de numerosos jogadores criou problemas graves a Ernst Happel, treinador da selecção da Holanda, que já divulgou o nome dos 16 futebolistas que, em princípio, viajarão à Argentina. Entre estes, não se encontram Johan Neeskens e Cruyff, presentemente a actuarem no Barcelona, Ruud Geels (AJax), Eddy Treitel (Feyenoord), Jan Van Beveren (PSV) e Van Der Kuylen (PSV). Os quatro últimos rejeitaram o convite do seleccionador.

A lista dos 16 pré-seleccionados de uma das seleções mais favoritas do «mundial» é a seguinte: Guarda-redes — Schrijevers (Ajax) e Jongbloed (Roda); Defesas — Suurbier (Shalke 04-RFA), Krol (Ajax), Hovenkamp (AZ67), Risjbergen (Feyenoord), Duisbaba (Anderlecht da Bélgica) e Metgod (AZ67); Médios — Peeters (AZ67), Van Der Kerkhof (PSV), Jensen (Feyenoord) e Van Hanegem (AZ67); Avançados — Rep (Bastia-França), Van Der Kerkhof II (PSV), Resenbrink (Anderlecht da Bélgica) e Ling (Ajax).

ESPANHA: PREPARAÇÃO

A Espanha disputará jogos internacionais com o México, o Uruguai e a Noruega (ou a Checoslováquia) como parte da sua preparação para o Campeonato do Mundo, na Argentina, em Junho próximo, de acordo com o treinador da selecção, Ladislao Kubala. Além de um jogo particular com a Itália, amanhã, Kubala declarou aos jornalistas que a Espanha defrontaria o México, em casa (26 de Abril) e o Uruguai, em Montevideu (a 24 de Maio).

Um jogo com a Noruega ou a Checoslováquia será organizado durante o mês de Março e Kubala disse que esperava disputar um segundo jogo em Montevideu, com uma equipa da 1.ª divisão uruguaia.

A selecção espanhola partirá directamente, de Montevideu para Buenos Aires, em 30 de Maio.

Juniores e juvenis convocados

A FPF convocou 45 jogadores juniores e juvenis para os dias 24 (às 15 e 30) e 25 (às 10 horas) no Estádio Nacional, em juniores, apenas haverá que dizer que está em causa a sua presença (já assegurada) na fase final do Torneio Europeu da EUFA, enquanto no que diz respeito aos juvenis, esta convocação tem a ver com o Torneio Internacional do Algarve, de 4 a 7 do próximo mês, que já motivou algumas sessões de preparação.

Eis os juniores convocados

Reizinho (Sesimbra), Alberto (Valecambrense), Eliseu e Pena (FC Porto), Pio e Carlos Alberto (Belenenses), João Batista (Covilhã e Benfica), Francisco Fernandes (Zona Azul), Miguel Nuno (Mortágua), David Vasconcelos (Arouca), Rafael Santos (Farense), Emanuel (Naval 1.º Maio), Romualdo e Marcão (Atlético de Reguengos), Lopes (F.C. Lixa); Melo (Alverca), Mestre (Serpa), Luís Henriques (Anadia), Carapinha (Redondense) e Bárcia (Unidos).

Juvenis: Justino, Rosário e Luís (Sporting), Viçoso (Celoricense), Gago da Silva (V. Setúbal), Ângelo, Lobo, Mário, Machado, Parente e Marinho (Benfica), Barão (Farense)

Manuel Soares, Carlos Soares e Alves (F.C. Porto), Hugo Nelson (Torriense), Jorge Santos (Alferrarede), Casimiro (Leixões), Dinis (Bucelenses), Rolim (Zona Azul), Sérgio (F.C. Foz), Carvalho (V. Guimarães) e Gabriel (Paços Ferreira).

Marrocos renunciou à realização da «Taça Latina» em andebol, que estava prevista para decorrer de 19 a 27 de Março, em Rabat.

O sueco Bjorn Borg venceu o «Grand Slam» de ténis, ao vencer o norte-americano Jimmy Connors (por 7-6, 3-6 e 6-1) na final, disputada em Boca Raton (Florida). Além de receber um cheque de 125 mil dólares (cerca de 560 contos), Borg desforrou-se da derrota sofrida frente a Connors, há duas semanas, na final do «Torneio dos Mestres» e deixou uma vez mais em aberto a incógnita sobre quem é o melhor tenista do Mundo.

O jogo de ontem, disputado sobre terra batida, durou três horas e constituiu típica «batalha» entre as duas «estrelas» da raqueta. O argentino Guillermo Vilas, 3.º candidato ao «número um do Mundo», esteve ausente do torneio, por lesão.

O pugilista alemão Federal Joerg Eipel encontra-se, finalmente, livre de perigo, 26 dias depois de ter entrado em coma, na sequência de um combate (que perdeu por KO) com o francês Alain Marion.

TOTOBOLA
Jogue connosco

Setúbal - Estoril	1
Braga - Porto	X
Académico - Feirense	1
Portimonense - Sporting	2
Espinho - Belenenses	X
Boavista - Guimarães	X
Varzim - Marítimo	1
Sanjoanense - Chaves	X
U. Lamas - P. Brandão	2
U. Santarém - U. Tomar	2
E. Portalegre - U. Coimbra	X
Atlético - CUF	1
Vasco da Gama - Amora	X

31 DE JANEIRO

Homenagem em Viseu ao capitão Leitão

VISEU, 24 — A homenagem ao heróico capitão Leitão, um dos mais destacados dirigentes da revolta de «31 de Janeiro», que a PIDE impediu há 31 anos, com grande aparato repressivo, no cemitério da freguesia de Farminhão, deste concelho, vai ser finalmente concretizada. Por iniciativa dos democratas que em 1974 pretenderam realizar a homenagem, vai ser agora colocada no cemitério daquela localidade uma placa com os seguintes dizeres: «Hora de justiça. Alguns dos democratas que, em 31 de Janeiro de 1947, foram impedidos pelas forças fascistas de colocarem uma placa no cemitério onde repousa o heróico capitão Leitão, aqui estão hoje, livres de opressões, a trazer-lhe as homenagens, que então não lhes deixaram prestar. Farminhão, 31 de Janeiro de 1978».

A comissão promotora desta homenagem guardou durante todos estes anos a placa que, em 1947, foi impedida de colocar e que dizia: «1891-1947: Homenagem do MUD ao capitão Leitão, herói do 31 de Janeiro». Constituem-na, entre outros, os seguintes democratas e combatentes da oposição ao regime fascista: Joaquim Ortigão, Adolfo, Amaro, José Pereira de Almeida Nogueira, Tito Sobral, dr. Fernando Mouja (elemento da AM eleito pela CEPU), dr. Cardoso Pessoa, dr. Álvaro Monteiro (actual deputado do PS) eng. Lino Moreira (presidente da Câmara após o 25 de Abril), dr.ª Amélia Franco Alexandre, Adelino de Azevedo Pinto, etc.

O capitão Leitão, de seu nome completo António Amaral Leitão, era oficial do Regimento de Infantaria 10 e foi julgado com os outros revoltosos do 31 de Janeiro no navio de guerra «Bartolomeu Dias», em Leixões. Condenado conseguiu fugir e sair de Portugal regressando vindo do Brasil em 1901. Faleceu em Farminhão no ano seguinte. O seu nome foi sempre recordado pela acção desenvolvida na revolta do Porto. Acrescente-se entretanto que o regime fascista perseguiu duramente os democratas que em 1947 pretenderam homenageá-lo.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA
8.º Juízo Cível
ANUNCIO

FAZ-SE público que, pela 1.ª Secção do Tribunal do 8.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e nos autos de justificação para arresto, com o n.º 3552 A, em que são: — Requerente — Luís de Carvalho e Oliveira, advogado em causa própria, com escritório em Lisboa, e, requerido — ANTÓNIO JOSÉ TORRES REBOCHO DA NATIVIDADE, comerciante, com o último domicílio conhecido na Rua H, à Av. do Oceano, n. 6-4.º, Ct.ª, na Costa da Caparica, em Almada, e, actualmente ausente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados a partir da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, notificando aquele Requerido de que, por despacho de 11 de Agosto findo, proferido a fls. 17 e 18 dos mencionados autos, foi decretado o arresto dos bens móveis existentes no prédio da Rua Cristóvão de Figueiredo, n.º 12-cave, em Lisboa, pertencentes ao Requerido e que foi realizado em 18 de Agosto último, podendo o notificando, querendo, deduzir embargos e agravar daquele despacho, no prazo de OITO DIAS, findo os dos éditos, tudo como melhor consta daqueles autos que se encontram neste Tribunal, onde podem ser examinados pelo notificando.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1978

O JUIZ DE DIREITO,
António de Almeida e Sousa
O AJUDANTE DE ESCRIVÃO,
Casimiro Roque Garção

HABILITAÇÃO
SECRETARIA NOTARIAL DE BRAGA
2.º Cartório

Notário: — Lic. António Magro Borges de Araújo

CERTIFICO, para efeito de habilitação, que neste cartório e no livro de notas número 53-D, de folhas 48 a 49, se encontra exarada, com data de 16 do mês corrente, uma escritura de habilitação por óbito de Dr. MANUEL RODRIGUES, viúvo, natural da freguesia de São João do Souto, desta cidade de Braga, residente na Av. Almirante Reis, 246, 1.º, esquerdo, da cidade de Lisboa, falecido em 24 de Novembro de 1976.

Mais certifico que na referida escritura foi declarada única herdeira do falecido, sua irmã MARIA ALBERTINA RODRIGUES RIBEIRO, viúva, residente no lugar de São Brás, freguesia de São Pedro de Merelim, deste concelho de Braga.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Braga, 20 de Janeiro de 1978.

O Ajudante,
José Carlos da Silva Reis

ENCONTRO DE AGRICULTORES, DIA 26, EM COIMBRA

"Vamos lutar por mais regalias, por uma agricultura mais próspera..."

Com o objectivo de ser discutida a grave situação da Lavoura, 29 organizações reunidas em Tarouca, no passado dia 18 de Dezembro, decidiram promover um Encontro em Coimbra.

Foi, entretanto, aprovado um documento que servirá de base aos trabalhos do Encontro que se realiza no próximo dia 26 de Fevereiro em Coimbra. Propõe-se no documento que sejam fixados os preços mínimos de garantia para os principais produtos, antes das sementeiras, e que o Estado se comprometa a proceder ao seu escoamento sempre que houver dificuldades na sua venda. Ainda, no respeitante à comercialização dos produtos o documento aponta para o pagamento a pronto (de preferência) ou adiantamento em alguns casos, a defesa da qualidade dos produtos, a abolição da classe C do leite e revisão de alguns tipos de classificação, por exemplo, as trincas do arroz, as gorduras no abate do gado, o calibre das frutas. Propõe-se ainda a participação das organizações da lavoura na fixação dos preços mínimos e na classificação dos produtos agrícolas, a utilização das Juntas do Vinho, da Fruta e da Pecuária e outros organismos públicos como o Instituto de Cereais e o Cachão e que na sua administração participem representantes das Organizações da Lavoura.

FACTORES DE PRODUÇÃO

No documento sublinha-se ainda que, perante o aumento constante dos preços dos factores de produção, se proceda ao seu tabelamento: que os preços sejam carimbados nos sacos ou nas embalagens e que seja dada uma garantia da sua qualidade através de uma fiscalização adequada.

Refere-se também o documento às importações de produtos que a nossa agricultura tinha possibilidades de produzir (batata, carne e leite). No entanto criam-se dificuldades à importação de peças para máquinas agrícolas. Assim exige-se uma fiscalização rigorosa dos produtos agrícolas e que elas sejam feitas apenas pelos organismos oficiais abrindo-se, porém a possibilidade das organizações da Lavoura também intervirem nessa transacção.

Reclama-se no documento a continuação do Crédito Agrícola de Emergência com a taxa de juro anterior, isto é a 6,5 por cento, sem hipotecas e com a devida fiscalização para não dar azo a abusos e desvios. E que para os investimentos a maior prazo e maior valor o juro baixe para taxas entre 5 a 10 por cento, de acordo com os anos de amortização e o tipo de investimento. Que a concessão de créditos seja um processo simples evitando-se a burocracia desnecessária.

Exigem os agricultores (há muito tempo) a criação imediata de um seguro nacional agro-pecuário, custeado pelo Estado e, em parte menor, pela Lavoura. Propõem, todavia, que enquanto não for criado esse seguro que sejam concedidos subsídios e indemnizações para os desastres económicos de que os agricultores não são responsáveis. Na definição das cláusulas do seguro reclama o documento a participação das organizações da Lavoura.

Para que a produção aumente e melhore de qualidade salienta-se, no documento, a necessidade de serem enviados, para cada concelho, um veterinário e técnicos agrícolas. Que se façam campanhas de prevenção e combate às doenças do gado e de fomento de análises e correcções do solo. Exige-se ainda que «nem um palmo de terra com aptidão agrícola fique abandonado ou mal aproveitado» e que o Governo tome medidas no sentido das terras não trabalhadas pelos seus proprietários sejam entregues, de renda, a quem as quiser trabalhar.

No documento também há referências sobre os baldios. Afirma-se que os Serviços Oficiais deviam fazer uma campanha com vista a acelerar a instituição dos baldios aos compartes.

PREVIDÊNCIA RURAL

No campo da Previdência Rural exige-se melhores pensões de reformas, a igualdade para homens e mulheres, a actualização periódica das pensões e reformas de acordo com o aumento do custo de vida, o pagamento das pensões «num dia certo e sem atrasos», melhor assistência médica, abono de família para todos os agricultores, medicamentos de graça para os pensionistas e reformados, cujo aposentamento deve ser para os homens aos 65 anos e para as mulheres aos 62.

Entre as propostas contidas no documento destaca-se ainda uma série de obras e melhoramentos que as freguesias carecem. Por outro lado propõe-se que o Estado apoie o cooperativismo, que os ex-Grémios sejam liquidados o mais urgentemente possível e que as organizações da Lavoura tenham acesso aos órgãos da informação do Estado. Neste aspecto os agricultores sugerem que lhes seja concedido um programa regular na rádio e na televisão.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era moderado de oeste e chovia ou chuviscava em várias regiões

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	9º
VILA REAL	10º
PORTO	13º
PENHAS DOURADAS	3º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
ÉVORA	10º
BEJA	10º
SAGRES	13º
FARO	10º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA
Máxima **15,5º**
PENHAS DOURADAS
Mínima **1,3º**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.14	3,9 m	8.51	1,1 m
15.38	3,7 m	20.58	1,1 m
Dia 25			
3.49	4,0 m	9.24	1,0 m
16.08	3,8 m	21.33	1,0 m
Dia 26			
4.21	4,0 m	9.58	1,0 m
16.40	3,8 m	22.09	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, vento moderado de Oeste; períodos de chuva ou chuviscos especialmente nas regiões de Norte e Centro; ligeira melhoria a partir da noite com céu temporariamente muito nublado, vento moderado de Noroeste e aguaceiros.

AMANHÃ

NASCER AS 7.49
OCASO AS 17.50

DIA 24 | DIA 31 | DIA 7 | DIA 14

rádio

1.º Programa

18.00 Noticiário. **18.10** «Hoje respondemos por música», por António Vitorino d'Almeida. Orquestras. **19.00** «Poemas e Poetas» Música Variada. **20.00** Jornal da Noite. **20.30** Melodias. **21.00** 16.º Episódio do folhetim «O Imortal de Florença», de Álvaro Martins Lopes. **21.20** Contraponto. **24.00** Último Jornal.

2.º Programa

18.00 Ópera: — 2.º acto da ópera «L'Ormindo», de Cavalli. **19.00** Música Portuguesa: Sinfonia n.º «em Si Bemol Maior, de Bontempo. — Cena Lírica p/violoncelo e orquestra, de Luís de Freitas Branco. — Suite Alentejana n.º 2, de Luís de Freitas Branco. **20.00** Conjuntos de Câmara: — Contradanças («non più andrai») K. 609, de Mozart. — Marcha em Dó K. 408, n.º 3. — Contradança em Si Bemol, K 123. — Dois minuetos, K. 604 e — Contradança — «A Vitória do Herói Coburg», K. 587, de Mozart. — Quinteto em Lá Maior, Op. 114 («A Truta»), de Schubert. **21.05** Música Sinfónica Sinfonia «Manfredo», Op. 58, de Tchaikovski. **22.05** Canções, de Schubert, Ravel, Saint-Saens e Rachmaninov **22.30** «O Gosto pela Música», pelo dr. João de Freitas Branco. **23.00** Intercâmbio Musical: «O Livro de Ouro» — Música para harpa céltica — gravações cedidas pela Rádio França. — «Os Iniaques», de Antoine Tisné. **23.30** Música de Câmara: Quarteto em Mi Menor, Op. 121, de Fauré.

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00 «Contacto». **18.20** Títulos de 1.ª página. **18.30** Actualidade. **18.45** Fórmula 1. **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa. **19.25** Tempo Citroen. **20.10** Antologia. **20.30** Pesquisa. **21.00** «A Música e as Vozes». **21.30** «Quanto o Telefone Toca». **23.03** Novas de Alegria. **23.03** «Nocturno».

3.º Programa-Local (197,5 m)

16.00 «Variante». **18.00** «Compasso» **18.15** Sal e pimenta (repetição) **18.45** Oiça o que não leu. **20.40** Serviço de Agenda. **21.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00 «Em Órbita». **20.00** «Forum» — Realização de Jorge Lopes. **22.00** «Auditório». **00.00** «Prisma» — Realização de Fernando Quinas. «O Homem no Tempo» — Prog. de antropologia

RÁDIO RENASCENÇA

18.08 Apelos. **18.15** Igreja em Notícia — Palavra do Dia. **18.30** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito. **19.00** Programa da Liga dos Amigos de RR. **20.00** Objectivo. **20.53** Apelos. **21.05** Espaço Musical. **21.30** Ao Encontro da Grande Música. **22.00** Quando o Telefone Toca. **22.30** Temas Vivos. **23.30** Dicionário de Economia. **23.55** Meditando.

palavras cruzadas

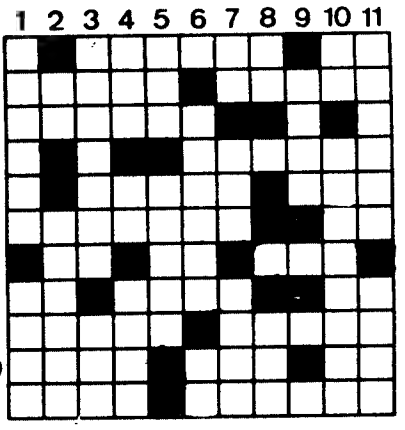
COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11948

HORIZONTAIS

1 Artigo definido. O destino. Seiscentos em romano.
2 Não nascida. Publicista alemão autor de um tratado de Direito Público da Alemanha em 30 volumes.
3 Rebolara.
4 Calculavam.
5 Nome de homem. Capa sem mangas.
6 Pequeno país na vertente meridional dos Pirenéus, entre a França e Espanha. Campeão.
7 Autores. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Maior.
8 Preposição. Novecentos e dois em romano. Idem.
9 Nome de peixe. Baile.
10 Atraiçoa. Possuir. Ouro (s.q.).
11 Ilha do Pequeno Belt. Aliados.

VERTICAIS

1 Dera cor de oiro a. Tempo do verbo estar.
2 Em o. Requesta.
3 Rachada. Pátria.
4 Joeira. Letra grega. som agudo.
5 Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de África. Sinal ortográfico.
6 Amuralhai. Basta.
7 Antiga unidade monetária da Alemanha. Época. O mesmo.
8 O sono das crianças. Apelido.
9 Curva.
10 Preposição. Origem.
11 Incineras. Divindade.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

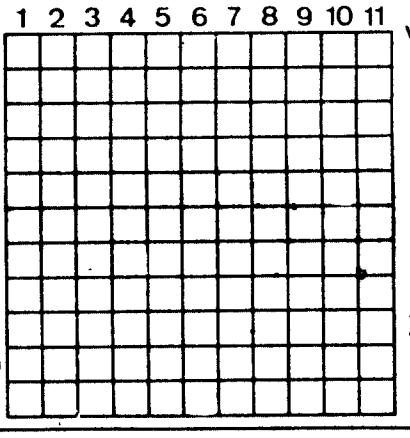
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8009

HORIZONTAIS

1 Curas. Ocultas.
2 Assim seja. Cidade do Japão.
3 Oportunidades. Naipe das cartas de jogar.
4 Farinha grossa o mesmo que rolão. Guarneceis de asas.
5 Nota musical. Cais à cama.
6 Araras.
7 Estimar. Joeira.
8 Inunda. Pronome pessoal.
9 Zomba. Boro (s.q.). Pedra de altar.
10 Estimar. Rezar.
11 Tempo do verbo ser. Empregara.

VERTICAIS

1 Figura que simboliza o povo americano. Crença. Nome de letra (pl).
2 Estimara. O mais. Pronome pessoal.
3 Raera. Poisar no mar (o avião).
4 Deseja ardentemente. Procedera.
5 Arrancara.
6 Brisa. Bário (s.q.).
7 Crustáceo comestível.
8 Velhas. Ósmio (s.q.).
9 Calhaus. Outara.
10 Lavrai. Arremessar.
11 O mesmo que peneira. Suca a terra.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11947

HORIZONTAIS:
1 Que. Imane.
2 Urraca. Alar.
3 Era. Amada. A.
4 Ras. Rateras.
5 Bari.
6 Ba. Armo
7 Ca. Rs. Airei.
8 Amara. Rança.
9 BOCA. Cama.
10 Ale. NÃO. Vão.
11 Ramais. Cair.

VERTICAIS:
1 QUER: ACABAR.
2 Urrar. Amola.
3 Eras. Acém.
4 Barra.
5 Içara. Sa. Ni.
6 Mamara. Cás.
7 Atirarão.
8 Nada. Miam.
9 Elar. Ornava.
10 Ao. E.C. Aí.
11 Aras. FIADOR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8008

HORIZONTAIS:
1 Sanar. Sopas.
2 Adora. Adega.
3 To. Ari.
4 Agem. Leoas.
5 Aara. Ur.
6 Remo. Az.
7 Aarau. Calim.
8 Lia. Nuas. Ri.
9 Arcai. Redor.
10 Amar. Lãs.
11 Arses. Morar.

VERTICAIS:
1 Sapa. Calara.
2 Ad. Ga.
3 Notem. Raças.
4 Aromara. Ame.
5 Rã. Reunias.
6 Alam.
7 Sare. Ocar.
8 Odiou. Aselo.
9 Pe. Ar. Dar.
10 Agás. Airosa.
11 Sás. Izmir.

PROVÉRBIO A boca não quer fiador.

farmácias

LISBOA

TURNO 4
Até às 22 horas

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-AB. Tel. 780511; **ANTUNES ROSAS** — P.ª Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610; **ANUNCIADA** — Rua do Vigário, 74. Tel. 866360; **BASTOS ANDRADE** — C.ª Santo André, 107-111. Tel. 860450; **BOTÂNICA** — Rua Junqueira, 38-40. Tel. 638132; **CARTAXO** — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958; **CASTRO** — Av. Almirante Reis, 76-A Tel. 821973; **CASTRO FONSECA** — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel. 688857; **CONCEIÇÃO** — C.ª D. Gastão, 30-32 - Tel. 381279; **DALTON** — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A TEL. 843571; **FERNANDES** — P. de as. José 187 Tel. 326476; **FIGUEIRAS** — Av. Marquês de Tomar, 20-22 Tel. 44995; **HIGIÉNICA** — Rua Heliodoro Salgado, 20-A Tel. 844361; **IBÉRIA** — Rua Barão de Saborosa, 235-A (à Alameda). Tel. 728277; **IMPERIAL** — Av. Guerra Junqueiro, 30-B Tel. 726860; **LISBOA** — Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **MIRANDA** — Campo Pequeno, 36-B-C. Tel. 770776; **MOURA** — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944; **OLIVEIRA** — Rua da Prata, 240 Telf. 321415; **PAIVAS E PARENTE** — Rua de Santo António à Estrela, 96 Tel. 665196; **PATULEIA, H.ºs** — Alam. Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332; **RUALTO LDA** — Rua Alto do Carvalhão, 5 A-B Tel. 651721; **S. BENTO** — Rua Poiais de S. Bento, 73. Tel. 601673; **S. JOÃO DE DEUS** — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140; **UNIVERSAL** — R. Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158.

Permanente

ALEGRIA — Estr. de Benfica, 180-A-B Tel. 780511; **ANTUNES ROSAS** — P.ª Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610; **FIGUEIRAS** — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995; **IBÉRIA** — Rua Barão Saborosa, 235 (à Alameda) Tel. 728277; **IMPERIAL** — Av. Guerra Junqueiro, 30-B Tel. 726860; **MOURA** — Trav. da Memória, 55. Telf. 630944; **OLIVEIRA** — Rua da Prata, 240 Telf. 321415; **PAIVAS E PARENTE** — Rua de Santo António à Estrela, 96 Tel. 665196; **PATULEIA, H.ºs** — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332.

Nota — As farmácias que não está de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

OUTRA BANDA

ALAMDA — **Algarve** — R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 2750271); **COVA DA PIEDADE** — **Garcia Reis** — R. dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO** — **Feijó** — R. Borges Rego, 7 (Telef. 24990911); **COSTA DA CAPARICA** — **Higiénica** — Av. da República, 23 (Telef. 2400020); **SESIMBRA** — **Leão** — Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471); **BARREIRO** — **Santa Marta** — **R. dr. Manuel** Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141); **SEIXAL** — **Soromenho** — R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2213560); **MONTIJO** — **Giraldes** — R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008); **MOITA** — **União Moitense** — Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 2390251); **ALHOS VEDROS** — **Gusmão** — R. Cândido dos Teis. 30 (Telef. 204020); **ALCOCHETE** — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 2341000.

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (telef. 972530) Permanente; **Cavaca** — R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) até às 22 horas; **DAMAIA** — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523); **QUELUZ** — **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841); **CAMARATE** — **Nova** — Cid. Lisboa, 6 (Telef. 2518669); **CACÉM** — Araújo e Sá — Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781); **MEM MARTINS** — **Miranda Garcia** — Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103) Permanente; **MERCÊS** — **Claro Russo** — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — **Riomouro** — Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **SINTRA** — **Misericórdia** — Vila (telef. 2930391); **COLARES** — **Abreja** (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miramar** — R. Ernesto da Silva, 81 (Telef. 2112048); **ALCABIDECHE** — **Carvalho** — Até às 21 horas; **PORTO SALVO** — **Ferreira Bastos** — Até às 21 horas; **CAXIAS** — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839) Até às 22 horas; **CARCAVELOS** — **Central** — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** — **Vilar** — Até às 22 horas **S. DOMINGOS DE RANA** — **Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B (Telf. 260085) Até às 21 horas; **OEIRAS** — **Alcântara Guerreiro** — P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (telef. 2430691) até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS Leal** — Até às 21 horas; **PAREDE** — **Grincho** — Av. da República, 87 (Telef. 2471204); **PAREDE** — **Junqueiro mendes** — Até às 21 horas: **AMOREIRA Amoreira** — (Telefs. 262313/267314) até às 22 horas; **ESTORIL** — **Marques dos Santos** — R. Ferreira J.A., 15 (Telef. 260116) até as 21 horas; **CASCAIS Cascais** — R. Conde de Monte Real B.º Caixas (Telef. 282407) até às 21 horas; **Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141) até às 24 e das 0 às 9 horas.

PORTO
(De dia e só até às 22 horas)

GONDARÉM — Rua de Gondarém, 360 — Foz; **CORREIA DE ARAÚJO** — Rua de Santa Catarina, 259 — Tel. 25644; **SILVA PEREIRA** — Rua de Costa Cabral, 293 — Tel. 480761; **ALVES** — Pr. do Exército Libertador, 62 — Tel. 60002; **BARROS** — Rua do Loureiro, 104 — Tel. 315075; **BOA HORA** — Rua da Boa Hora, 80 — Tel. 287783; **CAMEIRA** — Rua do Heroísmo, 90 — Tel. 52583.

(De dia e toda a noite)

TERREIRO — Rua da Reboleira, 21 — Telef. 23576; **PINHEIRO MANSO** — Rua São João de Brito, 25-29 — **Telf. 60892; SANTA TERESA** — Pr. Guilherme G. Fernandes, 100 — Tel. 315713; **NOVA AVENIDA** — Av. Fernão de Magalhães, 692 — Tel. 52250.

COIMBRA
(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

DONATO — Rua Ferreira Borges, 2-6 Tel. 22603.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A
12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30
A GAROTA DO GANGSTER
(Int. m. 13 anos)
Sala B — 13, 15, 17, 19, 21.30, 23.30 h.
UM CADÁVER DE SOBREMESA
N. ac. M/ 13 anos

ALVALADE 897480
Av. Roma
15.15, 18.15, 21.15
UMA QUESTÃO DE SORTE
c/ Saira Banu, Shashi Kapoor e Romesh Sharma
Int. a M/13 anos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
14, 16.30, 19 e 21.30
5.ª semana
A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE
de Marty Feldman
N. ac. M/ 13 anos
24.00 h. m. 10 anos
PORQUE MOS SINOS DOBRAM
de Sam Wood

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
15.30, 18.30, 21.30
8.ª semana
Bud Spencer em
O REGRESSO DO INSPECOR MARTELADA
de Steno
n. ac. M/13 anos

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Semana do Cinema Soviético
Às 15.15, 18.30 e 21.30
A NOITE SOBRE O CHILE
c. Grigore Grigorin
Int. a m. 13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
14, 16.30, 19 e 21.30 h
Festival Charlot
LUZES DA RIBALTA
c/ Charles Chaplin
Para todos

CASTIL 530194
Rua Castilho
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
2.ª semana
100 QUARTOS EM BARAFUNDA
de Richard Lester
Int. men. 13 anos

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro, 34
14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45
Ugo Tagnazzi e Ornella Muti em
A ALCOVA DO BISPO
de Dino Risi
Não acons. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27/B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CAÇA ÀS VIRGENS
Int. a M/18 anos
24.00
EXCELSIOR, A FURIA DO KARATE
Não acons. m. 13 anos

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
14, 16.30, 18.45 e 21.30
3.ª Semana
A DUQUESA E O VILÃO
c/ George Segal e Goldie Hawn
Não acons. men 13 anos

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 Algés
15.30, 18.00 e 21.30 h.
KING KONG
Int. a M/13 anos

EDEN 320768
P. Restauradores, 21
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
ESPADAS VINGADORAS
c/ Chen Kuan-Tai, David Chiang, Ti Lung
Não acons. M/18 anos

ESTÚDIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30, 21.30
2.ª semana
PARAGEM NO BAIRRO BOÉMIO
c/ Lenny Baker, Shelley Winters e Ellen Greene
de Paul Mazursky
Não acons. M/18 anos

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30
10.ª e última semana
A LICEAL
c/ Gloria Guida
n.ac.m/18 anos

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15
UMA VEZ NÃO BASTA
Não acons. m. 18 anos
21.30
O BELO ANIMAL
Não acons. m. 13 anos

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30, 21.30
Lisa Gastoni em
AMOR AMARGO
de Florestano Vancini
Int. men. 13 anos

LONDRES 801313
Av. Roma, 7-A
13.15, 16.00, 18.45 e 21.30
DO OUTRO LADO A MEIA-NOITE
Não acons. M/18 anos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15
A GUERRA DAS ESTRELAS
Não ac. M/ 13 anos
Estreia 21.30
CHANTAGEM SOBRE UMA MULHER CASADA
Int. a men. 18 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
15.15, 18.30 e 21.30
2.ª Semana
Jean Paul Belmonde Maire-France Pisier-Bernard Blier
O CORPO DO MEU INIMIGO
Não acons. M/18 anos

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
C/ Angela Winkler
A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM
de Volker Schlandorse
Não acons. m. 13 anos

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.15 h
O HOMEM QUE MATOU BILLY THE KID
c. Peter Laurence
10 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.15 h
3.ª semana
O PALÁCIO DO AMOR
Int. M/13 anos

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões contínuas a partir das 14.00
2.ª Semana
CHINA GIRL
Int. a M/18 anos
este filme contém cenas eventualmente chocantes

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.15, 16.30, 18.45, 21.30
ESPADAS VINGADORAS
c/ Chen Kuan-Tai, David Chiang e Ti Lung
Não acons. a M/13 anos

POLITEAMA 326305
Rua Portas de St.º Antão
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
11.ª semana
CASSANDRA CROSSING
Não acons. M/18 anos

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
Sala 1 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
INSERTS
Int. a M/ 18 anos
Sala 2 15, 17, 19, 21, 23
FRANCA SOCIEDADE ANÓNIMA
Int. a M/ 18 anos
Sala 3 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Não acons. m. 13 anos
Sala 4 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
n. ac. M/18 anos

RESTELO 810375
Av. Torre de Belém
21.30
LIÇÃO DE AMOR
Não acons. m. 13 anos

ROMA 887778
Av. Roma, Lote JRB
15.30, 18.30 e 21.30
HARRY, O IMPLACÁVEL
c. Clint Eastwood
Não acons. M/18 anos

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Charles Bronson e Alain Delon em
SOL VERMELHO
Não acons. a M/18 anos

SÃO JORGE 579144
Av. Liberdade, 175
15.15, 18.30, 21.30
A GAROTA DO GANGSTER
c. Sofia Lorene Marcello Mastroianni
Int. men. 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15, 17, 19, 21.30
5.ª Semana
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
c/ Giancarlo Giannini
n. ac. M/18 anos

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
2.ª semana
A RAPARIGA DA CASA ISOLADA
Não acons. men. 18 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) Tel. 371573
Estação do Rossio
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
2.ª Semana
O AUTOCARRO
c/ Bay Okan, Bjorn Gedda e Tuncel Kurtiz
Não acons. m/18 anos

TIVOLI 570595
Av. Liberdade, 188
15.15, 18.30, 21.30
3.ª semana
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
De Stanley Kubrick
Não acons. m 13 anos

UNIVERSAL Tel. 774402
R. da Beneficência, 175
15.30, 21.30
MILLI
c. Ashok Kumar, Java Baduri, Amitab Bachan e Aruna Irani
Não acons. m 18 anos

VOX 971794
Av. Fr Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19.00, 21.30
A ALCOVA DO BISPO
Não acons. men 18 anos

D. JOÃO V 367031
Praça Centro Comercial Damaia
21.15
O TERROR DO LOBISOMEN
Não acons. m 18 anos

LISBOA

TEATRO DA GRAÇA — «Uma Abelha na Chuva», as 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO — «Os Macacões» 21.45 (13 anos)
COMUNA — «A Mãe 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA — «A Dama Pé de Cabra», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA — «Alto e Para o Baile» 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL — «Bonifácio Milhões» 21.45 (13 anos)
LAURA ALVES — «Calcinhas amarelas» 21.30 (18 anos)

PORTO

TEP — «Os Emigrantes» 21.45 (13 anos)
COOPERATIVA PORTUENSE — «Contos Cruéis» 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Aqui quem manda sou eu» 21.30 (13 anos)

LISBOA

CINE ARTE — «A Cidade dos Anjos» às 21.30 (18 anos)
ROYAL — «O mais Quente Espectáculo do Mundo» às 21.30 (18 anos)
CINEAUDITÓRIO — «O Ouro de Mackenna» às 21.15 (18 anos)
PARIS — «Raid sobre Entebbe» às 21.30 (13 anos)
CINE MOSCAVIDE — «Remedios de Amor» 21.15 (18 anos)
LUMIAR — «Os Guerrilheiros» 21.30 (18 anos)
JARDIM — «Meu Filho, Meu Amor» 21.15 (13 anos)
CAPITÓLIO — «Sexualmente Tua» 19.21 e 23 (18 anos)
PROMOTORA — «O Donzelo» 21.15 (18 anos)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Stadium** — «O Abismo» às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS — **Chaplin** — «Perseguição alucinante» às 21.15 (18 anos)
ESTORIL — **Casino** — «Domingo Negro» às 17 e 21.15 (18 anos)
CASCAIS — **S. José** — «Uma Ponte Longe de mais» às 21.15 (18 anos)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Recreios Desportivos** — «Um Casal em Apuros» 20.15 (18 anos)

OUTRA BANDA

ALMADA — **Incrível** — «Shampoo» 21.15 (18 anos)
ALMADA — **Academia** — «O Homem de Hong Kong» 21.15 (18 anos)

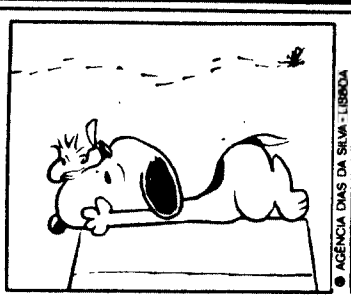
PORTO

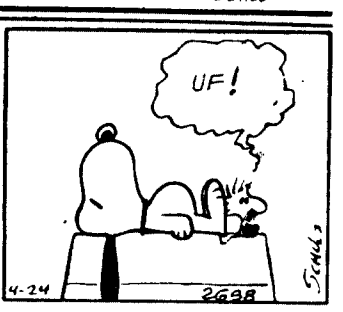
ESTÚDIO 400 — «Arrefecido a 99 graus» 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS — «Vou Fazer um Filho e Volto Já», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «Incrível Sarah», às 21.30 (16 anos)
CARLOS ALBERTO — «Rocky» as 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Adivinha que vem Roubar» às 21.30 (13 anos)
AGUIA DE OURO — «Justiceiro Implacável», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO — «Hotel Internacional», às 21.30 (13 anos)
COLISEU — «Amor a Vida», as 21.30 (13 anos)
BATALHA — «Sangue frio em Água Quente» as 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL — «A Epopeia dos Andes», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «Verão 42 21.30 (13 anos)
SALA BEBE — «Morangos Silvestres» às 21.30 (18 anos)
RIVOLI — «As Belas Mulheres dos Outros» às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA — «A Punição» às 21.30 (18 anos)
ESTUDIO FOCO — «Três Mulheres na Intimidade às 21.30 18 anos)
ESTÚDIO — «Entre o Amor e o Dever» 21.30 (13 anos)
S. JOÃO — «Uma vez não Basta» 21.30 (18 anos)

COIMBRA

TIVOLI — «O Último Comboio do Katanga» às 21.30 (18 anos)
S. TEOTÓNIO — «Oh! Amigos Meus» às 21.30 (13 anos)
AVENIDA — «O Sorriso do Grande Senhor» 21.30 (18 anos)
GIL VICENTE — «O Patrão e o Operário» 21.30 (13 anos)

CÚSCÚS
ESPECIALIDADE ÁRABE
PRATOS INDIVIDUAIS A 80$00
Jante todos os dias a partir das 20.30H no
BONAPARTE
Rua de S. Miguel, 70 - ALFAMA
Tel. 872761





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO, 186-1.º
TELEFONES 684531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS. RUA LUZ SORIANO, 44.
TELEFONES 321154/5, 328271/2/3, 328228, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 328229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

O "Santa Maria" está a ser perseguido
por navios de guerra ingleses e americanos
Não chegues a ver a Ilha
que tem oito dias
Diário de Lisboa
DIRECTOR NORBERTO LOPES
O "Santa Maria" mudou de rumo
e navega agora mais para Sudeste na direcção da costa de Angola
No gabinete do ministro da Marinha
Regressam no domingo cinco dos tripulantes desembarcados em Santa Lucia
Diário de Lisboa PUBLICA HOJE 20 páginas nas quais se inclui «Vida Literária» e «AUTOMOBILISMO»
VISADO PELA CENSURA
O estado do tempo na zona onde navega o paquete
VIDA ECONÓMICA
Sistemas económicos
por ECONOMISTA
TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.
O "Santa Maria" foi localizado
mas nenhum dos navios que o perseguem chegou ainda próximo do paquete
Aviões americanos procuram identificar o navio localizado a sueste de Barbados
Chegam repetidos comunicados à Companhia Colonial de Navegação
sobre o estado dos feridos desembarcados e a posição do paquete
A posição do navio é estudada no Ministério da Marinha sob a direcção do titular da pasta
Diário de Lisboa PUBLICA HOJE 20 páginas nas quais se inclui «DA MULHER E DA CRIANÇA»
O prof. Galvão Teles
criada pelo acto de força praticado a bordo do "Santa Maria"
DIRECTOR NORBERTO LOPES
DIRECTOR ADJUNTO MÁRIO NEVES
O "Santa Maria" paira a 400 milhas do Recife
a aguardar o termo das negociações para o desembarque dos passageiros
Actividade desenvolvida no Ministério da Marinha
O comissário Reis do "Santa Maria"
devido ao mau tempo
Não é possível o "Santa Maria"

Como o "DL" contou a história do "Santa Liberdade"

Há 17 anos, em pleno mar das Caraíbas, democratas portugueses comandados pelo capitão Henrique Galvão desencaderam uma espectacular acção contra o ditador Salazar apoderando-se do paquete «Santa Maria», que crismariam de «Santa Liberdadez». Nesta reposição fotográfica do ataque ao barco, que constituiu manchete do nosso jornal durante mais de uma semana, evocam-se alguns passos do acto que abalou internacionalmente a imagem do regime.

AMANHÃ NO CAB

Imprensa portuguesa com Brizola e Arrais

O ex-governador do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, em Lisboa desde o passado domingo, concede amanhã uma conferência de Imprensa na sede do Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil.

No mesmo encontro com os jornalistas portugueses e estrangeiros estará o ex-governador do estado de Pernambuco, Miguel Arrais.

Brizola e Arrais, os dois principais líderes da oposição brasileira, estão exilados desde o «golpe» militar que derrubou o Governo Constitucional de João Goulart em 1964 terão oportunidade de discorrer sobre a actual situação política que se vive naquele país e, principalmente, sobre as perspectivas que se abrem no momento em que a ditadura militar brasileira está na maior encruzilhada desde que assumiu o poder há 14 anos.

O Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil tem sede na Rua Rodrigues Sampaio, 79, r/c esquerdo, e a conferência de Imprensa tem o seu início marcado para as 15 e 30. Diversas individualidades antifascistas portuguesas prestigiarão o encontro dos dois líderes brasileiros com a Imprensa.

Resultados dos exames "Ad-Hoc"

Estão afixados nas delegações do ex-Serviço Cívico, os resultados dos exames ad hoc a que concorreram 918 candidatos espalhados por todo o País.

Neste momento, ainda se desconhece a percentagem de reprovações. No entanto, podemos adiantar que dos 918 candidatos, 549 são de Lisboa, 99 em Coimbra e 268 no Porto.

ROMA
CIDADE ETERNA
viagens especiais para estudantes
8450$00
peça-nos programa
Av. Liberdade 233 Tel. 536121 Lisboa 2
Europeia
membro WATA em Portugal

CONFIRMAÇÃO VEM DE LONDRES

Portugal em 1977 vendeu 46.650 quilos de ouro

Portugal lançou no mercado livre mundial 1,5 milhões de onças finas» das suas reservas de ouro durante o ano passado. Ao último preço fixado pelo mercado de Londres aquela quantidade equivalente a 46 mil 650 quilos de metal precioso, vale 2635 milhões e meio de dólares (última cotação do dólar: 40$47).

Estas vendas de reservas portuguesas, realizadas pelo I Governo Constitucional e só confirmadas oficialmente depois da imprensa ter publicado, foram efectuadas em parcelas separadas, tendo como local de transacção o mercado suíço. Os valores acima citados não correspondem às transacções realizadas o ano passado, devendo ser cotejados com as cotações da altura para se obterem totais exactos.

Segundo os especialistas londrinos da produção e comércio internacional de ouro (o mercado londrino é um dos mais importantes) não está previsto que Portugal efectue este ano novas vendas daquele metal no mercado livre mundial. Actualmente, segundo cálculo de especialistas, as reservas-ouro nacionais devem montar a cerca de 400 toneladas.

Ainda segundo previsões dos mesmos círculos londrinos, a produção mundial de ouro para 1978 deve ser inferior em três toneladas à do ano passado, atingindo as 1430 toneladas.

Santos e Barreto: terminou paralisação

Após obterem a garantia do pagamento dos dias de greve e da anulação de um processo de despedimento de um delegado sindical, os trabalhadores (cerca de 200) da empresa metalomecânica «Santos e Barreto», de Leça da Palmeira retomaram ontem a laboração normal.

A paralisação como noticiámos, **foi originada pela tentativa da entidade patronal de despedir um delegado sindical que há mais de 20 anos trabalha naquela empresa, com a posterior recusa de pagamento dos dias de paralisação.**

"Chulo" recebia mil escudos por dia

Um rufião, detido ontem à tarde pela PSP na R. dos Anjos, recebia diariamente da prostituta a quem explorava, entre 700 a mil escudos e como esta actividade se vinha processando desde Julho último, calcula-se em 120 contos a receita» conseguida por aquele indivíduo.

Trata-se de Alcino, de 32 anos, que se diz marceneiro, mas sem exercer a profissão há mais de um ano, tendo-lhe a PSP apreendido seis contos, três relógios de boa marca, pulseira e isqueiro de ouro.

No momento em que ele foi preso, agredia à bofetada a Maria Alice, de 18 anos, precisamente a sua fonte de receita», por desconfiar que ela não lhe dava o dinheiro que lhe pertencia».

Nove mobílias em sereno deslizar...

Calmamente, como se transportassem brinquedos em plástico, assaltantes desconhecidos **retiraram de uma oficina em Altragide nove mobílias completas (cinco de sala de jantar e quatro de quarto, estas em estilo Século XVII).**

Outro pormenor, que demonstra a descontração com que os assaltantes actuaram: **as mobílias, avaliadas em trezentos contos, eram constituídas de várias peças, mas mesmo assim nenhuma delas saiu incompleta da oficina.**

Para entrarem no estabelecimento, os assaltantes abriram um buraco no telhado, arrombando posteriormente a porta por onde saíram com o produto do roubo.

Luns: "Há ministérios que não devem cair em poder dos comunistas"

Joseph Luns, secretário-geral da NATO, falando em Bruxelas sobre «comunistas», afirmou que quanto à participação eventual de comunistas nos Governos dos países membros daquela Organização não se podia pronunciar, dado que «não pode intervir nos problemas internos dos seus membros».

A NATO», salientou, «não tem nenhuma doutrina Brejnev.»

No entanto, a situação dependeria em grande parte dos cargos que fossem atribuídos aos comunistas: os Ministérios das Finanças, da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, por exemplo, são Ministérios-chave e seria grave caírem em poder dos comunistas».

Luns recordou, no entanto, que a Islândia teve ministros comunistas e que Portugal até teve um Primeiro-Ministro comunista e que em ambos os casos se tomaram medidas para impedir que os segredos da NATO fossem divulgados.

Flávio Tavares chega amanhã

Chega amanhã a Lisboa o jornalista brasileiro Flávio Tavares, recentemente libertado no Uruguai, onde a ditadura de Montevideu o teve encarcerado por longo tempo. Com ele vem o dr. Júlio de Mesquita filho, director de O Estado de S. Paulo».

Recorda-se que o Governo português ofereceu asilo político ao exilado brasileiro.

Novo Governo

Continuação da pág 1

manhã ainda a instâncias de Soares. Jorge Sampaio recusou quaisquer declarações quanto ao conteúdo destes encontros, mas a hipótese que se avança é a de Mário Soares lhe ter formulado já um convite para participar no Governo. Recorde-se que o nome de Jorge Sampaio surgiu com certo destaque logo no início das negociações para a formação do II Governo Constitucional.

Enquanto no segredo dos gabinetes prosseguem estas diligências, multiplicam-se as reacções à coligação PS/CDS, expressas em já algumas centenas de protestos de sindicatos, comissões de trabalhadores, comissões de moradores, UCP's e cooperativas agrícolas e, de um modo geral, de todas as correntes de esquerda, democráticas e antifascistas.

tome nota

TODOS DE ACORDO

Ouvindo Soares Franco, fica-se com a impressão de que pouco falta para todos (PS, CDS e PSD) ficarem de acordo. Desde que o PC fique de fora, só falta o PSD ter direito a uns lugarzitos para que as coisas fiquem perfeitas.

O pior, claro, é haver o País, este povo com suas aspirações problemas e reivindicações...

MOEDA DE TROCA

Em entrevista concedida ao vespertino «A Luta» o dr. Vasco da Gama Fernandes vem afirmar que... «Não fui utilizado como moeda de troca...» Tomamos nota. E aguardamos a «concertação» de Outubro para concluir quem «queimou o sofá».

Ou para ver quem vai sentar-se no «sofá» presidencial.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE DEZEMBRO 41 280 exemplares

(Hoje 28 páginas)

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos 1.2.78
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias. Informações e inscrições no EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272 R. do Arsenal, 100-1.º

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 4/78

Terça-feira, 24 de Janeiro de 1978

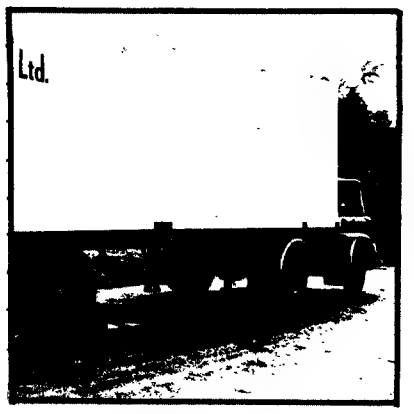
África do Sul: Tortura tem aprovação do Governo

Japão: Política externa com Washington e Moscovo

Chile: Estratégia para derrubar a Junta

Alemanha Federal: O neo-nazismo

O COMÉRCIO LIVRE
MAIS NECESSÁRIO DO QUE NUNCA



■ **Paul Fabra**
□ **LE MONDE**

Após as duas desvalorizações oficiais do dólar — a primeira a 18 de Dezembro de 1971 (acordo chamado so Smithonian Institute) e a segunda a 12 de Fevereiro de 1973 — o governo americano lançou uma grande ofensiva diplomática para obter substanciais concessões comerciais da parte dos seus parceiros (principalmente a CEE e o Japão). O resultado disto foi o início, em 1973, de uma nova grande negociação do GATT, quase no mesmo momento em que a viragem da conjuntura internacional punha à solta os demónios do proteccionismo, arriscando-se a dar ao exercício de Genebra um ar de farsa. Tudo isto serve apenas para demonstrar a extraordinária cegueira dos governos ocidentais perante uma crise que as atribulações do dólar também contribuiram para desencadear.

O sistema económico concebido pelos Aliados no fim da Segunda Guerra Mundial e que foi — sob a pressão dos americanos — aplicado nas suas grandes linhas, repousava em dois pilares: por um lado os acordos de Bretton-Woods (1944) que visavam restabelecer uma ordem monetária internacional destruída depois de Setembro de 1931; por outro lado, o acordo geral (provisório) sobre o comércio e as tarifas, conhecido pelo nome de GATT, e cujo objectivo era restaurar o comércio livre, que também desaparecera

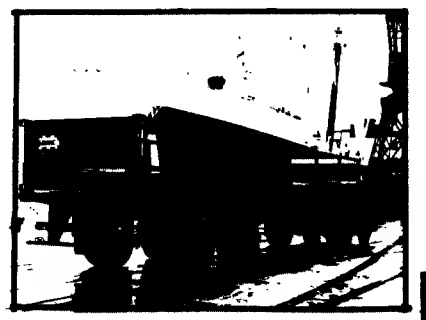
com a grande depressão dos anos 30.

Já devia ter-se compreendido que a liberdade do comércio estava ameaçada a partir do momento em que deixara de ser apoiada pelo pilar monetário: após a generalização dos câmbios flutuantes, em Março de 73, já nada restava dos acordos de Bretton-Woods, cuja principal razão de ser era evitar as manipulações de taxas de câmbio para fins comerciais. E um facto que tal evidência escapou à maior parte dos governos — excepto talvez ao governo francês que, no entanto, está longe de ter as mãos completamente limpas neste assunto (como várias decisões de carácter proteccionista mostrariam depois). Pior ainda: os sofistas que não faltam entre os economistas contemporâneos, começaram a convencer os dirigentes de que o abandono das antigas regras do jogo monetário — taxas de câmbio fixas, ligação do dólar e do ouro — significava uma extensão ao domínio monetário do regime de comércio livre de que já gozavam as mercadorias e os ser-

viços (como se se pudesse comparar o câmbio das moedas, cujo custo de emissão é praticamente nulo, com o dos bens manufacturados e dos serviços cujo preço final é regulado pelo seu custo de produção. Mas deixamos essa discussão que não levaria a grande coisa, pois as hipóteses de ver renascer um sistema monetário digno desse nome num futuro previsível, estão praticamente postas de lado.

Sereias cada vez mais hábeis

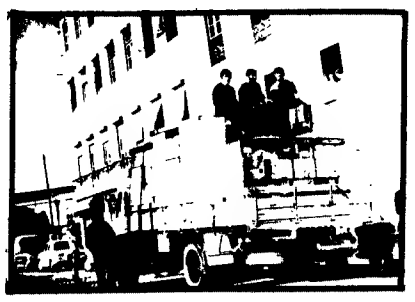
Principalmente não se deverá arranjar pretexto para dar ouvidos às sereias cada vez mais hábeis do proteccionismo. A existência de meios de pagamento de valor quase estável facilita grandemente o comércio e contribui provavelmente para atenuar os bruscos acidentes da concorrência. Eles não são, em todo o caso, condição para tal, tão certo é que, para tentar identificar as molas do comércio internacional, e para lhe compreender os mecanismos — domínios estes em que



não se fez progressos na mais de um século e meio — convém levar a análise para além da moeda, a fim de descobrir o como e o porquê do acto essencial da vida económica, o comércio.

Uma tal acção não é inútil nas presentes circunstâncias. Sentimo-nos tentados a pensar que ela se impõe porque está a produzir-se à nossa vista o que acontece sempre que se segue à prosperidade (dos negócios) um longo período de marasmo ou de crise. O que ainda na véspera surgia como uma das condições do crescimento, apresenta-se agora com os traços de uma ameaça. São avançados os mais contestáveis argumentos para justificar o repúdio das medidas de libertação que, no entanto, haviam provado a sua eficácia no período precedente. Hoje, a abertura das fronteiras é considerada cada vez mais como uma causa potencial de desemprego. Será certo que ela se tornou, no mundo de hoje, uma fórmula perigosa?

Fundamentalmente, se um país tem, por exemplo interesse em importar calculadoras em vez de as fabricar, é porque, através da importação lhe bastam dez horas de trabalho para obter determinada máquina, quando, necessitaria de doze ou treze para a produzir (este resultado é obtido se em dez horas de trabalho se produz a bicicleta que se exporta para poder pagar a importação, ou, por outras palavras, a bicicleta que se vai trocar pela calculadora).



E por esta razão que um país, quer seja capitalista quer socialista, tem grande vantagem em fazer comércio com os outros, porque isso lhe permite economizar esforço e utilizar melhor os recursos de que dispõe. Vê-se que a sua razão de ser não desaparece, em princípio, nem com a mudança de paridade monetária — os concorrentes mais perigosos são muitas vezes os países cujas moedas se revalorizam — nem com uma maior lentidão do crescimento.

— **Não há outra justificação para o comércio livre, de que somos os defensores, do que a velha teoria das vantagens comparativas, tal como foi sucintamente exposta pelos fundadores da economia política»**, reconhecia, perante nós, um dos principais funcionários do GATT. Assimilámos demasiado depressa uma economia governada por tal princípio, a uma floresta darwiniana, onde a concorrência só deixaria que os melhores subsistissem. Não é esta a conclusão que a teoria nem, de resto, uma observação sem preconceitos dos factos (mesmo que estes últimos possam ser cruéis), sugere. Um mundo em que a divisão internacional do trabalho conseguisse uma especialização absoluta, depressa seria asfixiado porque excluiria do comércio, logo da vida económica, todos aqueles (os mais numerosos) que não são os primeiros em nenhuma matéria.

Um exemplo célebre e venerável ilustra as vantagens do comércio internacional. Dois homens são capazes de confeccionar calçado e chapéus e um deles é mais habilidoso do que o outro em ambas as coisas. Mas, ao fabricar chapéus, ele pode ultrapassar o seu concorrente num quinto ou 20 por cento (isto é, ele fabrica seis chapéus enquanto o outro produz cinco), enquanto que o vence mais nitidamente, em um terço ou 33 por cento na confecção dos sapatos (entrega seis pares no mesmo tempo que o outro entrega quatro). mostra-se facilmente que, neste caso, o interesse mútuo dos dois homens está em se especializarem; o mais eficaz dos dois na indústria

AS NEGOCIAÇÕES DO GATT ENTRAM NUMA FASE ACTIVA

As negociações multilaterais sobre a liberalização do comércio internacional, a imtadas em Tóquio, em Setembro de 1973 e posteriormente prosseguidas com intensidade variável, recomeçaram na semana passada em Genebra, para entrarem na fase final. Tendo em conta as tendências proteccionistas que se manifestam de modo crescente no cmércio internacional, a importância destas negociações (tendentes a reconstituir o ambiente liberal que favoreceu a expansão mundial a partir de 1948) é considerável. Alguns detractores desta orientação pensam que as conversações podem encaminhar-se para a instauração dum «liberalismo organizado».

Em todo o caso, as negociações ora retomadas deverão culminar com o acordo previsto para este ano. Os representates dos EUA gostariam que se chegasse mais cedo às conclusões, se possível, logo no primeiro semestre deste ano. Mas parece que tal não será possível, pois os poderes de negociação conferidos ao Executivo de Washington pela lei comercial americana expirarão em fins deste ano.

Na terça-feira passada, reuniu-se em Bruxelas um conselho de ministros europeus que debateu as posições da CEE, nomeadamente as ofertas que irá fazer aos seus parceiros comerciais. Ontem, dia 23, realizou-se em Genebra uma reunião do GATT com a participação de Robert Strauss, enviado especial do presidente dos EUA, e de Wilhelm Haferkamp, vice-presidente da CEE, responsável pelas relações exteriores.

O comércio livre mais necessário do que nunca

em que a sua vantagem comparativa é maior (o calçado), e o menos eficaz no fabrico de chapéus, em que a sua inferioridade é menor.

Na nossa época em que os economistas se julgariam desqualificados se não usassem as matemáticas a propósito de tudo, a lógica do seu raciocínio nem sempre é tão impecável como a do exemplo que acabamos de dar. Procurando legitimar a todo o custo uma política de inspiração proteccionista, alguns chegam a defender a ideia de que os clássicos só tinham raciocinado no caso (sem relação com a realidade) de dois países e de dois produtos. Deve perdoar-se-lhes a ignorância de que os clássicos em questão se tinham dado ao trabalho de precisar que tinham simplificado a sua hipótese para comodidade da exposição.

Mas terá de se denunciar a inconsistência da sua pretensa refutação. Uns cento e cinquenta países ou mais ainda, participam num comércio internacional de inúmeras mercadorias, e cada troca comercial continua a operar-se dois a dois. Explica-se assim por que um país, a partir do momento em que começa a ter uma economia um tanto desenvolvida, produz quase toda a gama de bens de consumo e de serviços, mesmo que os modos de fabrico utilizados no estrangeiro sejam muitas vezes eficazes.

O argumento dos baixos salários

Outro tema sob o qual se esconde o proteccionismo consiste em invocar os baixos salários dos países de industrialização recente, a fim de pôr barreiras ao comércio livre com eles. A fórmula do «free trade» opoe-se a outra, aparentemente mais moderna do «fair trade». Há uns vinte anos era utilizado em França o mesmo argumento... contra outros países europeus. Os adversários do Tratado de Roma punham como condição necessária à abertura das fronteiras uma prévia harmonização dos encargos sociais. A sequência dos acontecimentos justificou essa exigência que, levada às últimas consequências contradiz o princípio em que se baseia o comércio internacional. Conforme os casos, a vantagem comparativa de que goza uma nação, tem em conta a existência de uma mão-de-obra abundante e barata (o que se aplica à maior parte dos países do terceiro mundo), ou a superioridade conferida por uma velha tradição industrial ligada ao desenvolvimento das técnicas mais avançadas (o que se aplica a muitos países da Europa Ocidental e à América do Norte). É errado pensar que os baixos salários são um trunfo na concorrência. Claro que isso é verdade a maior parte das vezes no que diz respeito à produção dos bens que requerem pouco capital fixo, mas para todos os outros, os mais numerosos, é necessário ter em conta muitos outros factores.

UM ACONTECIMENTO QUE PASSOU DESAPERCEBIDO

Noutros tempos, teria sido dada certa publicidade ao acordo tacitamente concluido entre os países do grupo dos Dez (EUA, França, RFA, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica, Holanda, Suécia, Canadá, Japão) de não renovarem o «regulamento» sobre o ouro entrado em vigor por um período de dois anos por altura da conferência de Jamaica de 6 e 7 de Janeiro do ano passado, durante a qual foi decidida a revisão dos estatutos do Fundo Monetário. Contudo, este acontecimento merece ser destacado.

Nos novos estatutos do FMI foi suprimida toda e qualquer referência ao ouro, que deixa de aparecer como centro do sistema internacional de pagamentos. Esta reforma pode ser considerada uma vitória total da tese americana. Mas o ouro não se deixa «desmonetizar» assim tão facilmente, até porque os bancos centrais possuem grandes quantidades desse metal.

Na Jamaica, pôs-se pois, a questão de saber que política adoptariam os Estados em relação ao metal destronado. A resposta era difícil de dar, tanto mais que a «desmonetarização» jurídica tinha por consequência restituir a liberdade de acção às autoridades monetárias nacionais. Enquanto essas autoridades estiveram presas às disposições de Bretton Woods não tinham o direito de comprar o ouro por preço superior ao oficial (42,2 dólares a onça). Abolido o preço oficial (símbolo do regime do padrão-ouro), recuperava-se a faculdade de intervir no mercado livre.

A não renovação do acordo dos Dez apresenta contudo a vantagem de deixar doravante em aberto todas as soluções para o futuro.

A redução do preço de custo é muitas vezes motivada por a produtividade ser muito elevada, porque o tamanho do dia de trabalho e a ausência de férias permitem utilizar em pleno um material moderno. Forçar os países da Asia a adoptar imediatamente as leis sociais dos velhos países industrializados, seria condená-los à estagnação, privá-los de recursos e pretexto de não aplicarem a regra do jogo em vigor nos países que partiram mais cedo para a corrida ao desenvolvimento.

«Laisser faire»

Na realidade, há pelo menos três elementos que hoje conjugam para formar a concorrência estrangeira ao mesmo tempo mais viva e mais perigosa.

1) O período de «boom» que precedeu a recessão caracterizou-se em vários sectores (química, construção naval, etc.) por uma política de superinvestimento que hoje se traduz pela existência de capacidades de produção não utilizadas.

2) Mesmo que as indústrias que provêm dos sectores mais dinâmicos encontrem uma política muito mais prudente, a recessão diminuiu a capacidade de adaptação das economias capitalistas. A mão-de-obra que trabalha nas empresas mais severamente prejudicadas pela concorrência estrangeira, já não encontra facilmente emprego noutras actividades.

3) A instabilidade quase permanente das moedas engendra concorrentes cambiais que tanto aproveitam a países de moeda forte (na expectativa de uma nova revalorização do yen ou do marco alemão, aumentam-se as encomendas de mercadorias «Made in Japan» ou «Made in Germany»).

Não se trata de preconizar uma atitude crispada sobre o «laissez faire, laissez passer» caricatural perante o desemprego e as falências devidas ao crescimento por vezes brutal da concorrência estrangeira. Os poderes públicos falharam o seu papel ao assistir passivamente do súbito desaparecimento de indústrias que por vezes se concentram numa região bem determinada. A única resposta economicamente justificável é prever auxílios e medidas de protecção limitadas no tempo.

Mas seria um erro grave privarmo-nos das vantagens do comércio livre neste longo período de crise. Ao recusar importar produtos de grande consumo vendidos a baixo preço, os países industriais só aumentariam, em última análise, as suas próprias dificuldades. O proteccionismo aumentaria o custo de vida e relançaria as reivindicações salariais num momento particularmente inoportuno. E nada seria mais destruidora nem inaceitável do que à custo de enormes esque, ao custo de enormes esforços consentidos pelas suas populações, começam a emergir do sub-desenvolvimento. ●

"TORTURA NA AFRICA DO SUL TEM APROVAÇÃO DO GOVERNO"

A tortura, a prisão política e a violação sistemática dos direitos humanos generalizaram-se na África do Sul com a aprovação táctica dos dirigentes brancos, segundo um relatório da Amnistia Internacional.

Aquela organização, inteiramente afecta aos Direitos Humanos, Prémio Nobel da Paz de 1977, deu propositadamente uma conferência de imprensa para anunciar a publicação de um seu relatório de 108 páginas sobre os presos políticos na Africa do Sul.

A publicação do relatório coincide com o início formal de uma campanha a nível mundial contra o «Apartheid», cujo desmantelamento completo se considera indispensável para a remoção das causas que levam a prisão política.

Esta campanha, que se destina sobretudo a influenciar os Governos para que pressionem o Governo de minoria branca da Africa do Sul a pôr fim ao regime de «Apartheid», será desenvolvida no presente ano, declarado pelas Nações Unidas como Ano Internacional contra o «Apartheid.

A Amnistia Internacional sublinha no seu relatório que o «Apartheid» apenas visa favorecer os brancos, e enquanto ele existir na Africa do Sul, «não haverá estrutura capaz de proteger e garantir os níveis universalmente reconhecidos dos Direitos Humanos».

Segundo esta organização apurou, a Africa do Sul é, no mundo, o país com mais alta taxa de execuções judiciais. A «AI» descreve, no seu relatório, a matança de civis nos bairros para negros, ocorrida nos últimos dezoito meses, como «sem precedentes e envolvendo crianças em idade escolar.»

Segundo a Associated Press, o adido de Imprensa da Embaixada sul-africana em Londres recusou-se a receber uma cópia do relatório que a Amnistia Internacional lhe pretendeu entregar em mão.

Alias, Malcolm Stuart, responsável da organização pela investigação de tudo quanto diga respeito a Africa, dissera durante a conferência que o relatório certamente iria ser proibido na África do Sul.

Referindo-se aos «actos» de segurança interna e de terrorismo, decretados em 1973, o relatório afirma: «Esses 'actos' fornecem, de facto, à Polícia, o Poder de deter uma pessoa indefinidamente sem qualquer acusação ou julgamento.»

Tais «actos» (ou poderes) «são usados sobretudo para intimidar todos os que se opõem ao 'Apartheid' para impedir ou evitar o crescimento de uma oposição política efectiva».

Textualmente do relatório:

«As leis de detenção não são apenas uma forma de restrição para serem usadas em tempo de crise ou de emergência nacional. Antes pelo contrário: elas são para uso diário e têm um único objectivo — fortalecimento do controlo político dos brancos e esmagamento da oposição política efectiva dos negros».

Pormenoriza o relatório da «AI» que essas detenções «legitimam a perseguição política» e «convida e até incita a que a Polícia de Segurança maltrate os presos».

De acordo com o documento, existem mais de 450 presos políticos na Africa do Sul, a maioria deles negros, dos quais 37, pelo menos, cumprem penas de prisão perpétua.

Ainda textualmente do relatório:

..«Está provado que a tortura é infligida aos presos políticos com a aprovação do Governo».

Donald Woods, um jornalista negro que recentemente teve de fugir do seu país e que vive exilado em Inglaterra, esteve presente na conferência de imprensa. Afirmou, a certa altura, que muitos dos detidos dados pelas autoridades sul-africanas como tendo cometido suicídio, por enforcamento, terão morrido pela acção de uma toalha que, nos interrogatórios, é utilizada «zelosamente» pelos interrogadores em torno do pescoço das vítimas. «A toalha — disse Woods — é progressivamente apertada».

Woods afirmou que achava «assustador» que a Polícia de Segurança «eventualmente acreditasse que fazia estas coisas em defesa da civilização cristã ou por patriotismo».

Segundo as investigações da Amnistia Internacional, pelo menos 23 presos políticos morreram enquanto na prisão, sob custódia policial, entre Agosto de 76 e Setembro do ano passado. O caso que mais chocou a opinião pública mundial foi o assassínio, a sangue frio, de Steve Biko, líder da Convenção da Consciência Negra. ●

POLÍTICA EXTERNA DO JAPÃO

O novo Governo nipónico, resultante de uma quase total remodelação a que o primeiro-ministro Takeo Fukuda se viu forçado, tanto por razões externas como internas, não tardou a desenvolver grande actividade a nível diplomático. A China, a URSS e os EUA figuravam, por razões bem diversas, entre as prioridades da diplomacia de Tóquio. Com a China, as coisas parecem bem encaminhadas, depois das últimas diligências junto de Pequim. Um acordo comercial de vastas proporções está prestes a ser concluído. Quanto ao projecto mais lato do tratado de paz e amizade, é ponto assente que as negociações a ele tendentes recomeçarão muito em breve. No tocante à URSS, com quem o Japão mantém relações comerciais privilegiadas, um obstáculo se mantém de pé entre os dois países: a disputa sobre as ilhas Curilhas, que impediu o bom êxito da missão Sonoda a Moscovo. «Last, but not least»: os EUA. A política vigorosa da Administração Carter em relação aos seus aliados parece estar a dar frutos com o Japão. Os acordos concluídos em Tóquio pelo conselheiro de Carter, Strauss, assemelham-se bastante a uma capitulação. As concessões agora feitas são apenas os primeiros passos num caminho que Strauss já se apressou a prever como de «viragem» na «filosofia japonesa». As relações nipónicas com a URSS e os EUA são o tema dos dois artigos do jornal «Le Monde» que a seguir publicamos.

PACIFICAÇÃO COM WASHINGTON

■ **Philippe Pons**

□ **LE MONDE**

Os EUA e o Japão assinaram este mês um acordo, com o qual ambos os países esperam pôr termo ao estado de «guerra comercial» que entre eles existe há um ano. Ushiba, ministro nipónico dos Negócios Estrangeiros, e Strauss, conselheiro do presidente Carter, especificaram, no entanto, que apenas tinham chegado a uma «solução temporária». Strauss declarou, por seu lado, que este acordo não faria cessar as pressões que se exercem nos EUA no sentido dum regresso ao proteccionismo, mas que estas seriam ainda mais fortes se não se tivesse chegado a este acordo...

O comunicado, publicado no final das negociações que Strauss manteve em Tóquio com os dirigentes nipónicos, enuncia um certo número de compromissos assumidos pelo Japão, que adoptará as medidas «razoáveis e adequadas» para alcançar, durante o ano fiscal de 1978, um objectivo de crescimento de 7 por cento e para reduzir o excedente da sua balança de pagamentos não só em 1978 mas também no ano seguinte. Ushiba reafirmou que no fim do ano fiscal este excedente seria diminuido para mil milhões de dólares (contra os actuais 10 mil milhões).

No tocante aos problemas bilaterais, o Japão compromete-se, por outro lado, a enviar aos EUA uma missão para explorar as possibilidades de compra de máquinas e equipamentos destinadas a centrais eléctricas e nucleares, e a «aumentar substancialmente as possibilidades» oferecidas aos industriais estrangeiros de participação nos mercados públicos japoneses. O que significa, como seria de esperar, que o Japão está disposto a utilizar parte das despesas públicas do orçamento de 1978 para essas compras. Sem que tal figure no comunicado, sabe-se também que o Japão deu garantias aos americanos de que o seu governo lhes compraria computadores.

No que refere a medidas pontuais, insistindo no prosseguimento nas negociações no seio GATT (Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas), o comunicado enumera as concessões, na sua maioria, já conhecidas, destinadas a convencer o Congresso da realidade das boas intenções nipónicas. Apesar da premente insistência de Strauss, os japoneses não fizeram nenhumas concessões suplementares sobre os filmes a cores e os computadores. Os americanos conseguiram, no entanto, que figurasse no comunicado o número de 10 mil toneladas de importação de carne, ao qual atribuiam uma importância simbólica. Na verdade, e, como salientou Ushiba, a quota continua a ser de 3 mil toneladas, mas os dois países comprometem-se a fazer esforços «para desenvolver a procura até às 10 mil toneladas».

O acordo nipo-americano, que Strauss apresentou como «uma mudança radical na direcção e na filosofia do Japão» contém ao fim e ao cabo poucos elementos novos em relação às propostas feitas em Washington em fins de Dezembro por Ushiba e que os americanos acharam então insuficientes. Para não dar a impressão de esquecer a Europa, totalmente ignorada durante as negociações nipo-americanas, Ushiba anunciou que no fim deste mês se deslocaria à RFA, Grã-Bretanha e França. ●

O FRIO COM MOSCOVO

□ **LE MONDE**

A iniciativa de solucionar o contencioso comercial com os Estados Unidos, tomada por Fukuda foi aunuciada após o fracasso de uma missão na URSS do ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Sonoa Sonoda. Este regressou a Tóquio no dia 11 de Janeiro, depois de ter tentado em vão, durante três dias, arrancar concessões aos soviéticos sobre as três ilhas Curilhas, «ocupadas» pela URSS desde a segunda guerra e que são reivindicadas por Tóquio.

Excpcionalmente, nenhum comunicado comum foi publicado no fim das conversações do chefe da diplomacia japonesa com o seu homólogo soviético e com Kossyguine. Os soviéticos até tinham recusado evocar no comunicado final «os problemas não resolvidos desde a Segunda Guerra Mundial» eufemismo que permitira ao Japão fazer figurar o problema das Curilhas quando do encontro entre Tanaka e Brejnev, em 1973, em Moscovo, depois por ocasião da visita de Gromyko a Tóquio, em Janeiro de 1976.

Conhecendo a rigidez da posição soviética, Sonoda teria chegado a Moscovo com uma concessão importante: o abandono das reivindicações japonesas sobre duas das quatro ilhas a que Tóquio chama os seus «territórios do Norte». Os soviéticos limitaram-se a propor a assinatura de um tratado de amizade, cooperação e boa vizinhança. Fukuda declarou-se «desconsolado» com tal atitude, e acrescentou que o seu governo «continuará pacientemente» a pedir o reconhecimento dos seus direitos.

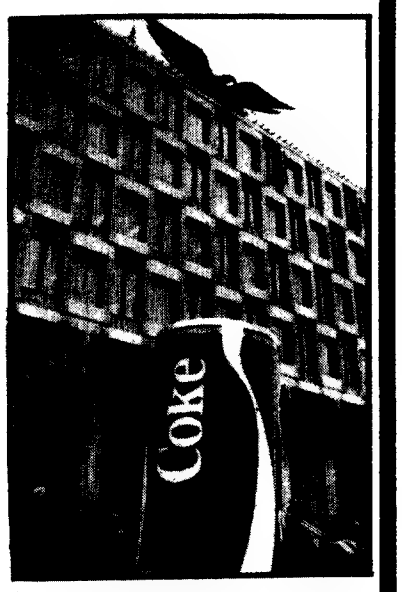
Os japoneses não estão interessados em assinar, em tais condições o tratado de «amizade» desejado por Moscovo, que quer desenvolver a cooperação na Sibéria e aumentar o comércio com um país que é, neste domínio, o seu segundo parceiro capitalista, depois da RFA.

Também preocupados em desenvolver o comércio e a cooperação com o Japão, os chineses vão, sem dúvida, aproveitar a nova desventura de Fukuda nas suas relações com os dirigentes do Kremlin. Precisamente por recear um choque com Moscovo, o chefe do Governo de Tóquio resistira até então às pressões dos meios de negócio nipónicos, que, pouco preocupados com as diferenças ideológicas, querem aproveitar melhor as imensas soluções oferecidas pelo mercado chinês. Uma fonte governamental japonesa indicou recentemente que as negociações feitas com a China para a conclusão de um tratado de paz e amizade, recomeçariam no fim do mês, em Pequim. Estas negociações de natureza política são diferentes das relativas a um acordo comercial a longo prazo, cujas grandes linhas foram esboçadas em Outubro, por altura da visita a Tóquio do vice ministro chinês do comércio externo. O principal obstáculo à assinatura do tratado de paz e de amizade está no facto de Pequim desejar incluir nesse tratado uma cláusula dita anti-hegemónica, que visa a URSS.

Moscovo não podia ignorar o trunfo que o fracasso de Sonoda dá à China, cuja imprensa apoiou nos últimos dias as «justas reivindicações japonesas sobre as Curilhas». Mas vê-se dificilmente aquilo em que Fukuda podia basear as suas esperanças de compromisso. A URSS apresentou como dogma a intangibilidade das fronteiras, não só na Europa mas também na Ásia, onde existe igualmente um contencioso sobre a fronteira sino-soviética. Ao fazer cedências aos japoneses a fim de os afastar dos chineses, os soviéticos ter-se-iam posto, segundo o seu próprio ponto de vista, em situação de inferioridade para com Pequim. ●

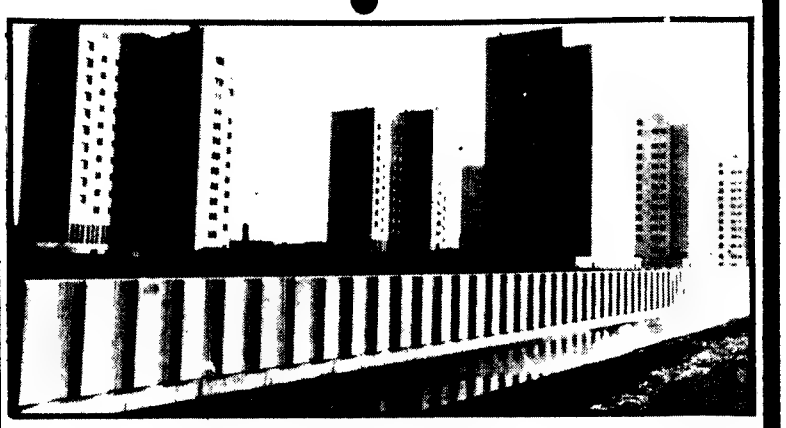
A «menina bonita» dos Jogos Olímpicos de Munique, de 1972, «medalha de ouro» da Ginástica, Olga Korbut, casou-se recentemente em luzida cerimónia, realizada na cidade soviética de Minsk. A famosa ginasta soviética envergava um vestido de noiva, que adquiriu nos EUA, mais propriamente na cidade de Saint Louis. O marido, que vemos na foto, olhando-a, embevecido, chama-se Leonid Barkevich e é vocalista num grupo de música pop da Bielo Rússia. (Foto Sipa Press)

FOTO EXCLUSIVO



Ecologistas britânicos, canadianos, australianos e neozelandeses decidiram empreender uma acção internacional de protesto contra as embalagens que os EUA exportam para todo o Mundo, com produtos vários. A foto documenta a «oferta» de uma gigantesca embalagem de Coca-Cola, que os ecologistas britânicos fizeram à embaixada dos EUA. A partir de agora, a Casa Branca vai receber pelo correio milhares de encomendas cheias de embalagens vazias dos produtos ianques. Convenhamos que a vingança não é má, embora fique um pouco dispendiosa... (Foto Feriaque).

Os cidadãos londrinos tiveram há tempos uma grande surpresa, quando depararam com dois «robots», que passeavam calmamente na capital inglesa. Um deles foi mesmo fazer uma chamada telefónica, enquanto o outro aguardou calmamente, à porta da cabine, que o seu amigo desse o recado (com certeza a um terceiro «robot», que se encontraria do outro lado do fio). Tudo isto não passou de uma forma original de fazer publicidade a um filme de ficção científica. (Foto Feriaque)



Estes prédios fazem parte do complexo prisional que está a ser construído nos subúrbios da cidade holandesa de Amesterdão. A prisão constituída por vários blocos de edifícios, é rodeada por um alto muro e por um canal. (Foto Keystone)

Um busto de Hitler na feira da ladra de Hamburgo. Ninguém impede a venda de uniformes SS e da Wehrmacht hitleriana, de ordens e condecorações dos SS e de outros símbolos nazis

Com slogans tais como «Lutem contra a ralé vermelha» o NPD neonazi faz propaganda nas ruas da RFA para as suas reuniões públicas, sem que as autoridades lho impeça.

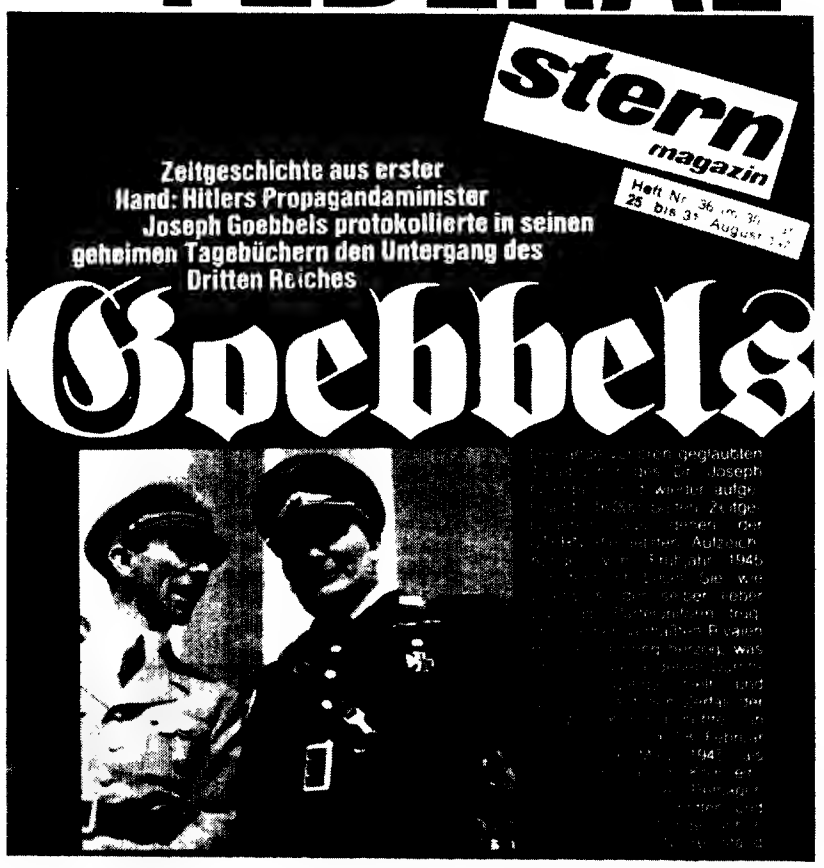
Excitados por tais slogans, os grupos de combate neofascistas assaltam sedes de organizações democráticas, danificam monumentos antifascistas, fazem listas negras e preparam-se para o «Dia D»

O NEO-NAZISMO NA ALEMANHA FEDERAL

Aumentam no mundo inteiro a inquietação e a indignação provocada pelo neonazismo, que cada vez surge mais abertamente com maior frequência na RFA. Há já vários meses que existe uma vaga de glofrificação não dissimulada do nacional socialismo (nazismo), vaga essa que submerge o écran, o pequeno écran, a Imprensa e a literatura. Há criminosos de guerra nazis apresentados como «ídolos» à juventude. A guerra é considerada um «caminho político».

150 organizações e instituições neofascistas abrem as suas portas na RFA, de acordo com as forças mais conservadoras para a realização de objectivos que lembram os anos mais sombrios da história dos povos da Europa. A escritora alemã Luise Rinser que hoje vive em Roma, e que participou activamente na resistência antifascista e foi condenada à morte pelo «Tribunal do Povo» nazi, disse: «Vivi o desenvolvimento do nacional-socialismo quando era estudante, e há hoje sintomas análogos».

As fotografias mostram em que medida «a maré negra» deforma e envenena hoje a vida social na RFA.●

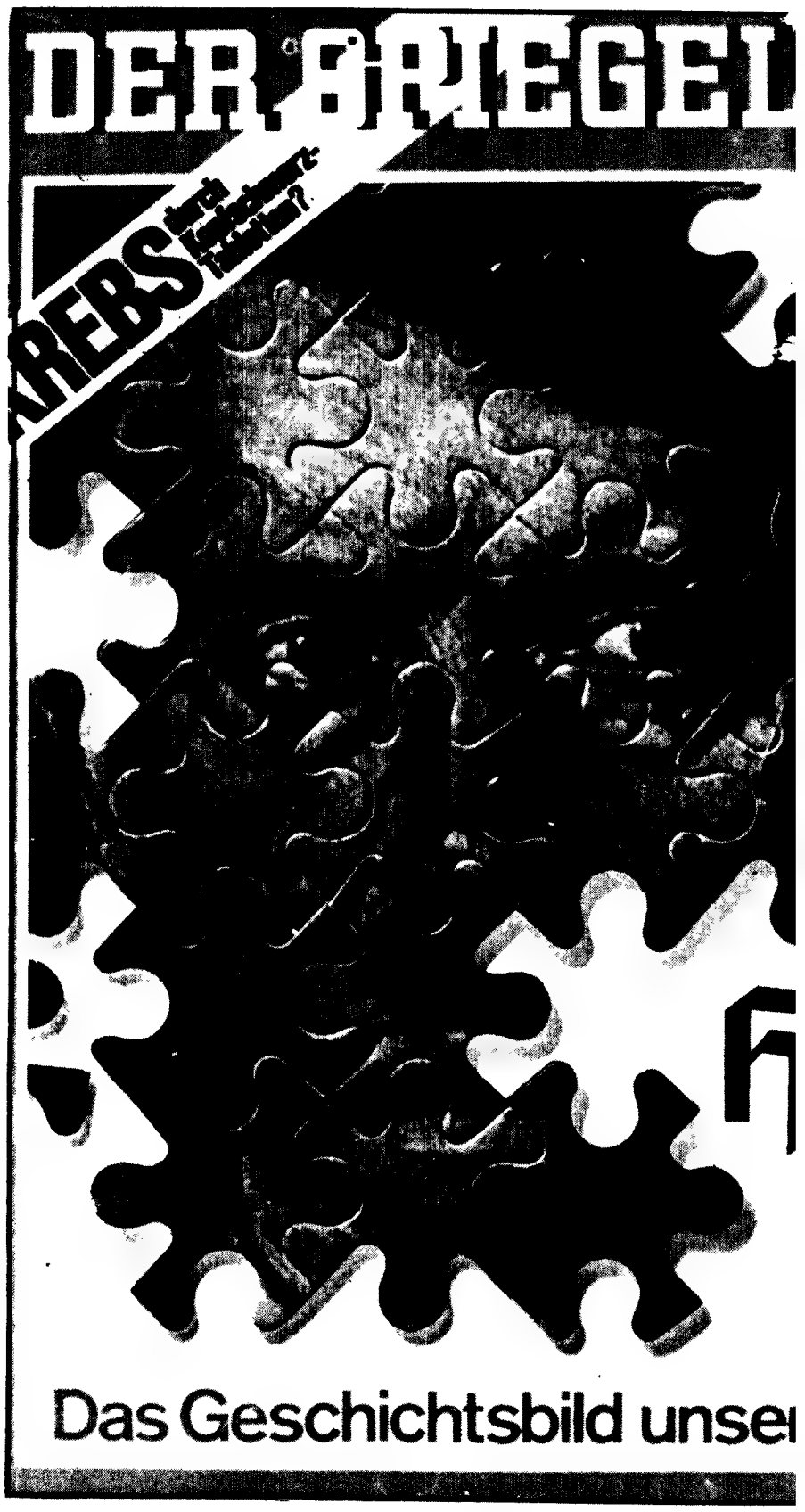


Os jornais burgueses da RFA fazem todos eles publicidade a livros fascistas, neofascistas e militaristas. Eis alguns títulos: «Hitler, uma carreira», «O quartel general do Fuhrer 1939-1945», «Uniformes da Wehrmacht alemã», «Hitler visto sob outro aspecto», «Os três testamentos de Adolfo Hitler».

A Feira do Livro de Francoforte sobre o Meno expos numa quantidade nunca vista de literatura claramente fascista, reabilitando e glorificando o fascismo. O stand do editor K.W. Schutz apresentou mesmo três títulos consagrados a Hitler: «Adolfo Hitler e o seu movimento — o leader do partido», «Adolfo Hitler e o Terceiro Reich — o homem de Estado», e, «Adolfo Hitler e a guerra — o general».

A editora Munin Verlag apresentou no seu stand três volumes consagrados aos comandos da «Divisão do Reich», dois à guarda de Adolfo Hitler que deixou marcas sangrentas em toda a Europa, outros sobre as divisões «Wiking» e «Frundesberg». «O Cáucaso e o petróleo» ainda hoje faz a propaganda dos objectivos do fascismo hitleriano quando do seu ataque à União Soviética. «Música dos Waffen SS» é o título de um livro com encadernação a imitar cabedal com as marchas das unidades da SS-Verfugungstruppe.

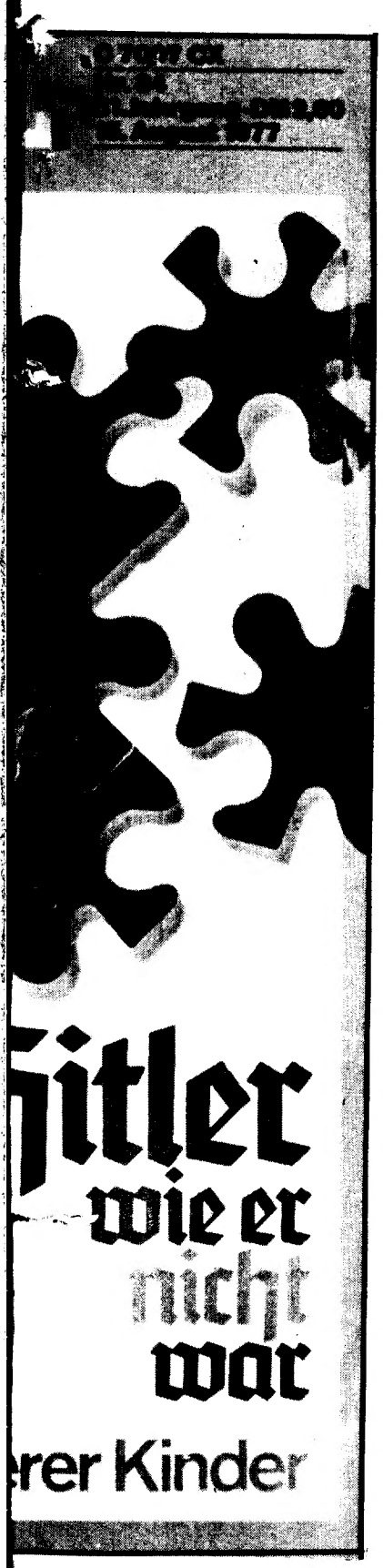
«As canções que nós cantámos» com o coro dos antigos Waffen SS de Minden, na Westfalia, vendem-se em disco ou cassete



O semanário de Hamburgo «Der Spiegel» relançou a 15 de Agosto hitleriana, ao publicar uma história e uma foto de Hitler, em forma de puz

A publicação do diário do ministro da propaganda de Hitler, Josef Goebbels, pela revista «Stern» teve por objectivo reabilitar em público esse mentor de guerra cínico e criminoso

O jornal «Welt am Sonntag», da de Julho de 1977 esta foto com a recebido com aplausos, não só n durante uma viagem efectuada em aplaudido no estrangeiro»



to de 1977 a nova conjuntura
zzle para crianças

cadeia Springer publicou a 17
a seguinte legenda: «Hitler foi
eu próprio país como aqui,
1934. O «Fuhrer» também foi

PARTIDO SOCIALISTA DO CHILE

PLENÁRIO NA CLANDESTINIDADE ELABORA ESTRATÉGIA PARA DERRUBE DA JUNTA

«Vivemos uma época de mudança e de revoluções. Vivemos a época da destruição do sistema mundial do imperialismo e do aparecimento do socialismo num número cada vez maior de países. Desde a instauração do primeiro Estado soviético, do primeiro Estado de operários e camponeses, até aos últimos triunfos da luta de libertação nacional em África, o panorama histórico mostra-se impregnado do carácter da época. De passagem, em suma, do capitalismo para o socialismo» — assim principia um documento sobre as resoluções do II Pelnário do Partido Socialismo do Chile na clandestinidade.

Depois de considerarem que o triunfo da Revolução Cubana demonstra como a América Latina tem possibilidade de se integrar na perspectiva socialista da Humanidade, os socialistas chilenos, através de uma breve apreciação do mapa político latino-americano, chegam à conclusão de que, excepção feita a alguns regimes de democracia burguesa prevalece naquela extensão geográfica «a ditadura militar (...) como forma habitual de Governo».

Pormenorizando a questão da dependência, lê-se no documento das conclusões do Plenário:

«Até à década de 50, a dependência manifestava-se através da presença do capital imperialista no sector exportador (minas e agro-pecuária) e na rede de transportes e financeira que lhe era inerente. Como as economias latino-maericanas dependiam da exportação de alguns produtos primários que se encontravam nas mãos do capital imperialista, capital esse que decidia sobre preços e grau de elaboração dos produtos a exportar, e ainda actuando de maneira a assegurar-lhe benefícios, a estrutura da dependência era suficientemente clara e visível».

Nos anos 50, a estrutura da dependência altera-se: «o capital estrangeiro começa a infiltrar-se nos ramos mais dinâmicos da indústria nacional; as grandes organizações multinacionais, com sede nos Estados Unidos, Europa e Japão, passam a controlar através das suas filiais nos mais diversos países da América Latina, toda a actividade económica. Tece-se uma rede apertada entre os clãs económicos, o sistema financeiro e o capital estrangeiro. Formam-se, assim, grupos de monopólios, expressão drástica de um grupo de «financeiros» para domínio da vida económica nacional. «Deste modo, a dependência deixou de ser uma relação externa para se converter numa relação interna», presente «em todos os aspectos do devir económico» e condicionando «as formas jurídico-políticas e as estruturas ideológicas da sociedade».

A economia capitalista dependente, constituída nestes moldes, acaba por ser um «processo que gera múltiplas e profundas contradições. A acumulação de gigantescas massas de capital, por parte da fracção afecta aos monopólios da burguesia, é um processo que se baseia na exploração desumana dos grupos operários, dos pequenos proprietários urbanos e rurais e das classes médias». Além disso, as fracções da burguesia não afectas aos monopólios «também se sentem lesadas pela expansão sem limites dos monopólios; os desempregados crónicos aumentam nas cinturas marginais urbanas; e uma grande massa de camponeses sem terra nem trabalho permanente subsiste em condições miseráveis no campo. Estas contradições reflectiram-se na luta de classes: o despertar da luta dos camponeses exigindo a reforma agrária; a mobilização das referidas cinturas marginais urbanas pedindo solução para os problemas mais urgentes (casa, trabalho, saúde, etc.); a radicalização da greve operária. Também a luta estudantil se vem inscrever neste clímax da luta de massas: a exigência da reforma universitária adquire um claro carácter de julgamento do sistema. Igualmente no seio da Igreja sectores cada vez mais vastos do clero e da hierarquia põem em causa esse mesmo sistema».

QUE DEMOCRACIA?

Afirmam os socialistas chilenos que, «sob formas democráticas tradicionais de Governo», a constituição do capital nos moldes acima referidos foi possível em certos países (Venezuela, Colômbia, México), mas que noutros unicamente se tornou viável «sob ditadura militar».

Textualmente:

«A existência de um movimento popular forte e combativo, bem como a incapacidade dos partidos burgueses tradicionais para travar o incremento do movimento das massas, explicam, em parte, esta situação. Os casos do Brasil, Chile, Uruguai e Bolívia, nomeadamente, remetem-nos para uma forma de ditadura militar inspirada no princípio da 'segurança nacional', que mais não é do que a manutenção da zona de segurança geopolítica do imperialismo norte-americano».

General Pinochet

General Leigt

Almirante Merino

General Mendonza

A JUNTA CHILENA

Ao cabo destas considerações, chegam os socialistas chilenos à conclusão de que «dentro deste contraditório panorama continental, o diferendo hoje em dia se situa entre ditadura e democracia». Admitem que não é unânime o consenso sobre democracia — mas concluem que presentemente a América Latina é uma das «principais forças que impulsionam a democracia».

Debruçam-se, seguidamente, sobre a Administração Carter. Essa Administração «impulsiona uma espécie de cruzada continental em defesa dos direitos humanos e pelo restabelecimento das liberdades democráticas». (...) «Estes sectores imperialistas entendem a democracia como algo de puramente formal, como um regime de centro-direita com Parlamento e alguma oposição tolerada, mas de maneira alguma susceptível de alterar a base económico-social capitalista e dependente. Sob este ponto de vista, o regime democrático é entendido como a melhor forma de conter o movimento popular e de conservar intacta a zona de segurança estratégica dos Estados Unidos. É evidente que esta posição conta com o aplauso de diversos sectores burgueses nacionais, pois lhes proporciona uma forma de mudar o rosto da dominação». Tenha-se também em conta que «a posição do Governo democrático dos Estados Unidos não representa a posição homogénea do imperialismo norte-americano: é sabido que em sectores do Pentágono, bem como na indústria da Defesa (bélica, portanto) e nas organizações multinacionais, há quem tenha apoiado e apoie Governos ditatoriais no continente».

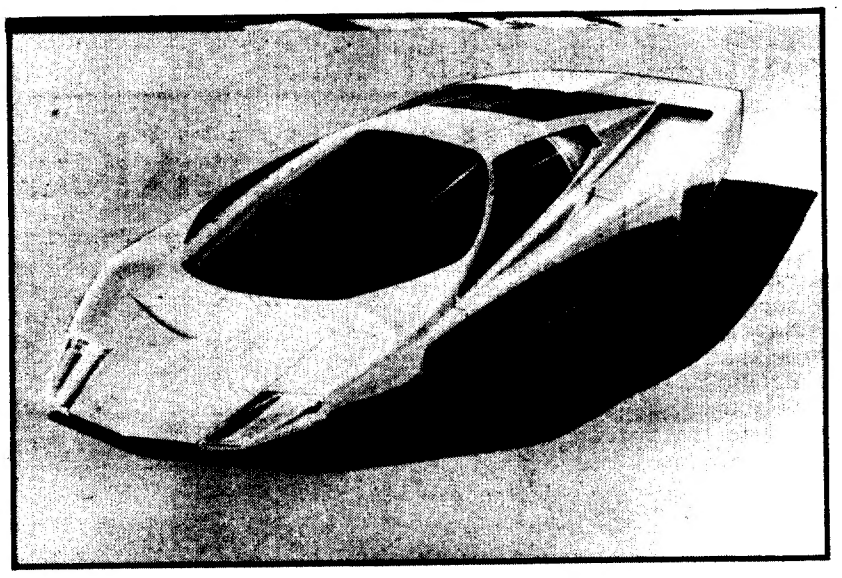
Por sua vez, «o movimento popular possui uma concepção diametralmente oposta de democracia. De uma maneira geral, na América Latina, as lutas do movimento popular acusam um sentido profundamente democrático. Essas lutas evidenciam um permanente esforço no sentido de fazer com que a democracia ultrapasse o puro formalismo, dis-

CRÉDITOS DOS EUA MAIS DIFÍCIES

Foram tornadas públicas em Nova Iorque as novas modalidades de créditos a países estrangeiros, pelos 4500 bancos nacionais dos EUA.

O novo processo, que implicará formalidades mais complicadas e o fornecimento pelos países beneficiários de informações detalhadas, muitas vezes secretas, sobre a conjuntura económica e financeira, limitará substancialmente a concessão de empréstimos, principalmente aqueles países onde existe um sector de Estado. As novas modalidades atingirão, segundo a Imprensa americana, o México, o Peru, a Indonésia, a Venezuela e outros países.

O montante dos créditos concedidos pelos bancos americanos aos países em vias de desenvolvimento atinge 50 mil milhões de dólares. Só em 1977, a dívida contraída pelos países do Terceiro Mundo, junto dos bancos americanos, aumentou três mil milhões de dólares. O pagamento dos juros destes créditos devora uma parte considerável das receitas que estes países obtêm graças às exportações. ●



DO COCHE A GASOLINA AO MODELO AERODINAMICO

STUTTGART — Entre estas duas fotos há noventa anos de história do automobilismo. O carro Benz, de três rodas, patenteado, de meia cobertura amovível, foi apresentado no primeiro prospecto de automóveis do Mundo como substituto perfeito de um carro de tracção animal: «Poupa-se o cocheiro, a instalação cara, o serviço e a manutenção dos cavalos; está sempre pronto a funcionar, é cómodo e absolutamente seguro». Os seus dados técnicos: motos de um ciclindro, a quatro tempos, horizontal, 985 cm de cilindrada, compressão: 2,68, potência máxima 8,9 CV a 400 RPM. Binário 230 a 600 RPM, cárter de manivelas aberto, refrigeração a água, carburador de superfície, ignição de vibrador, roda volante horizontal, peso: 265 kg, velocidade máxima 12 km/h.

A velocidade de cruzeiro dos carros ligeiros de Stuttgart mais lentos é hoje dez vezes maior. A única característica comum dos coches a gasolina e dos automóveis da actualidade é a sua segurança. O modelo Mercedes, que provavelmente nunca será construído em série, foi elaborado pelos estilistas da Daimler-Benz AG em Sindelfinger, perto de Stuttgart, na República Federal da Alemanha. Trata-se de um objecto de demonstração de formas absolutamente adaptadas às condições aerodinâmicas. Como a resistência do ar aumenta no quadrado da velocidade, a aerodinâmica assume importância crescente. Além disso, é extremamente importante para se poupar energia. Para evitar forças ascensionais, manteve-se a frente do «coupé» de dois lugares tão baixa quanto possível. Para facilitar a entrada, as portas são fixas ao tejadilho. A caixa do motor e o habitáculo são separados por um vidro. As lamelas na parte traseira oferecem boa visão mediante o espelho retrovisor interior. ●

ESTRATÉGIA PARA DERRUBAR A JUNTA CHILENA

5

seminando-a pelos mais distintos sectores da vida económica, política e ideológica».

RUPTURA DO BLOCO DE APOIO À JUNTA

Pronunciando-se sobre a Junta Militar chilena, afirmam os socialistas que se trata de «um regime tirânico que rompe com a continuidade constitucional que caracterizou o país por largas décadas».

Textualmente:

«Nunca como agora, regime algum havia combatido com tanta brutalidade o movimento popular, nem calcado tão drasticamente a institucionalidade democrática. As razões que explicam tal atitude devem procurar-se nas características da economia capitalista dependente e no desenvolvimento da luta de classes nos últimos anos, particularmente durante o Governo da Democracia Cristã e durante o processo revolucionário da Unidade Popular».

E sobre o Governo Popular:

«Com o Governo Popular é a primeira vez que uma vasta aliança de classes, impulsionada e dirigida pela classe operária, tenta destruir as bases capitalistas do Chile e iniciar a construção do socialismo. Quanto às razões da sua derrota, temos de nos compenetrar de que um elemento decisivo foi a capacidade das forças reaccionárias na constituição de uma vasta frente de classes e grupos sociais que hostilizou e isolou o Governo Popular, criando condições para o seu derrube».

Os métodos utilizados foram muitos: «conspiração imperialista (CIA, multinacionais), oposição cerrada no Parlamento, ataque e cerco da Imprensa burguesa, mobilização de grémios de pequenos proprietários, estudantes e certos sectores populares».

De atentar:

«Se o inimigo pôde triunfar, deve-se tal em grande parte à nossa debilidade, à nossa incapacidade de unir a maioria do povo para a mutação social e para defesa do Governo. Essa debilidade manifestou-se na incapacidade do movimento popular em resolver os mais importantes problemas nacionais que então se encaravam. Por exemplo: no processo da Reforma Agrária foi impossível concretizar a unidade operário-camponesa», tendo-se verificado «a incorporação de um forte contingente de pequenos proprietários nas hostes da contra-revolução. Outro exemplo: «no processo da Reforma Educacional (ENU), não se tornou viável fazer corresponder os interesses objectivos da maioria da população (...) com a posição subjectiva contrária das massas». Também «no seio da classe operária se manifestaram tendências antagónicas sobre o papel da classe operária e sobre a prática democrática». (...) «Por outro lado, interessa salientar que o movimento popular foi incapaz de enfrentar o problema das Forças Armadas dentro do seu projecto político. Não fazer nada foi a característica principal neste sector decisivo para o futuro do processo».

E ainda:

«O carácter fulminante do golpe de Estado, explica-se, em parte, pela debilidade e esgotamento das forças que apoiavam o Governo de Salvador Allende. O assassínio sem escrúpulos, a perseguição e a repressão posterior foram ditadas pelo alto grau de maturidade das forças populares. E isso porque, nas condições posteriores ao golpe, nenhum modelo de recuperação capitalista teria sido possível caso se não tivesse aniquilado o movimento popular. Hoje, quatro anos após a Ditadura Militar, rompeu-se o bloqueio político e social que apoiou o golpe de 11 de Setembro de 1973. Deve-se tal rompimento ao conflito surgido entre os interesses objectivos da maioria da fracção que apoiou o golpe (Democracia Cristã) e a política monopolista que, desde então, as Forças Armadas têm impulsionado. O pequeno proprietário, o funcionário, o estudante, o camponês que apoiou a oposição ao Governo Popular e logo aplaudiu o golpe, verificam hoje com angústia que o governo monopolista os destrói a todos através da respectiva política económica. A agudização das contradições de classe não encontrou canais adequados de expressão que amortecessem o conflito. Pelo contrário: a crise agrava-se, dado que este tipo de regime não permite, em caso nenhum, a disputa das classes face ao produto social».

Com a supressão do Parlamento, com a abolição da greve, com a supressão da liberdade de associação e de expressão, com o «extermínio» de outros mecanismos (Comissões de Trabalhadores, Conselhos Universitários, etc.) a Junta Militar pôs um termo «à possibilidade de um acordo entre os monopólios e os outros grupos que, porventura, poderiam apoiar o regime. Pela primeira vez na História do Chile, uma fracção da burguesia governa só, sendo o seu «partido» as Forças-Armadas, ou melhor, Pinochet».

POR UM ACORDO UP-DC

Depois de pormenorizadas considerações (como, por exemplo, as tecidas sobre as contradições agora existentes entre a Democracia Cristã e a Junta Militar, ou para melhor compreensão, a posição antifascista da primeira em relação à segunda), os socialistas chilenos, defendendo uma aliança para a restituição ao país da via democrática, propõem um acordo político UP-DC. Isto é: Unidade Popular-Democracia Cristã. Questões que teriam de ser ponderadas por aquelas duas formações políticas:

a) Dissolução dos organismos repressivos; b) Fim do estado de sítio; c) Liberdade para os presos políticos e amnistia para os condenados, bem como investigação e esclarecimento sobre a situação dos desaparecidos, e devolução de cidadania e regresso dos exilados; d) Liberdade sindical e direito à greve; e) Julgamento público dos criminosos; f) Reestruturação das Forças Armadas; g) Afastamento do Poder Judicial de todos os juízes que permitiram com a sua atitude o genocídio provocado pela ditadura.

Outras questões:

«Quando dizemos que a ditadura tem de ser derrubada, tal acto pressupõe o seguinte:

I — «A ditadura não cairá pelo seu próprio peso. Não serão as contradições internas que darão origem a qualquer mudança. Essa mudança cabe aos partidos populares, às massas — e com árdua luta.

II — «A queda da ditadura exige uma mudança drástica em todas as estruturas políticas e nunca um arremedo formal que não altere a situação de fundo. Para nós, socialistas o problema fundamental é a possibilidade de o poder político passar a ser exercido por mandato dos trabalhadores (...)».

III — «A luta das massas é vital, o impulso das plataformas mínimas, determinante. A justa combinação entre a luta de massas, a mobilização popular e a presença activa de uma direcção política popular (...) imporá a hegemonia da classe operária no seio da frente».

IV — «Esta luta de massas terá de ser centralizada, nos seus começos, pela denúncia pública e pelo impulso de plataformas mínimas através dos organismos tradicionais da classe operária e do povo, permitindo a organização de um vasto movimento democrático. (...) Nesta luta teremos de reivindicar, se for necessário, a utilização de violência em defesa legítima da vida e dos direitos do povo. Não nos esqueçamos de que, tanto esses direitos como o respeito pela vida, nos são presentemente negados pela violência mais brutal de uma minoria».

As últimas considerações do documento sobre as resoluções do II Plenário do Partido Socialista do Chile, na clandestinidade, são endereçadas às Forças Armadas, apelando-se para o seu sentido democrático através de esquemas e tácticas que (como é óbvio) só aos próprios interessam. ●

FIGURAS EM DESTAQUE

URHO KEKKONEN

No dias 15 e 16 deste mês, os finlandeses foram às urnas para escolherem os 300 grandes eleitores, que, diariamente irão, por sua vez, eleger o presidente da República (para um mandato de seis anos). Candidataram-se 2271 personalidades nesta primeira fase do escrutínio presidencial. Tal como se previa, o actual presidente Uhro Kekkonen tem a eleição, desde já, garantida. E, também tal como se previa, a participação eleitoral foi baixa, pois o resultado final não oferecia dúvidas a ninguém. Presidente da República finlandesa desde 1956, Kekonnen tem o apoio de seis partidos (conservador, liberal, sueco, centrista, social-democrata e comunista), que, no seu conjunto, ocupam 188 dos 200 lugares do Parlamento.

Apesar de a consulta não oferecer quaisquer dúvidas, quanto ao seu resultado, Kekonnen, num discurso proferido no dia 8, chamou a atenção para a sua importância, e análise as eleições presidenciais dando-lhes quase a dimensão de um referendo ao perguntar: «querem os finlandeses manter a política estrangeira oficial do nosso país ou pretendem antes seguir um caminho que nada nos augura de bom?». A política externa é exactamente a questão-chave da Presidência finlandesa. A Imprensa ocidental compraz-se em falar duma figura política inventada pelo seu anti-comunismo mais ou menos visível: a chamada «finlandização». Apesar de não ser pró-comunista, Kekonnen tem sabido manter o seu país não alinhado, mas amigo da URSS, obstando assim à concretização dos sonhos daqueles que bem gostariam de ver a Finlândia transformada num posto avançado de provocações anti-soviéticas. A

«finlandização», que tanto preocupa os comentaristas ocidentais, parece, no entanto, preocupar muito pouco os finlandeses que novamente escolheram para Presidente o homem apostado em manter o seu país no caminho das boas relações com Moscovo.

Nascido em 3 de Setembro de 1900, em Pielavesi, provincia de Savo, no Leste do país, duma família camponesa, Kekonnen doutorou-se em Direito. Antes de se licenciar, trabalhou como jornalista durante alguns anos participou na guerra civil finlandesa do lado «branco» (recorde-se que a Finlândia fazia parte do império russo e que em 1918 o poder revolucionário soviético restituiu a independência aos finlandeses. Contudo, a tentativa de instauração dum regime revolucionário em Helsínquia levou à guerra civil e à derrota dos «vermelhos»).

Atleta de grande mérito, Kekonnen teve uma juventude muito activa, trabalhando, estudando e praticando desporto. Só nos fins da década de 20, Kekonnen enveredа pela carreira política, através do jornal liberal Kajaanin Lehti. Ligado à ideologia de Santeri Alkio, dirigente da Liga Agrária, foi por esta via que o actual presidente seguiu a sua carreira política. Em 1936 doutorou-se em Direito e foi pela primeira vez eleito para o Parlamento pela Liga Agrária. Nesse mesmo ano ascendeu ao cargo de ministro da Justiça e vice-ministro do Interior. A partir daí, Kekkonnen bate-se por um governo de coligação entre agrários e sociais-democratas.

Quando o fascismo ameaçou a Europa e se tornaram claros os intuitos agressivos de Hitler, Kekonnen ergueu a vaz a favor duma frente unida de todos os democratas finlandeses, incluindo os sociais-democratas, que a direita queria manter afastados de todas as responsabilidades governativas. O conflito com a URSS postergou o actual presidente para um «ghetto», que o manteve afastado da política durante cinco anos, enquanto os políticos de partidos de direita procuravam arranjos de toda a ordem com a Alemanha nazi. No final da guerra, o futuro da Finlândia (que combatera contra a URSS ao lado dos nazis) tinha necessariamente de girar em torno da política externa a adoptar por Helsínquia em relação a Moscovo. Desde 1943 que Kekonnen começara a trabalhar por uma nova atitude para com a URSS. Em Novembro de 1944, logo que a guerra terminou, Kekonnen e o então primeiro-ministro (e posteriormente chefe de Estado) Paasikiv delineram a nova política. No Inverno de 48, quando Estaline propôs negociações à Finlândia com vista à assinatura dum tratado de assistência mútua e cooperação, Kekonnen era ministro da Justiça do gabinete Paasikiv, tendo sido ele o primeiro interlocutor de Estaline. O tratado viria a ser assinado, na base dum documento elaborado por Paasikiv, no qual se reconhecia o direito da Finlândia à neutralidade. A partir daí, a política externa finlandesa orienta-se para a amizade com a URSS, muito embora internamente a Finlândia seja uma democracia parlamentar ocidental. Ao mesmo tempo, a Finlândia mantém e alarga os seus laços com o ocidente (recordemos que faz parte da EFTA e do Conselho Nórdico). Nada disto é prejudicado pelo facto de Kekonnen todos os anos visitar a URSS e manter estreitos laços de amizade com Moscovo. Mas a segurança finlandesa depende da segurança europeia. Por essa razão a Finlândia foi um dos proponentes da conferência que culminaria na cimeira de Helsínquia em 1975. Foi ainda a capital finlandesa que recebeu em Novembro e Dezembro de 1969 os negociadores da primeira fase das conversações SALT. ●

RÁDIO EUROPA LIVRE:
PRODUTO DA GUERRA FRIA

■ Václav Kvasnicka
□ ORBIS (PRAGA)

Hoje em dia ninguém mais duvida do papel das emissoras norte-americanas de espionagem, Europa Livre e Liberdade.

As suas sedes principais encontram-se na cidade de Munique, na RFA, ou seja, num país cujos representantes firmaram a acta final dos acordos de Helsínquia e que, até agora, toleram no seu território, com benevolência, as actividades dessas rádios cujo único objectivo é a subversão e a ingerência contra outros governos.

«O objectivo principal do Comité Europa Livre», declarou um dos seus 48 membros fundadores e ex-chefe da administração militar dos EUA na Alemanha Federal, general Clay, «será a criação da chamada Rádio Europa Livre, com um sistema de emissoras.»

Os padrinhos da Europa Livre, já em 1949, não encobriam a sua intenção de fazer da mesma o instrumento principal da subversão ideológica. «Europa Livre», como escreveu um dos seus primeiros directores, S. Jackson, «é um dos órgãos de uma guerra psicológica. Foi construída com a finalidade de transmitir a intranquilidade para os países dos quais somos inimigos.»

A revista «Der Spiegel», da RFA, escreveu: «A sua propaganda tem uma vantagem apreciável; o facto de não estarem ligadas a nenhuma convenção diplomática, que devam respeitar, como, por exemplo, as emissoras governamentais.»

Ao mesmo tempo, é sabido que desde o início, a Europa Livre se encontrava em estreito contacto com os serviços de espionagem norte-americanos. Esta emissora «privada» graças às dotações governamentais, obteve 32 potentes postos retransmissores, os quais, em 780 frequências de ondas transmitem 540 horas semanais. A Europa Livre dispõe, inclusive, de um serviço próprio de rádio-escuta, no qual capta os programas de 40 estações de rádio dos países socialistas.

A Europa Livre, esta duvidosa instituição norte-americana, ilegalmente instaladas na RFA, com notícias falsas, obtidas na sua maioria através de «náufragos políticos», de pessoas que traíram as suas pátrias e que actualmente vivem e trabalham no Ocidente, perturbam a confiança entre as nações e contamina a atmosfera internacional em geral. Por esta razão, há tempos, também o senador norte-americano William Fulbright declarou que «o papel da Europa Livre é suficientemente conhecido no mundo e por isso esta estação emissora pertence, há muito anos, aos tempos da guerra fria.» ●

SEMANA INTERNACIONAL

O aniversário

No tradicional discurso sobre o Estado da União, o primeiro que James Carter profere, o actual presidente dos EUA assinalou o primeiro aniversário da sua tomada de posse, com um optimismo pouco convincente. Traçou um quadro favorável da sua política externa, mostrou-se confiante na obtenção dum «programa energético favorável» e disse-se empenhado em defender o dólar, cujas cotações têm atingido ultimamente recordes de baixa nas praças internacionais. Em baixa recorde está também o próprio presidente, mau grado a máscara do regozijo que na circunstância aniversariante envergou. Segundo os entendidos, só o ex-presidente Dwight Eisenhower alcançou uma quota de popularidade tão diminuta como aquela com que os cidadãos norte-americanos brindaram, em jeito de prenda amarga de aniversário, o actual ocupante da Casa Branca. em plenas fastas de aniversário, o presidente «incorruptível»» vê-se, entretanto, a braços com um novo «caso», relacionado como «saneamento» próximo do procurador de Filadélfia, David Marston, um republicano prestes a ser substituído por um correligionário de Carter sobre o qual impende um processo de corrupção.

O orçamento

Demonstrando, uma vez mais, as novas prioridades da política externa americana (que se mostra agora primacialmente interessada em consolidar as posições do mundo ocidental, tornando-o um bloco tanto quanto possível imune à «contaminação comunista»), Carter apresentou esta semana o orçamento mais vultuoso da história do seu país, onde se destaca um substancial aumento dos gastos com a defesa e a tónica dada ao apetrechamento bélico da NATO. Enquanto o orçamento geral representa, em relação ao último, um acréscimo da ordem dos 2 por cento, o da defesa representa um aumento de 3,4 por cento. No preciso dia em que os EUA anunciavam as suas preocupações com a «defesa» da Europa, um jornal conservador da RFA, «Die Welt», informara, baseando-se em fontes oficiais de Bona, que o dirigente soviético Leonid Brejnev havia dirigido uma mensagem ao chanceler Helmut Schmidt e a outros governantes euro-ocidentais alertando-os contra os perigos que a introdução da bomba de neutrões na NATO representaria para o desanuviamento entre o Leste e o Ocidente.

O optimismo

Quando no Cairo e em Jerusalém os grandes reconciliados de ontem interrompem o diálogo das suas comissões políticas militares, quando as grandes esperanças depositadas em muitas capitais pela viagem espectacular de Sadat a Israel pareciam estar a esfumar-se, o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, a bordo do avião que o levava do Médio Oriente para os EUA, afirmava cheio de optimismo que egípcios e israelitas iriam recomeçar as suas negociações dentro de oito a dez dias. Das duas uma: ou a Casa Branca está repleta de optimistas impenitentes ou as jogadas do Cairo e Jerusalém estão previstas com todos os ingredientes de «volte-face» para atordoar terceiros. Atendo-nos apenas aos factos nus e crus, temos que, neste momento, o diálogo entre israelitas e egípcios continua a ser a conversa de surdos que seria de esperar: enquanto Begin explica a sua intransigência no Parlamento israelita, Sadat parece disposto a uma operação diplomática de grande envergadura. A darmos crédito ao jornal «Al Akhbar», enviados de Sadat, começarão a convergir para capitais ocidentais, árabes e africanas para demonstrarem que «Israel quer a terra árabe e não a paz com os árabes». Tudo isto, no fundo, se dirige a um mesmo interlocutor (Washington), o qual parece, no entanto, pouco assustado com este compasso de espera.

O comércio

Conversações decisivas iniciaram-se esta semana em Genebra no âmbito do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) entre os 38 Estados mais poderosos da comunidade capitalista e 60 países em desenvolvimento. Objectivo: conclusão de acordos sobre o desmantelamento das barreiras que um pouco por todo o mundo se erguem ao livre comércio. Estas conversações (às quais dedicamos a primeira página do «Exclusivo») vêm na sequência do chamado «Tokyo Round», iniciado em 1973, e que em princípio devia estar concluído em 1975. Contudo, problemas políticos e a grave recessão económica que afecta os países capitalistas fizeram adiar o termo das conversações para este ano.

PELO MUNDO

EM BUSCA DE IMAGENS COM 16 BILIÕES DE ANOS

Um telescópio poderosíssimo, tão poderoso que será capaz de captar imagens contemporâneas do nascimento do Universo conhecido, está a chegar à fase final de estudo. Trata-se do telescópio espacial da NASA, que será colocado em órbita terrestre em 1983.

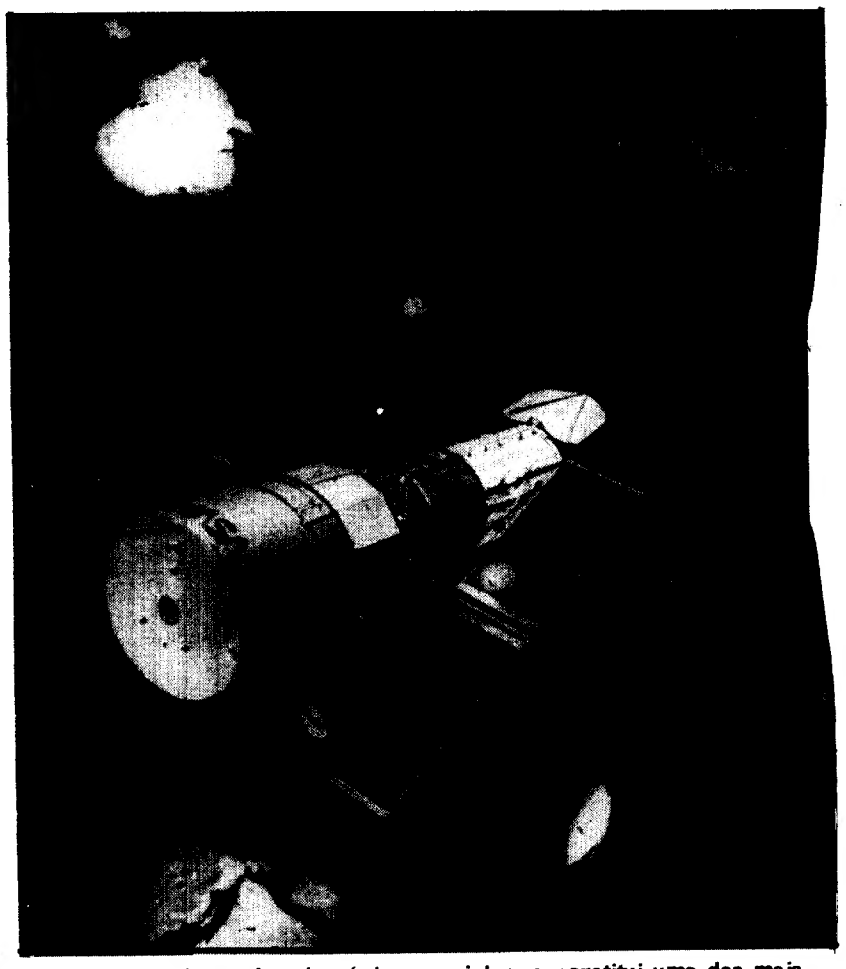
Este telescópio espacial é o projecto astronómico mais ambicioso da História. Como ficará colocado acima da atmosfera (que obscurece todas as imagens recebidas na Terra) poderá detectar os objectos a uma distância sete vezee maior e com uma nitidez 50 vezes superior às obtidas por qualquer instrumento do nosso planeta. Esta capacidade do telescópio habilitará os cientistas a recuarem no tempo até eras próximas do nascimento do Universo conhecido, captando imagens tão distantes que serão observadas a 14 biliões de anos-luz (isto é, as imagens captadas corresponderão àquilo que era emitido pelos astros observados há 14 biliões de anos, data aproximada do nascimento do Universo). Uma câmara supersensível será utilizada para registar estas imagens incríveis. Como estes distantes objectos celestes aparecerão muito nítidos, as imagens serão construídas pela junção de fotões individuais que se combinarão de modo a que a sua posição possa ser registada por uma câmara de TV de baixo nível luminoso. O sinal da câmara será então analisado por uma complexa unidade de padrão de reconhecimento electrónico para construir a imagem do objecto celeste.

O telescópio espacial é um cilindro de 14 metros de comprimento e 5 de diâmetro. O complexo óptico do telescópio terá um espelho de 2,4 metros de espessura. O aparelho, que, como dissemos, será colocado em órbitra terrestre em 1983, ficará a uma altitude de cerca de 500 quilómetros. Embora se trate de um projecto primacialmente americano, cerca de 15 por cento do empreendimento é de responsabilidade europeia. Em compensação desse contributo, os astrónomos europeus terão possibilidades de utilizar 15 por cento do tempo de observação do aparelho.

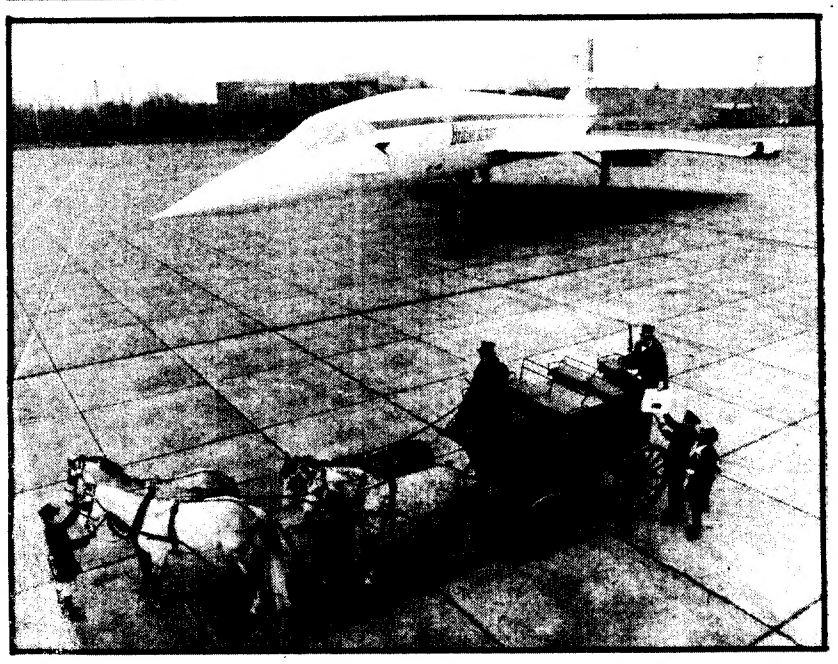
Participam no empreendimento empresas dos seguintes países europeus: Grã-Bretanha, Irlanda, Suécia, Itália, RFA, Dinamarca, Bélgica e Holanda.

Uma vez em órbita, o telescópio será accionado por painéis solares desdobráveis, os quais serão os maiores até hoje lançados no Espaço e que são concebidos de modo a adaptarem-se à nave de vai-vem que colocará o telescópio em órbita. Os painéis construídos por uma firma britânica trabalharão sem falhas durante cinco anos e depois poderão ser separados no Espaço. Quanto ao telescópio, está projectado para subsistir durante 15 anos. Os seus componentes ultra-sensíveis sobreviverão a variações de temperatura, que se situarão entre os 100 graus negativos e os 90 positivos.

Juntamente com a NASA dos EUA, os citados países europeus estarão combinando os últimos conhecimentos da tecnologia espacial numa tentativa de «fotografarem» as imagens mais antigas até hoje vistas pelo ser humano — a luz dos astros mais distantes. ●



Desenho artístico do telescópio espacial, que constitui uma das mais arrojadas incursões humanas pelo domínio da astronomia. (Foto e texto Feriaque)



A EVOLUÇÃO DOS CORREIOS

Esta insólita imagem só podia vir da Grã-Bretanha: com grande pompa, o director dos correios londrinos, Dennis Eyres, chega numa velha mala-posta puxada a quatro cavalos, à pista do aeroporto de Heathrow, onde entrega ao comandante do «Concorde», Leo Budd, um carregamento de correspondência. Assim se inaugurou há dias o serviço postal supersónico «Datapost», que, por intermédio do «Concorde» ligará diariamente Londres e Nova Iorque. (Foto Keystone).

MULHERES ESPANCADAS

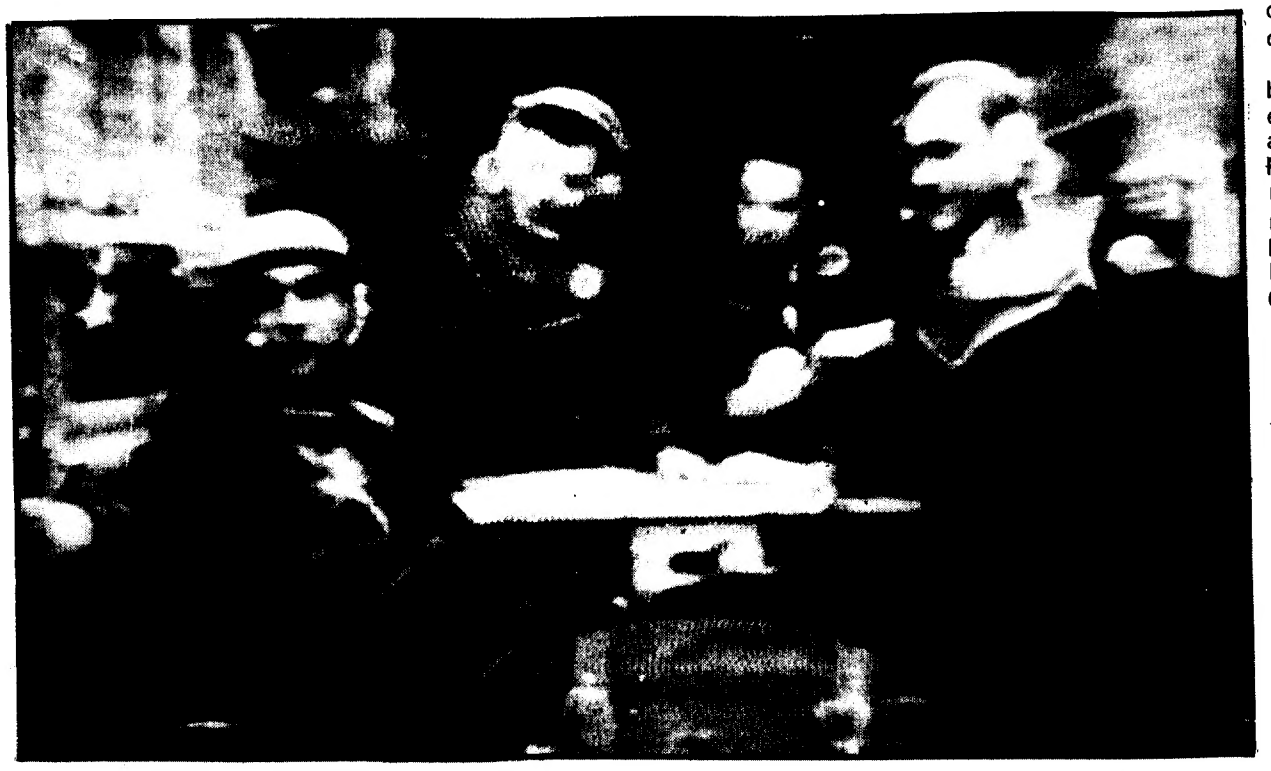
NOVA IORQUE — A sorte das mulheres espancadas pelos maridos mobiliza a opinião pública americana. O Centro de Estudos para uma Política da Mulher acha que há milhares de projectos destinados a auxiliá-las. Trata-se, em geral, de refúgios para mulheres mal tratadas, mas também de ajuda médica, psicológica e legal. O último refúgio é um hotel de cento e vinte quartos, na Broadway, em pleno coração de Manhattan.

Segundo as estatísticas, todos os quatro minutos uma mulher norte-americana é espancada. Este fenómeno não é característico de uma classe social ou de um grupo étnico: um estudo da Universidade de Michigan calcula que 25 por cento dos maridos que batem nas mulheres, estão desempregados; 50 por cento desses homens são operários qualificados ou empregados; os outro 25 por cento são quadros superiores ou têm profissões liberais. O referido estudo mostra que 75 por cento dos homens que batem na mulher, tiveram o exemplo no pai, e que 60 por cento das vítimas provêm de lares onde a mãe era espancada. Essas mulheres não têm possibilidades financeiras para escapar à sua intolerável situação.

Dois deputados, Newton Steer do Maryland e Lindy Boggs, da Louisiana, apresentaram ao Congresso uma proposta de lei com o objectivo de fornecer fundos federais aos programas de socorro moral e material às mulheres espancadas.

Começa a ser exercida nos juízes uma pressão da opinião pública, para que eles deixem de encolher os ombros quando julgam casos de brutalidade exercidas pelos maridos, a pretexto de que se trata de «querelas conjugais». Em quase todas as cidades americanas, a Polícia está a pôr à disposição das mulheres um número especial de telefone para onde podem ligar para pedir ajuda, em caso de emergência. ●

AVENTURA NO ESPAÇO



Cosmonautas soviéticos a bordo da estação orbital «Salyut-6»: os tripulantes das naves «Soyuz-26» e «Soyuz-27» trabalhando em conjunto do laboratório espacial, após a histórica atracagem da última nave àquela estação. Pela primeira vez uma estação orbital recebeu duas tripulações. A foto, obtida por um sistema de comunicações telecósmicas, mostra-nos os astronautas Vladimir Djanibeko e Oleg Makarov (tripulantes da segunda nave, os quais regressaram já à Terra), na companhia dos tripulantes da «Soyuz-26», que continuam ainda no espaço. (Foto «Novosti»).

ESTALINE QUIS UMA ALIANÇA COM A INGLATERRA

O dirigente soviético Joseph Estaline sugeriu uma aliança militar com a Inglaterra, em 1947, de acordo com documentos oficiais britânicos, só agora divulgados.

Os documentos mostram também que nesse ano a Inglaterra estava a admitir a hipótese de alguma espécie de união com a França, ou talvez uma União Europeia Ocidental mais larga, ao mesmo tempo que se via a braços com os problemas da Palestina e do petróleo do Médio Oriente.

A sugestão de Estaline, feita em conversações com o chefe do estado - maior - general - imperial, Lord Montgomery de Alamein, enfrentou uma reacção extremamente cautelosa do governo trabalhista do primeiro-ministro, Clement Attlee.

EXCLUSIVO
N.º 4/78